

INSTITUTO SUPERIOR DE PSICOLOGIA APLICADA

Dissertação de Mestrado em Comportamento
Organizacional Apresentada

por

Noémia Maria Estaca Oliveira Madeira

1994/96

ASSOCIATIVISMO ÉTNICO CABO-VERDIANO E
(RE)CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES

Orientador: Prof. Dr. Albino Lopes
Seminário de Dissertação dirigido por: Prof. Dr. Jorge Ribeiro



Centro de Documentação do I.S.P.A.
Telf. 806 31 84

Desejo expressar os meus agradecimentos ao Professor Doutor Albino Lopes pelas orientações prestadas que resultaram numa colaboração inestimável.

Os conselhos do Professor Doutor Orlindo Gouveia Pereira e do Professor Doutor Jorge Ribeiro também contribuíram decisivamente para este trabalho.

Ao Dr. Vitor Almeida, à Dra. Isabel Tiago e ao Eduardo muito agradeço pelas facilidades concedidas e apoios prestados no tratamento informático.

Para o André, para o José Filipe, para o Vieira e para o Manuel vai um muito obrigada pela colaboração na recolha dos dados.

Para todos os que colaboraram neste trabalho vai igualmente o meu reconhecimento, especialmente à população de Santa Marta de Corroios e Quinta da Princesa, no concelho de Seixal.

Ao meu filho, Luso-Africano pequenino, para que saiba sempre encontrar-se, dedico esta Dissertação.

RESUMO

A presente dissertação refere-se ao estudo do associativismo étnico cabo-verdiano e a (re)construção das identidades.

Baseamo-nos nos trabalhos de Carita e Rosendo (1993) sobre o associativismo cabo-verdiano, em que os autores mencionam que as associações correspondem a uma via privilegiada de preservação das identidades da comunidade cabo-verdiana quando em situação de imigração.

Um dos estudos também por nós seguido é o de Saint-Maurice (1994) sobre esta comunidade, onde a autora refere a existência de elites dentro desta população.

Com base nestes pressupostos, consideramos como variáveis independentes ser sócio ou não de uma associação de cabo-verdianos e pertencer ou não a uma elite, segundo o grau de escolaridade possuído.

As variáveis dependentes que consideramos correspondem a Identificação e sentimento de Pertença ao grupo étnico.

Estudamos as variáveis referidas através da aplicação de um questionário a uma amostra probabilística acidental de 11

sujeitos cabo-verdianos nascidos em Cabo-Verde ou nascidos noutros países, mas pertencentes à primeira geração.

Tendo em conta as variáveis estudadas, utilizamos um design de pesquisa com o seguinte plano factorial: 2 x 2. Contudo, em determinadas situações utilizamos um design de pesquisa correspondente a 2 x 3.

No que respeita aos sujeitos associados, estudamo-los no contexto de duas associações à partida diferenciadas - Associação Cabo-Verdiana do Seixal e Associação dos Antigos Alunos do Ensino Secundário de Cabo-Verde. Os não associados são estudados por indicação de amigos e conhecidos dos sócios, com a colaboração dos líderes das associações.

Os dados do questionário são submetidos a tratamento estatístico, com incidência preferencial sobre o teste de Mann-Whitney e o Teste de Qui-Quadrado. Utilizamos também Correlação (coeficiente de Spearman), mas apenas aplicada a umas das questões do questionário.

Dos resultados obtidos destaca-se:

- diferenças significativas entre ser ou não sócio no que respeita à identificação, mas não no que se refere ao sentimento de pertença, pelo que consideramos que as associações servem necessidades imediatas dos indivíduos e não as de um nível mais profundo (para a Identificação o valo

Teste de Mann-Whitney obtido é de 612,5-U-, com o $p=.0455$, isto é $p<.05$; para a Pertença, o valor de U é de 584,0 com $p=.0602$, portanto, $p>.05$);

- a existência de elites mostra-se algo controversa na nossa amostra, parecendo destacar-se uma classe intermédia diferenciada dos restantes sujeitos;

Assim, é possível afirmar que:

- as associações constituem efectivamente estruturas organizativas que preservam as identidades, embora servindo necessidades de carácter imediato dos indivíduos;

- é controverso considerar a comunidade cabo-verdiana dividida em classes sociais quando estamos perante uma população imigrada, longe da sociedade de origem e presente numa sociedade de acolhimento provavelmente sentida como hostil, onde a identidade cultural e específica é reforçada através das estruturas associativas.

LISTA DE FIGURAS, QUADROS E TABELAS

FIGURA 1: Processos de (re)construção de identidades propostos por Saint-Maurice (1994)	54
FIGURA 2: Esquema das previsões apontadas pelas hipóteses	91
QUADRO 1: Relação das hipóteses com os dados do questionário	97
TABELA 1: Teste de Mann-Withney - Ser ou não Associado/Identificação	99
TABELA 2: Teste de Mann-Withney- Ser ou não Associado/Pertença	100
TABELA 3: Teste de Mann-Withney- Ser ou não Elite (2 grupos)/Identificação	101
TABELA 4: Teste de Mann-Withney- Ser ou não Elite (2 grupos)/Pertença	101
TABELA 5: Teste de Qui-Quadrado para as formas de identificação (Língua) ao grupo étnico consoante a escolaridade possuída	105
TABELA 6: Teste de Qui-Quadrado para as formas de identificação (Religião) ao grupo étnico consoante a escolaridade possuída	105
TABELA 7: Teste de Qui-Quadrado para as formas de identificação (Raça) ao grupo étnico consoante a escolaridade possuída	105

TABELA 8: Teste de Qui-Quadrado/Elites (3 grupos) - - Convívio com Cabo-Verdianos	108
TABELA 9: Teste de Qui-Quadrado/Elites (3 grupos) - - Convívio com outras gentes	109
TABELA 10: Teste de Qui-Quadrado/Elites (3 grupos) - - Partilhar a mesma Língua	110
TABELA 11: Teste de Qui-Quadrado/Elites (3 grupos) - - Oportunidade de comer comida de Cabo-Verde	111
TABELA 12: Teste de Qui-Quadrado/Elites (3 grupos) - - Ouvir e dançar música de Cabo-Verde	112
TABELA 13: Teste de Qui-Quadrado/Elites (3 grupos) - - Falar da Terra	113
TABELA 14: Teste de Qui-Quadrado/Elites (3 grupos) - - Partilhar os mesmos cultos religiosos	114
TABELA 15: Teste de Qui-Quadrado - Elites e não elites (2 grupos) - Integração inicial consoante o tipo de alojamento	117
TABELA 16: Teste de Qui-Quadrado - Elites e não elites (3 grupos) - Integração inicial consoante o tipo de alojamento	118
TABELA 17: Teste de Mann-Withney - Comparação entre as duas associações/Identificação	119
TABELA 18: Teste de Mann-Withney - Comparação entre as duas associações/Pertença	120

TABELA 19: Teste de Mann-Withney - Alimentação/Elites e não elites (2 grupos)	122
TABELA 20: Teste de Mann-Withney - Vestuário/Elites e não elites (2 grupos)	122
TABELA 21: Teste de Mann-Withney - Tempos livres/Elites e não elites (2 grupos)	123
TABELA 22: Teste de Mann-Withney - Convívio/Elites e não elites (2 grupos)	123
TABELA 23: Teste de Mann-Withney - Religião/Elites e não elites (2 grupos)	124
TABELA 24: Teste de Mann-Withney - Ritmo de vida/Elites e não elites (2 grupos)	124
TABELA 25: Teste de Mann-Withney - Identificação/ /Naturalidade	126
TABELA 26: Teste de Mann-Withney - Pertença/ /Naturalidade	127
TABELA 27: Teste de Mann-Withney -Identificação/ /Nacionalidade	128
TABELA 28: Teste de Mann-Withney -Pertença/ /Nacionalidade	128
TABELA 29: Matriz de correlações/Época de chegada a Portugal	129

**ASSOCIATIVISMO ÉTNICO CABO-VERDIANO E
(RE)CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES**

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	4
Contexto Histórico e Social da Comunidade Imigrante de Cabo-Verde em Portugal	6
Associativismo e Etnicidade	13
Associativismo e Poder	23
Acção Social Colectiva dos Grupos Étnicos	32
Etnicidade e Identidades	40
Multiculturalismo e Interculturalidade	58
Formulação das Hipóteses	78
MÉTODO	80
Objectivo do Estudo	80
Sujeitos-Amostra	80
Design de Pesquisa	82
Contexto do estudo	83
Associação Cabo-Verdiana do Seixal	84
Associação dos Antigos Alunos do Ensino Secundário de Cabo-Verde	86
Operacionalização das Variáveis	89
Variáveis Independentes	89
Variáveis Dependentes	90
Previsões	91
Instrumento	91
Procedimentos	92
Pré-teste	92
Questionário-teste	94
Tratamento dos dados	95

RESULTADOS	98
DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	130
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	145

ANEXOS

Anexo n°1	Caracterização da Amostra
Anexo n°2	Pré-teste
Anexo n°3	Questionário-Teste
Anexo n°4	Matriz dos resultados brutos, médias e desvios padrão (idade e questões ordinais) e cálculo do coeficiente Alpha de Cronbach do Pré-teste
Anexo n°5	Frequências e percentagens do pré-teste
Anexo n°6	Matriz dos resultados brutos, médias e desvios padrão (idade e questões ordinais) do Pré-teste
Anexo n°7	Frequências e percentagens do Questionário-teste
Anexo n°8	Lista de Códigos para interpretação das perguntas abertas do questionário-teste
Anexo n°9	Resultados do Questionário-teste após tratamneto estatístico dos dados
Anexo n°10	Estatutos da Associação Cabo-verdiana do Seixal
Anexo n°11	Regulamento Interno da Associação Cabo-verdiana do Seixal
Anexo n°12	Estatuto da Associação dos Antigos Alunos do Ensino Secundário de Cabo Verde
Anexo n°13	Estatuto de Utilidade Pública da Associação dos Antigos Alunos do Ensino Secundário de Cabo Verde
Anexo n°14	Regulamento Interno da Associação dos Antigos

INTRODUÇÃO

"Julgaram os homens necessário fundar nações e o que fizeram? As cidades reuniram-se às cidades e estas formaram-se reunindo-se povos a povos, estes agregando famílias, estas indivíduos a indivíduos. Isto é, associaram-se".

(Goodolphim, C. 1876)

A nossa convivência com o movimento associativo, decorrente de uma situação profissional que tem como interlocutores privilegiados os dirigentes das associações, origina uma reflexão sobre esta área, nomeadamente no que concerne ao associativismo imigrante de carácter étnico, levando-nos inclusivamente a ter uma participação activa numa Associação Africana sediada no concelho onde se insere a nossa organização laboral.

A especificidade própria destas associações, com similitudes mas também contrastes com as demais estruturas associativas, fundamentalmente colectividades de cultura e recreio, dá origem neste trabalho a uma reflexão mais aprofundada sobre os motivos que levam os indivíduos a associarem-se em grupos étnicos, onde o sentimento de pertença aos mesmos e a tentativa de manter a identificação com traços culturais duma sociedade de origem longínqua, parecem

salientar-se com particular relevo. Deste modo, tentamos levar a efeito um estudo que ponha fundamentalmente em destaque estes aspectos, ou seja, procurámos investigar o papel das estruturas associativas na defesa dos interesses dos grupos minoritários, na integração social dos sujeitos e na preservação e (re)construção das identidades, parecendo-nos que estas indiciam que entram em crise como resultado do confronto com uma sociedade totalmente distinta do país natal.

Para além destes factos, a nossa relação familiar estreita com indivíduos africanos de segunda geração, onde África surge como uma saudade nunca satisfeita, alimentando um imaginário quase infantil da Terra perdida e que se teima em reencontrar, motiva-nos igualmente a dar corpo à investigação que passamos a apresentar.

Sendo impossível, por limitações operacionais e temporais estudar todas as comunidades africanas residentes no nosso país, optámos pelo estudo da comunidade cabo-verdiana, não só pela sua expressão numérica, como também devido ao seu contexto histórico, social e cultural, com fortes tradições de imigração, que abordaremos seguidamente, de forma sucinta.¹

¹ Em 31 de Dezembro de 1994 o número de imigrantes cabo-verdianos era de 36.560, situando-se 66,4% no distrito de Lisboa e de 19,5% no distrito de Setúbal.

Fonte: Cadernos Centro Padre Neves Correia /1.

Contexto Histórico e Social da Comunidade Imigrante de Cabo-Verde em Portugal

Durante a segunda metade da década de sessenta, dá-se a intensificação do processo de industrialização e a entrada de Portugal na EFTA, tendo por consequência a abertura da economia do país ao investimento estrangeiro (Esteves, 1991). É nesta época que começa a ganhar corpo, embora de forma muito ténue, o actual fluxo imigratório com origem nas colónias africanas, principalmente de Cabo Verde. Esta primeira geração de imigrantes, incentivados pelas entidades governamentais, vêm preencher o vazio deixado, em certos sectores da economia, pelos nosso emigrantes e pelos jovens mobilizados pela guerra colonial (França, 1992), e criará as bases para o estabelecimento de uma cadeia migratória consolidada entre Cabo Verde e Portugal (Esteves, 1991). Uma segunda geração chega no período após 25 de Abril de 74 e é no seio deste grupo que parece desenhar-se uma elite, contrastando com as condições reais de existência do grupo anterior (França, 1992). Uma terceira geração de imigrantes é composta pelos indivíduos vindos no início da década de 80 que, acolhidos por uma crise económica aguda vivida em Portugal, integram as camadas da população mais desqualificada (França, 1992), empregues sobretudo na construção civil (Esteves, 1991), revelando também baixos níveis de escolaridade (França, 1992).

A comunidade cabo-verdiana transportou consigo formas de estar e de se relacionar entre si desenvolvidas ao longo da sua história e condicionadas pelo seu meio ambiente (França, 1992). Com a emigração esta comunidade encontrou-se num outro meio, neste caso a sociedade portuguesa, com regras e formas de estar diferentes e muitas delas até contrastantes com as suas (França, 1992). A inserção numa sociedade que lhe é estranha obriga o imigrante cabo-verdiano a encontrar mecanismos de defesa, socorrendo-se dos meios ao seu alcance para recriar, na medida do possível, a sua realidade de origem, formando na sociedade de acolhimento um grupo étnico, com fortes laços entre si, de forma a permitir manter a identidade cultural e simbólica (França, 1992). Um desses mecanismos de defesa corresponde à promoção de associações, de carácter étnico, de forma a contribuir para a construção e manutenção de uma identidade cultural e social da comunidade cabo-verdiana em Portugal, para a integração do imigrante no sistema económico, legal, social e político da sociedade portuguesa, assumindo-se ainda como um instrumento de intervenção social e político na defesa dos interesses colectivos dessa comunidade (Carita e Rosendo, 1993).

Este papel de mediação entre a comunidade e o Estado, entre o indivíduo e a sociedade, assume um aspecto fundamental no associativismo cabo-verdiano, como uma das poucas formas

institucionais e formalizadas existentes de dar voz a um grupo étnico minoritário (Carita e Rosendo, 1993).

Para a compreensão da emergência do associativismo cabo-verdiano em Portugal, bem como a sua evolução até aos nossos dias, torna-se necessário abordar, sinteticamente, algumas questões relativas à própria natureza e história de Cabo-Verde, o que nos permitirá compreender a própria dinâmica do associativismo, conforme propõem Carita e Rosendo (1993) no seu trabalho sobre a Associação de Cabo-Verde em Portugal. É também de salientar as abordagens de Carreira (1977) e Caldeira (1993) sobre o povo Cabo-Verdiano.

Cabo-Verde, ex-colónia portuguesa e Estado Soberano desde 5 de Julho de 1975, é um arquipélago de dez ilhas e cinco ilhéus situado na terra sub-Sahariana de África, com uma superfície de 4033 Km². A sua população distribui-se por nove das dez ilhas, dispostas em dois grandes grupos: O de Barlavento e o de Sotavento. No primeiro grupo incluem-se S. Antão, S. Vicente, Santa Luzia (desabitada), S. Nicolau, Sal, Boa Vista e os Ilhéus Branco e Raso e do segundo grupo fazem parte Maio, Santiago, Fogo, Bravo e os Ilhéus Grande, Luís Carneiro e Cina (Carita e Rosendo, 1993).

Quando, em 1460, António de Nola e Diogo Gomes aportaram ao arquipélago, encontraram as ilhas desabitadas. Este é um dos

aspectos da originalidade da colonização de Cabo-Verde, pois a população que veio povoar o arquipélago era toda estranha ao território, quer a parte europeia, quer a parte africana (Caldeira, 1993).

De facto, os portugueses foram buscar os seus escravos à costa ocidental de África, acrescentando à circunstância agressiva do cativo a "desnacionalização", ou seja, o corte compulsivo de indivíduos, oriundos de várias etnias (Manjacos, Mandingas, Balantas, Fulas e outros) com o espaço físico da sua organização social e com as suas raízes culturais tradicionais (Caldeira, 1993). A população negra que ocupa Cabo-Verde não é, assim, homogénea do ponto de vista étnico, tendo, decerto, a criação do "Crioulo" a ver com a necessidade de comunicação e homogeneização, não só entre africanos e europeus, mas também entre as várias etnias africanas (Caldeira, 1993). A transplantação do escravo para o arquipélago condiciona a sua relação com África, tornada uma realidade distante, no tempo e no espaço, contudo presentificado nas vidas sacrificadas dos ilhéus (Caldeira, 1993).¹

*(...) Nesta terra morna e calma
Profunda e densa como um túnel
O rumorejar longínquo das palmeiras
Varrendo o céu*

¹ Estas referências rareiam nos textos Cabo-Verdianos, circunscrevendo-se quase sempre à representação de um passado escravo.

É misteriosa voz do negro martirizado.

Prendo os meus gestos e o meu grito abafo.

Silêncio...

No poço da paz nocturna

Interceptada

Pela orgia sincopada

Das estrelas e dos grilos,

Arrasta-se o vão lamento

Da África dos meus avós,

Do coração desta noite,

Ferido, sangrando ainda

Entre suores e chicotes(...)

(Aguinaldo Fonseca, "Magia Negra", 1951, in Caldeira, 1993).

O arquipélago tem uma longa tradição de imigrações que se reportam aos inícios do Séc. XVIII (Carreira, 1977). As suas causas estiveram desde sempre relacionadas com a impossibilidade do arquipélago garantir a auto-subsistência, devido aos longos períodos de seca, à escassez de bons solos e à forma como toda a estrutura económica foi erigida pelas administrações coloniais (Carreira, 1977). Com uma base económica sustentada numa agricultura e pesca arcaicas, a que se alia a diferenciação económica social entre o Barlavento e Sotavento, devido a uma política colonial discriminatória, com

um incipiente desenvolvimento industrial e débeis investimentos, com a fragilidade de estruturas no campo da assistência social, educação e saúde, a que se junta uma forte pressão demográfica, facilmente se compreende a razão dos fluxos migratórios cabo-verdianos (Carita e Rosendo, 1993), criando-se uma forte dependência e repercussão económica, social e cultural dos efeitos da emigração (Carreira, 1977).

São três os grandes fluxos migratórios de Cabo-Verde no séc. XX: 1900 - 1920, 1927 - 1945 e a segunda metade do século, que se pode subdividir em três períodos, designadamente, 1946 - 1973, 1974 - 1975 e após 1975 (Carita e Rosendo, 1993). A cada um destes períodos corresponde um determinado contexto histórico, social, político e económico, que acompanha a variação de sociedades de destino (Carita e Rosendo, 1993). No início do século a emigração cabo-verdiana dirige-se na sua quase totalidade para os Estados Unidos da América, seguindo-se em 1927 - 45 um desvio de corrente migratória para Brasil e Argentina (Carita e Rosendo, 1993).

Na segunda metade do séc. XX dá-se a inflexão do fluxo migratório para a Europa, primeiro para a Holanda, países Escandinavos, França e Luxemburgo e países do Sul como Itália e Portugal (Carita e Rosendo, 1993). A partir da década de 60, o fluxo migratório orienta-se quase exclusivamente para Portugal, que serve também como escala intermediária para outros países

da Europa (Carita e Rosendo, 1993). A imigração intensifica-se após a independência (1975), posteriormente diminui e intensifica-se novamente na década de 80 por razões de reagrupamento familiar (Carita e Rosendo, 1993).

A estas três fases do fluxo migratório de cabo-verdianos em Portugal correspondem, de alguma forma, três períodos que marcam a evolução do associativismo cabo-verdiano (Carita e Rosendo, 1993):

. o núcleo de imigrantes existentes em Portugal já na década de 60 (que são elementos no cume de uma pirâmide de estratificação social da comunidade imigrante), constituem, em 1970, a casa de Cabo Verde, dissociada da massa de imigrantes não qualificados que chegam nos finais dos anos 60 até meados dos anos 70;

. em 1976 dá-se a criação da Associação de Cabo-Verdianos e Guineenses, cuja orientação, totalmente diferente, se caracteriza por uma adesão massiva dos imigrantes não qualificados chegados entretanto a Portugal e pelo início da intervenção comunitária procurando resolver alguns dos seus problemas;

. verifica-se um enfraquecimento associativo a partir de 1978. Devido ao golpe de Estado de 1980 na Guiné, em 1981 a Associação de Cabo-Verdianos e Guineenses sofre uma mutação e dá lugar à actual Associação Cabo-Verdiana. Por outro lado, a partir de meados da década de 80, verifica-se a proliferação de

associações Cabo-Verdianas nos bairros residenciais da massa de imigrantes não qualificados. Esta fase é também marcada pelo incremento da intervenção comunitária e pelo início da intervenção política na defesa dos interesses da comunidade Cabo-Verdiana em Portugal.

Associativismo e Etnicidade¹

Solidão

*Na minha terra há um rio
que nunca vai ter ao mar
trago-o eu dentro do peito
o meu corpo é o seu leito
onde ele se pode espriar.*

*Na minha terra há um pranto
duma mãe que o não secou
escorre nas minhas veias
como mar por entre areias
que o Oceano afundou.*

*Na minha terra há um porto
com barcos por atracar
as amarras trago-as eu
no destino que me deu
outro porto pr'a embarcar.*

*Na minha terra há um mundo
diferente deste onde estou.
Mas não o trago comigo*

¹ Este tema já foi abordado pela autora deste trabalho, numa versão reduzida. - Madeira, N. (1996). Associativismo e Identidades. Ed. Câmara Municipal da Moita

*ficou para o meu castigo
no canto do ôssobô.*

*Maria Olinda Beja - 1993 ¹
ôssobô - pássaro de cores exóticas,
cujo canto anuncia a chuva.*

Em Portugal, após 1974, verificou-se uma notável inflexão no sentido dos fluxos internacionais da população, por via da conjugação de diversos movimentos - a retracção da emigração para a Europa, conjugada com o retorno dos emigrantes aí estabelecidos e, por outro lado, os efeitos da descolonização consubstanciados no repatriamento dos portugueses residentes nas colónias e na imigração proveniente dos PALOP (Saint-Maurice e Pires, 1989).

As transformações políticas e sociais decorrentes da revolução de Abril foram acompanhadas por profundas inflexões no padrão dos movimentos migratórios internacionais de e para Portugal, através da diminuição da emigração, na vinda dos portugueses residentes nos antigos territórios coloniais em África, tendo-se verificado igualmente uma aceleração muito rápida do crescimento da população estrangeira residente, principalmente oriunda dos Países de Língua Oficial Portuguesa (Esteves, 1991). Deste modo, a presença africana no nosso país, reduzida até 25 de Abril de 1974 apenas a um núcleo de

¹ In Entrelaços (1995). Lisboa: Ed. Seies

população cabo-verdiana vinda para Portugal nos anos 60, que cresceu e se diversificou, apresenta um aumento considerável nos anos 80 e passa a ter as características básicas dos fenómenos migratórios de motivação económica (Machado, 1994).

Sem ter deixado de ser país de emigração, Portugal torna-se também país de imigração (Machado, 1994), podendo-se dizer que a imigração e a emigração são duas formas de êxodo em Portugal (Antunes, 1981).

O movimento imigratório verificado nos últimos anos aproxima-se agora da situação clássica de imigração de força de trabalho não qualificada (Machado, 1992), observando-se alterações na distribuição da população por sectores de actividade, assim como na sua distribuição espacial no território português. Porém, a imigração é um fenómeno pouco conhecido e de reduzida visibilidade em Portugal, não sendo uma temática privilegiada nos estudos da população (Esteves, 1991).

Machado (1992) considera que, apesar do aumento e da diversificação dos indivíduos oriundos dos PALOP, a relevância social do fenómeno da etnicidade na sociedade portuguesa é, até ao momento, pouco expressiva. Contudo, para o autor, a emergência de formas de acção colectiva entre os imigrantes é considerada o grau zero da politização da etnicidade,

constituindo uma das facetas mais salientes deste fenómeno nas sociedades contemporâneas. Trata-se da entrada dos imigrantes e das questões étnicas na cena política, que se traduz em diversas formas de pressão sobre o Estado, visando a obtenção de direitos e de recursos. Geralmente protagonizadas pelo movimento associativo, essas formas de pressão são, afinal, o resultado da percepção política, por parte dos imigrantes, da situação de maior ou menor contraste em que se encontram nas sociedades de acolhimento e contribuem, por si próprias, para uma maior demarcação dessas comunidades face aos contextos envolventes e para o aumento da sua visibilidade social (Machado, 1992).

O associativismo de carácter étnico surge então como um instrumento aglutinador das expectativas e exigências dos imigrantes pertencentes a comunidades minoritárias na sociedade de acolhimento, para além de ser uma tentativa de preservar a própria identidade social e cultural (Carita e Rosendo, 1993).

Estas comunidades, consideradas como minorias étnicas, isto é (Costa e Pimenta, 1991), como grupos subalternos, dominados, são objecto de atitudes discriminatórias e de segregação por parte da sociedade maioritária onde vivem. Esta designação de minorias étnicas está associada a uma situação prolongada de endogamia e à conservação de normas e referências de uma cultura específica (Trindade, 1993a), aparecendo

frequentemente associada a uma condição social desprivilegiada, a um padrão de comportamento e valores contrastantes com a cultura envolvente e, também, em vários casos, à mobilização para formas de acção política socialmente disruptivas (Machado, 1992), em que o associativismo étnico, ao exprimir a voz de uma comunidade minoritária sujeita a uma dominação simbólica, política, económica e social, assume particular relevo (Carita e Rosendo, 1993).

Idêntica posição é encontrada em Rex (1986) quando este autor considera que as minorias são alvo de discriminação, dando como exemplo a falta de acesso aos lugares de decisão dos sindicatos de classe, obrigando as comunidades étnicas a formar associações próprias para salvaguardarem os seus interesses.

Para Machado (1992), a etnicidade está intimamente relacionada com a pertença a determinados grupos étnicos e situa-se no plano das desigualdades sociais, das identidades culturais e das formas de acção colectiva. Etnicidade refere-se, assim, a um termo de natureza antropológica, que exprime as relações entre entidades sócio-culturais marcadas por algum grau de comunhão cultural e social - grupo étnico - em contextos interactivos, multiculturais e multiétnicos, nas sociedades contemporâneas (Cohen, 1978, in Costa e Pimenta, 1991), entendida como um sentimento de pertença grupal no interior de uma colectividade, sendo uma das variáveis que

entram nas relações inter-grupais, em maior ou menor grau (Costa e Pimenta, 1991). A etnicidade surge, deste modo, como uma base identitária de defesa dos interesses de um grupo numa sociedade caracterizada por relações de dominação de uma maioria sobre uma minoria (Carita e Rosendo, 1993).

Para Saint-Maurice (1994) é no quadro da interacção que deve ser conceptualizada a questão da etnicidade, como resultado de um conjunto de representações que os grupos interactuantes constroem quando se confrontam.

Cashmore (1988) entende a etnicidade como um fenómeno reactivo: o grupo étnico é sempre uma reacção às condições, mais do que uma agitação espontânea das pessoas que, de repente, sentem a urgência de se expressarem através de um grupo. Para este autor, que assume uma posição claramente marxista, a etnicidade é um fenómeno cultural, mas é sobretudo uma resposta a condições materiais, uma reacção às formas de exploração, em que o conflito é posicionado na esfera da produção económica.

O carácter efémero e subjectivo da etnicidade é salientado por Rex (1986), quando afirma que ela existe na medida em que os indivíduos a queiram, mas que pode enfraquecer com o evoluir das gerações, para além de que, quando o indivíduo sobe na escala social, vai-se tornando menos étnico. A etnia, enquanto

factor primeiro (porque visível e indelével, já que para além de tudo se sobrepõe à raça) de estruturação das interações entre maioria e minoria, dilui-se no momento em que a classe social faz aproximar indivíduos que partilham de um estatuto sócio-económico mais elevado (Saint-Maurice, 1994). Nuns grupos a classe social parece sobrepor-se ao efeito da etnia, enquanto noutros, ela dilui-se para se afirmar na identidade étnica que confere coesão simbólica à comunidade (Saint-Maurice, 1994).

Machado (1992) entende que existem dois aspectos centrais na problemática da etnicidade em Portugal: amplitude dos contrastes das minorias étnicas com a população portuguesa e o processo de politização da etnicidade. Quanto ao primeiro aspecto, o autor não encontra grandes contrastes das minorias com a população portuguesa, dado que estes grupos apresentam estruturas de classes não muito diferentes das existentes em Portugal, sendo relativamente baixo o peso das minorias étnicas no conjunto das categorias sociais que têm uma condição social desprivilegiada. Parte significativa da população portuguesa tem uma condição social que pouco a distingue dos membros mais desfavorecidos das minorias étnicas, tendo em conta alguns elementos patentes nos estudos sobre a problemática da pobreza em Portugal. A percentagem de pobres nas minorias étnicas é elevada, mas a percentagem das minorias étnicas entre os pobres é muito pequena. Uma parte significativa dos membros das minorias reside em zonas de habitação degradada na área da

Grande Lisboa, mas esse estatuto social é partilhado por contingentes, frequentemente mais numerosos, da população portuguesa composta, fundamentalmente, por migrantes rurais mal sucedidos na sua inserção no espaço urbano, havendo uma coexistência pluriétnica.¹

"Há muitos anos atrás ela deixou a Terra. A Terra quente, vermelha e mãe dos seus sonhos de criança. Agora ela está aqui. Com pele escura e cabelos encaracolados, caminha pelas ruas que não conhece, na vila estranha e hostil aos desejos de Sol e cor... Em "caixa sobre caixa" (centenas delas!), numa imensa plantação branca, simétrica e cheia de barras, vive a Caracolinhos. Adormece vezes sem conta. E então sonha... Aquelas árvores, grandes, verdes, luxuriantes, cheias de bagas e de frutos... Os rios transparentes... A "mãe preta" com o mano às costas, a achatar mais o nariz, nos longos sonos dormidos lá na plantação do café... Foi-se a Terra, foi-se o sonho... Agora ela está aqui. A viver numa "caixa branca" cheia de barras. Igual a tantas outras. À noite, sentada no chão da rua, num cântico em surdina, evoca a Terra... As saudades... Lágrimas na cara escura e agreste. E então diz: "Tive uma Terra sem fim... tive o calor e o Sol... Agora só tenho esta canção e as minhas lágrimas". Caracolinhos é a mulher que já foi criança a correr pelo verde da floresta. Hoje é uma mulher a morar na "plantação branca". É mesmo aqui ao lado. Não conhecemos."

Quanto à politização da etnicidade, Machado (1992) considera que se começa a verificar dois protagonistas principais: o movimento associativo ligado às minorias étnicas

1

Durante dez anos a autora deste trabalho vive no Vale da Amoreira, concelho da Moita, num bairro de habitação social onde moravam milhares de pessoas provenientes dos PALOP. Em 1989, o Município da Moita realizou as I Jornadas de Reflexão "O Município que somos... o Futuro que queremos", onde a autora faz uma intervenção a alertar para os problemas da desintegração social dos Africanos, ilustrada pela história da "Caracolinhos".

e o Estado. Porém, para o autor, a politização da etnicidade tende a acontecer apenas depois de alguns anos de presença das minorias imigrantes, ou seja, quando elas conhecem já algum grau de sedentarização, em que a formação de disposições associativas e políticas por parte dos imigrantes vai depender do modo como as expectativas de integração evoluem ao longo da sua estadia na sociedade de acolhimento e à medida que eles se vão confrontando com um determinado grau de oportunidades. As expectativas iniciais de sucesso, bem como a convicção de um retorno a não muito longo prazo aos países de origem, tornam menos provável o surgimento de acções associativas e políticas logo nos primeiros anos de imigração (Machado, 1992).

Inicialmente, a fixação dos imigrantes é facilitada pelo acesso a redes sociais de parentesco e amizades já existentes no país de acolhimento e nesta primeira fase há a existência de familiaridade social entre os indivíduos, que se unem sob objectivos e interesses comuns, havendo estratégias para obter sucesso na adaptação ao novo meio (Carita e Rosendo, 1993). Posteriormente, quando é maior a integração, verifica-se um certo desfasamento e debilidade das relações iniciais, tendo os vínculos de parentesco e amizade cumprido a sua missão de intermediários (Carita e Rosendo, 1993). No entanto, estes vínculos não desaparecem totalmente, passando a funcionar como elementos de identificação com os traços sociais e culturais da sociedade de origem (Carita e Rosendo, 1993). A necessidade de

manter uma identidade social e cultural numa sociedade que lhes é estranha, leva a que os imigrantes consolidem o grupo como uma transplantação da comunidade de origem para o novo meio social, instaurando-se, simultaneamente, um conflito interno e pessoal em cada indivíduo, entre a sua sociedade natal e a nova sociedade que o acolheu (Carita e Rosendo, 1993). Há, por um lado, a consolidação de um grupo diferenciado e com forte solidariedade e coesão interna na tentativa de manter a identidade e, por outro, esta tentativa é confrontada com o processo de integração e adaptação às novas redes sociais que necessariamente se estabelecem, criando-se o risco de marginalização exterior do grupo (Carita e Rosendo, 1993). Estabelece-se então uma relação ambígua entre a sociedade de origem e a sociedade de acolhimento, (Carita e Rosendo, 1993), o que pode levar a uma crise de identidade cultural (Antunes, 1991).

A necessidade de atenuar esta ambiguidade pode revestir-se de diversas formas: o regresso ao país natal, a integração plena ou a formação de organizações associativas que contemplem a integração e que permitam, simultaneamente, preservar a identidade, compensando eventuais conflitos e tensões (Carita e Rosendo, 1993).

Assim, o associativismo aparece como uma via para minimizar ou resolver os efeitos das ambiguidades, servindo de

conciliador e intermediário entre a integração e a preservação das identidades (Carita e Rosendo, 1993).

Associativismo e Poder

De acordo com Meister (1972), as associações constituem grupos organizados, formais, baseados sobre o recrutamento voluntário de várias pessoas que põem em comum os seus conhecimentos, as suas capacidades e actividades, com o objectivo de partilharem benefícios. Esta definição é idêntica à formulada por Banton e Sills (1972), que consideram as associações como grupos de indivíduos voluntários e organizados, formados para atingir e defender determinados interesses comuns¹.

Na Idade Média já existia a organização de um amplo movimento associativo, materializado nas Confrarias (Abreu, 1985). A partir do Séc. XIII, com o progressivo desenvolvimento das diferentes actividades artesanais de índole caseira e rural em artes e ofícios urbanos, orientados para o comércio, dá-se a transformação de grande parte das Confrarias em Associações de Mesteres (Abreu, 1985). Nesta época, o trabalho não é uma actividade autónoma e abstracta face às outras dimensões da vida, assume-se como fonte de toda a cultura popular.

Correspondia a uma vida comunitária em que toda a socialização se faz pela convivência e pelo trabalho, alicerçado pelas relações de vizinhança e ajuda recíproca. Corresponde a uma vida em que o sobreviver e o conviver ganham significado num profundo e quotidiano enlaçamento dos homens entre si (Abreu, 1985), formando uma sociedade de interconhecimento, baseada na homogeneidade das ocupações e na fraca mobilidade social (Esteves, 1990). Os valores sociais reflectem então a estabilidade do sistema, reforçando o controlo social e opondo-se às mudanças e iniciativas que podem pôr em causa o equilíbrio social, concorrendo para a homogeneidade cultural da comunidade (Esteves, 1990).

Contudo, a revolução "industrial", iniciada nos finais do Séc. XVIII na Inglaterra e operada em toda a Europa durante o Séc. XIX, vai transformar radicalmente a vida humana e o quadro sócio-económico (Abreu, 1985). O desenvolvimento das técnicas vai possibilitar uma mecanização crescente da produção, com concentração das indústrias nas grandes cidades e a ampliação destas (Abreu, 1985). Esta evolução vai acelerar a destruição dos vínculos económicos e políticos que ligavam o camponês à actividade agrícola e ao senhor feudal, condição para o grande movimento migratório dos camponeses para os centros industriais (Abreu, 1985). É o movimento do campo para a cidade. As cidades transformam-se rapidamente em grandes centros populacionais,

¹ O direito de associação, no nosso país, encontra-se hoje consagrado no art. 46º da Constituição da República Portuguesa

que recebem este fluxo humano criando-se uma nova classe social: os operários (Abreu, 1985).

As primeiras gerações de operários, provenientes sobretudo do mundo rural e do artesanato, vão-se confrontar com uma radical alteração dos valores e da cultura que as caracterizavam. As péssimas condições de existência da vida das classes trabalhadoras durante grande parte do Séc. XIX agudizam a violência deste processo de aculturação (Abreu, 1985), destruindo os quadros tradicionais de sociabilidade e de convívio (Esteves, 1990).

A instauração da sociedade capitalista origina uma primeira autonomia e diferenciação das classes sociais que, anteriormente, se encontravam difusas e que por esta razão mantinham um espírito interclassista nas suas formas associativas (Abreu, 1985). A progressiva clarificação dos novos interesses e funções vai trazer repercussões ao nível das formas organizativas de representação: na esfera do trabalho, os sindicatos e as associações patronais; na esfera social, as associações mutualistas, as cooperativas de produção, consumo e crédito e as associações de instrução, recreio e cultura (Abreu, 1985). Verifica-se assim que a participação voluntária surge como uma necessidade de adaptação dos habitantes dos novos bairros urbanos, surgindo um movimento associativo fundamentalmente como reposta organizada de resistência às

injustiças do liberalismo económico e às injustiças políticas (Esteves, 1990). Deste modo, o associativismo surge como um fenómeno urbano, devido não só à existência de um leque mais variado de relações e interacções sociais de todo o tipo, mas também devido ao enfraquecimento dos laços de vizinhança e parentesco, levando os indivíduos do meio urbano a organizarem-se colectivamente para partilha e defesa de interesses comuns (Carita e Rosendo, 1993).

Segundo Abreu (1985), a solidariedade do mundo rural tinha os limites da aldeia ou da vila. A cidade do Séc. XIX vai proporcionar uma ampla horizontalidade do espírito solidário do Homem.

Segundo Esteves (1990), as associações tradicionais, datadamente marcadas e de profundo cariz ideológico, tendem a reduzir o número de militantes e responsáveis voluntários, dando lugar a novas associações, propícias a novos quadros de sociabilidade, com um papel relevante na dinamização cultural e na integração social das comunidades locais. A participação dá-se cada vez mais devido às actividades que as associações desenvolvem e menos, como na fase anterior, à influência ideológica (Esteves, 1990).

Trindade (1986), ao estudar igualmente o associativismo, fundamentalmente de natureza regionalista e resultado de

migrações, pretende encontrar uma relação directa, à priori aparente, entre a ocorrência de migrações e uma intensa actividade associativa, sendo esta encarada como uma estratégia consciente para a congregação de esforços que, de outro modo, se encontravam perdidos ou dispersos. De acordo com a autora, as acções do associativismo não se limitam ao desenvolvimento local, mas também ao suporte e apoio directo dos indivíduos fixados nos grandes centros urbanos e à manutenção dos laços com as terras de origem, sendo as associações espaços de convívio que permitem reorganizar formas de relação anterior a que assim é dada continuidade. Transferem-se, deste modo, para o espaço associativo, de cariz migratório, formas de interacção pautadas por mecanismos de convivência já experimentados e que, em termos de poder simbólico, remetem para processos profundamente enraizados na estrutura das terras natais. O êxodo rural e as migrações obrigam à separação e dispersão relativas, indo a rede associativa recriar comunidades de outro modo eventualmente condenadas à desapareição. Considera ainda a autora que, embora o sentimento de pertença seja mais idealizado do que traduzido por razões palpáveis, ele serve de motivação para ocasiões de encontro, para a construção de melhorias e para o enquadramento de dispersos, em que o associativismo, aparentemente apenas como estratégia de agregação, acaba por dar origem a novas formas de relação, de compatibilidade entre formas de viver e de actuar afastadas e diversas. De facto, como referem Carita e Rosendo (1993), em

situações de súbita mudança social, as associações desempenham um papel importante, reorganizando os seus objectivos e fins para melhor adaptar os seus membros à nova situação, suavizando, este modo, a sua integração na nova ordem social. Neste caso, elas são fundamentalmente reveladoras de valores culturais e preservadoras de identidades (Carita e Rosendo, 1993).

A propósito de trabalhos de intervenção comunitária em bairros habitados por famílias empobrecidas e grupos minoritários (ciganos, retornados, imigrantes dos PALOP, etc.), Capucho (1990) entende que a promoção do associativismo corresponde à criação de novas formas de autonomia, integração social e cultural, dando origem à passagem de identidades negativas para a aceitação positiva da diferença. Para este autor, promover a participação das comunidades é criar os meios de promoção da representação dos desfavorecidos nas esferas da decisão política, constituindo o associativismo popular a via de organização que permite transformar os excluídos em grupos de pressão capazes de expressarem os seus interesses, de se fazerem representar e de negociar com as organizações de poder, isto é, o associativismo constitui um meio de emancipação. Capucho (1990) considera igualmente o associativismo como uma forma de levar as populações a assumirem-se e de se fazerem representar junto dos poderes estatais.

As associações aparecem como complementares ao poder local e não com actividades concorrenciais, conseguindo com que as populações se façam representar junto das organizações de poder, promovendo assim a democracia e introduzindo uma correcção à democracia representativa (Vilaça, 1991)¹. O movimento associativo, com as suas reivindicações de controlo de gestão local, de abertura do poder municipal, de instauração duma democracia representativa e delegada, contribui para inflectir e modificar o modo de exercício do poder local (Mehl, 1982).

As associações têm o Estado como interlocutor e adversário principal, falando em nome da sociedade civil (Mehl, 1982). Crítica do funcionamento estatal, pôr em causa a mediação política dos partidos, valorizando o quotidiano e o local, o movimento associativo converge para uma exigência central: ruptura do modo de gestão política local fundada sobre uma larga consulta das associações, sobre a sua participação nas decisões, sobre o reconhecimento do fenómeno associativo como expressão específica mais representativa das reivindicações sociais locais (Mehl, 1982). Dominique Mehl (1982), ao abordar a acção associativa, considera que, aparentemente, esta é totalmente dispersa. No entanto, as lógicas de acção que animam

¹ A propósito da participação das populações na vida local, ver artigo 263º a 265º da Constituição da República Portuguesa, sobre a participação das organizações de moradores nas Assembleias de Freguesia.

as associações contribuem também para as diferenciar: as associações tomam a seu cargo a gestão de actividades, substituem carências de serviços ou de equipamentos, reivindicam às instituições, reinvestem ou criam serviços. Umas caracterizam-se pela animação da vida social, outras pelo conflito e pela luta. Portanto, refere ainda a autora, o movimento associativo joga um papel específico na regulação social, responde a funções sociais particulares, ocupa um lugar original no sistema político-social.¹

É fundamentalmente no campo do poder local que se desenha mais claramente o lugar político específico do movimento associativo (Mehl, 1982) e a rede que une as associações às organizações do poder local é recursivo, envolvendo relações de dois sentidos (Capucho, 1990), constituindo as associações um importante recurso para a renovação das elites locais, em que grande número de candidatos dos organismos locais provêm daquelas (Mehl, 1982).

As associações preenchem o vazio criado pela ausência de intermediário entre o poder local e a população, situando-se na charneira entre o Estado e a sociedade civil (Mehl, 1982). As associações tendem a ser, portanto, mediadoras entre as

¹ Para Drucker (1990) os indivíduos que participam nas associações desempenham um compromisso fundamental: ser cidadãos responsáveis dentro da comunidade. Esta posição é semelhante à de Castanheira (1993) que considera os militantes activos das associações como "cidadãos a tempo inteiro".

necessidades dos indivíduos e as exigências da sociedade (Carita e Rosendo, 1993).

Pelo que temos exposto até ao momento sobre o processo que leva à criação de estruturas associativas, é possível estabelecer um paralelo entre o surgimento do associativismo tradicional no séc. XIX e o fenómeno de proliferação de associativismo imigrante que actualmente se verifica. O primeiro surge como forma de reorganização das relações e interacções sociais entretanto abaladas com o êxodo do mundo rural para o urbano; o segundo aparece por motivos semelhantes, pois o indivíduo imigrado tenta restabelecer e preservar os traços da sociedade de origem na sociedade de acolhimento através das estruturas associativas. Em ambos os casos parece observar-se que o desenraizamento com a terra natal produz o reagrupamento organizado dos indivíduos como forma de minimizar os processos de aculturação e desintegração social.

Quanto às comunidades imigrantes, verifica-se que, após terem atingido um patamar de integração e de se tornarem mais visíveis os contrastes com a população autóctone, começa a existir maior organização e autonomia associativa e maior capacidade de movimento e de pressão dentro da esfera política (Machado, 1992).

Igualmente nesta situação, de associativismo étnico, se verifica uma relação directa com os organismos de poder, fundamentalmente de cariz local, tal como já referimos anteriormente. Também a organização estruturada dos indivíduos imigrados é facilitadora das relações com o Estado, aumentando-lhes o poder reivindicativo, constituindo, assim, uma forma mediadora de relacionamento entre a sociedade civil e os órgãos de Poder.

Acção Social Colectiva dos Grupos Étnicos

Na opinião de Machado (1992) a acção colectiva das comunidades imigrantes está a dar os primeiros passos, diferentemente de outros países europeus, onde a acção colectiva destas comunidades tem já uma história, e só há pouco tempo a questão dos imigrantes começa a ganhar visibilidade no campo político. Mas a menor relevância social e política da problemática das minorias resulta, também, segundo o autor, de dificuldades de mobilização com que se tem deparado o movimento associativo imigrante, bem como da atitude de não-intervenção mantida pelo Estado, em que só recentemente se tomaram posições para a legalização dos imigrantes clandestinos.¹ Contudo, acrescenta ainda, que tem predominado uma atitude de omissão do Estado, consistindo no não reconhecimento formal da existência de uma problemática imigrante, parecendo confirmar-se, mas por

contraste, a relação entre o desenvolvimento da etnicidade e a existência de um Estado-Providência.

Como já foi referido, o papel desempenhado pelas associações de imigrantes na organização de formas de acção colectiva é outro vector fundamental da politização da etnicidade. Mas o movimento associativo imigrante tem-se deparado com algumas dificuldades. Para além do facto de os primeiros anos não serem propícios à manifestação de disposições associativas, há que considerar o efeito não mobilizador das atitudes de retraimento público e político decorrentes das condições de precaridade e clandestinidade de muitos imigrantes. Associativismo implica visibilidade, que é justamente o que os imigrantes clandestinos procuram evitar (Machado, 1993). Há um défice de cidadania, que tem como reverso um défice de associativismo das comunidades imigrantes (Machado, 1995).

Outra das dificuldades do movimento associativo passa pelas disposições e práticas políticas das elites africanas em Portugal (Machado, 1992). Indivíduos de categorias sociais mais favorecidas e com mais recursos académicos, desempenham um papel influente na afirmação dos direitos e reivindicações das comunidades imigrantes a que pertencem, estando muitas vezes

¹ O primeiro diploma a criar um processo de legalização extraordinária surge em 1992 (D.L. 212/92, de 12 de Outubro). Mais recentemente retomou-se o processo com a Lei 16/96, de 25 de Maio

na liderança das associações (Machado, 1992). Porém, os problemas dos imigrantes não tem sido o principal foco de investimento e de iniciativa política destas elites, que está mais mobilizada pelos processos de mudança política em curso nos seus próprios países de origem e faz deles o seu principal terreno de acção (Machado, 1992). Embora os dois tipos de intervenção não se excluam, essa preferência por parte das elites africanas para o quadro político dos países de origem, acaba por afectar, ainda que de forma indirecta, a capacidade de mobilização e de afirmação pública das associações que, noutras circunstâncias, poderiam reforçar a sua liderança e influência (Machado, 1992).

Uma outra dificuldade, hoje já provavelmente ultrapassada, mas que se fez sentir na fase inicial de algumas associações, é a relação entre essas associações com as autoridades políticas e diplomáticas dos países de origem, que nem sempre foi a melhor (Machado, 1993). Para além destes aspectos, para compreender o perfil do movimento associativo é também necessário ter em conta as significativas diferenças de composição social e de identidade cultural entre as várias minorias e o modo como essas diferenças condicionam os projectos associativos (Machado, 1993). A própria organização e a capacidade de intervenção das associações variam consideravelmente consoante as comunidades, sendo precisamente naquelas que se encontram numa situação de maior contraste

social com a população portuguesa, nas que têm uma condição social relativamente mais desfavorecida, que o movimento associativo tende a ser mais forte (Machado, 1993).

Apesar destas dificuldades, o movimento associativo dos imigrantes adquiriu já uma dinâmica que parece irreversível, em que os dois principais objectivos visados pelas associações - o reconhecimento pelo Estado do seu estatuto de interlocutor e a legalização dos imigrantes clandestinos - estão a concretizar-se (Machado, 1993). Actualmente, verifica-se que a questão da imigração e dos imigrantes entrou no discurso público e na agenda política e a adesão de Portugal ao acordo de Schengen, conferiram à questão da imigração contornos políticos mais nítidos e suscitaram a tomada de posição e o envolvimento acrescido de outras entidades, para além das associações, como sejam a Igreja, os sindicatos, movimentos anti-racistas e certas autarquias¹ (Machado, 1994). De facto, tem-se verificado que ultimamente a importância das associações como instâncias representativas dos interesses dos grupos e comunidades imigradas tem vindo a ser reconhecida gradualmente por várias instâncias governamentais (Trindade, 1993b), para além de se terem tomado algumas medidas legislativas recentes que

¹ As comunidades imigradas encontram expressão na Câmara Municipal de Lisboa - Conselho Municipal das Comunidades Imigrantes e das Minorias Étnicas, cuja constituição e funcionamento assenta nas associações de imigrantes (Diário Municipal n.º 16596, de 1 de Abril de 1993). Também recentemente a Câmara Municipal da Amadora criou o Secretariado Coordenador para Minorias Étnicas e Comunidades Imigrantes e o Conselho Municipal de Comunidades Étnicas e Imigrantes.

reflectem alguma preocupação com os problemas resultantes da imigração¹.

O próprio modo de delimitação do campo de recrutamento e de acção das associações existentes poderá também ser alterado. Actualmente, o modelo predominante é o de cada associação se organizar com base numa só comunidade imigrante, não havendo, em geral, associações de imigrantes que articulem as diferentes minorias num movimento transversal e global (Machado, 1994). O modelo vigente, de acordo com Machado (1994), reflecte a própria composição das redes de relacionamento habitual dos imigrantes, fundamentalmente estabelecidas dentro das suas próprias comunidades e muito menos para o exterior.

De acordo com Cashmore (1988), o grupo étnico é um grupo auto-consciente de pessoas, relacionadas pela partilha de experiências, onde normalmente uma dessas experiências é a privação. A abordagem deste autor reforça a ideia da marginalidade do grupo em relação à sociedade, quando diz que o grupo étnico sustenta-se como resposta criativa de um conjunto de pessoas que se sente de alguma forma marginal à sociedade.

Wallerstein (1985) considera o grupo étnico como um conceito recente para definir um grupo minoritário, embora a

¹ A multiplicação de situações de mistura inter-étnica nas escolas levou o governo a criar o Secretariado de Coordenação dos Programas de Educação Intercultural/Entreculturas (Despacho Normativo n° 63/91, de 13 de Março) e o Projecto de Educação Intercultural (Despacho n° 170/ME/93)

sua lógica não seja aritmética, e tenha a ver com poder social, um poder que é "cultural", que se relaciona com o conjunto de regras transmitido de geração em geração, que promove a sua socialização e a delimitação de uma "identidade". Uma consciência étnica é, como diz este autor noutra obra, (1980), uma definição de fronteiras em termos culturais, uma afirmação na arena política com o objectivo de defender interesses culturais e económicos.

Para Rex (1986), um grupo étnico constitui uma complexa organização do comportamento e das relações sociais e a sua fronteira delimita o modo como são escolhidos, rejeitados ou manipulados aspectos como territorialidade, história, linguagem, políticas económicas e simbólicas na construção de uma identidade étnica.

Mas, para Rex (1986), a existência de um grupo só por si não desencadeia uma acção colectiva, pois esta só é possível quando os membros do grupo forem responsabilizados e se sentirem envolvidos no próprio grupo. A existência de um grupo coeso pressupõe que os seus membros tenham consciência do "nós" por demarcação ao exterior, ao "eles" (Rex, 1986). É no quadro desta interacção que deve ser conceptualizado a questão da etnia (Saint-Maurice, 1994). Esta resulta dum conjunto de representações que os grupos interactuantes constroem quando se confrontam (Saint-Maurice, 1994), dado que os sentimentos de

ser membro dum grupo não flutuam numa espécie de vacuum social e os correspondentes sistemas de crenças só são devidamente compreendidos tendo em consideração os laços íntimos e directos que os ligam às realidades sociais das vidas das pessoas (Tajfel, 1983).

Tajfel (1983), ao abordar os grupos minoritários, centra-se no conjunto de critérios proposto por Wagley e Harris (1958). Para estes autores as minorias são: sectores subordinados de complexas sociedades do estado; possuem traços culturais e físicos específicos pelos quais os sectores dominantes da sociedade mostram pouco apreço; constituem unidades conscientes de si próprias, ligadas entre si pelos traços específicos comuns aos seus membros e pelas incapacidades específicas que esses traços provocam e a respectiva pertença é transmitida por uma regra descendente através da qual é obtida a afiliação da geração vindoura, mesmo quando não existem traços físicos ou culturais específicos imediatamente aparentes. Deste modo, os grupos minoritários são entendidos como unidades de pessoas conscientes de si próprias que possuem determinadas semelhanças e desvantagens sociais comuns (Tajfel, 1983), sendo estas resultado das iniquidades sociais económicas existentes na sociedade de acolhimento (Saint-Maurice, 1994).

Os grupos minoritários procuram estar organizados numa base de coesão e de persistência e pode acontecer que a estrutura e a coesão internas se formem como consequência do desenvolvimento da consciência de ser considerado diferente (Tajfel, 1993). É precisamente este desenvolvimento de uma forma particular de consciência que os indivíduos que pertencem a minorias procuram conseguir, através da acção social (Tajfel, 1993).

Este papel de mediação entre a comunidade e o Estado, entre o indivíduo e a sociedade, assume um aspecto fundamental no associativismo étnico, como uma das poucas formas institucionais e formalizadas existentes de dar voz a um grupo étnico minoritário (Carita e Rosendo, 1993).

Etnicidade e Identidades



Fotografia retirada da revista Forma -
Multiculturalismo; Edição do Ministério da Educação

Tanto no âmbito da Sociologia como da Psicologia social existe uma abundante literatura em torno da conceptualização das identidades. Existem diversas abordagens enfatizando quer o carácter individual e personalizante da identidade quer a natureza social que os contextos e os papéis lhes conferem,

assim como os processos de constituição e actualização das identidades, em que a etnia surge como uma das opções da identidade social.

A identidade constrói-se na dialéctica entre o "outro" e o "eu", na similitude e na diferença, encontrando-se esta dialéctica no plano de interacção entre as tendências para a assimilação e as tendências para a diferenciação (Saint-Maurice, 1994).

Malewska (1990) faz a distinção entre identidade pessoal e identidade psicossocial fazendo corresponder à primeira um conjunto estruturado de sentimentos, representações, experiências e projectos de futuro relativos a si próprio. A imagem de si é a representação consciente e verbalizada dessa estrutura. Por seu lado, a identidade psicossocial é o produto das relações entre o indivíduo, o grupo e a sociedade. A imagem positiva é um sinal simultaneamente de adaptação social e diferenciação. Existem, porém, flutuações que dependem das experiências pessoais e da sua pertença a grupos e categorias sociais. A imagem surge como negativa quando o indivíduo experimenta um sentimento de impotência ao ser desvalorizado pelos outros e esta percepção provoca sofrimento, quando a imagem não depende dos actos do indivíduo (Tajfel, 1983).

Tajfel (1983) define a identidade social como parte do auto-circuito individual que deriva da pertença a um grupo social, pertença essa acompanhada de uma avaliação e significado emocional para o indivíduo. Os efeitos da natureza e da importância subjectiva das múltiplas pertenças, traduzidas nos comportamentos dos indivíduos no quadro das relações intergrupais, são um elemento central nesta abordagem.

Doise e Al. (1980) consideram que a noção de identidade social fornece uma definição do indivíduo, que se situa na articulação do sociológico e do psicológico. Permite saber em que medida as pertenças a certos grupos sociais definem o indivíduo e qual é a parte propriamente individual, idiossincrática, introduzida nesta definição.

Para Pinto (1991) a produção das identidades sociais implica a imbricação de dois processos: o processo pelo qual os actores sociais se integram em conjuntos mais vastos, de pertença ou de referência, com eles se fundindo de modo tendencial (processo de identificação); e o processo através do qual os agentes tendem a autonomizar-se e diferenciar-se socialmente, fixando em relação aos outros, distâncias e fronteiras mais ou menos rígidas (processo de identização).

Vala (1990) entende que as identidades sociais decorrem da pertença a grupos sociais, sendo estes grupos criados, fundamentalmente, na interacção social.

É através do processo de comparação social que os indivíduos detectam semelhanças entre os membros do seu grupo (in-group) e diferenças entre o seu grupo e os outros grupos (out-groups) (Tajfel, 1983). O indivíduo, ao identificar-se com o grupo, identifica-se com os atributos que ele próprio lhe atribui, assim como se dissocia das características que imputa ao outro grupo (Tajfel, 1983). A atribuição que os indivíduos realizam no processo de comparação social, associa-se às posições e categorias da estrutura social objectiva (Tajfel, 1983). A existência de um grupo social está internamente relacionada com o desenvolvimento de crenças de grupos específicos, correspondendo a formação de um grupo à formação da sua ideologia (Saint-Maurice, 1994). A constituição de grupos sociais baseia-se em diversos critérios unificadores (religião, etnia, raça, ideologia política, etc.), segundo os quais os indivíduos se revêem como partilhando de uma característica ou mais características comuns, reconhecendo-se mutuamente, sendo a identidade étnica apenas uma opção de identidade, entre outras (Saint-Maurice, 1994).

Se a diferenciação social e económica parece estar na explicação de uma integração social receptora também ela

diferenciada, igualmente a etnia e a raça que indelévelmente marcam este conjunto da população, são também elas orientadoras das acções e relações sociais que estabelecem (França, 1992). É na interacção com a sociedade receptora que os grupos constroem a sua identidade, por diferença ou oposição, ou seja, marcam a sua exterioridade a partir das representações que fazem dos outros e de si próprios (França, 1992). É só a partir do momento em que existe a percepção da diferença que se define a identidade, situando-se essa diferença ao nível dos traços objectivos herdados por uma história e origem comuns que, quando consciencializada, se traduz na configuração de um grupo étnico.

A identidade é marcada por fronteiras étnicas que têm duas linhas de diferenciação e dois tipos de significados: significado estrutural ou organizacional (a fronteira marca a aresta do sistema social) e significado subjectivo, dado que é inerente à experiência dos participantes (a fronteira marca o fim da aresta que tem significado para os actores, distinguindo os membros dos não-membros) (Saint-Maurice, 1994). "As fronteiras étnicas devem ser, simultaneamente, a linha de interface entre o "inside" e o "outside" e uma linha de identidade entre o "nós" e o "eles". O elemento de interface marca a mudança no que está a acontecer. O elemento de identidade marca o significado dado àquela mudança e expressa a relação de participação nesse acontecimento" (Wallman, 1990,

citado por Saint-Maurice, 1994). As diferenças entre os grupos só se tornam étnicas quando os participantes de pelo menos um dos lados das fronteiras usam a diferença para identificar-se como grupo (Saint-Maurice, 1994).

De Vos (1975) refere que a identidade étnica de um grupo consiste no seu uso subjectivo simbólico ou emblemático de qualquer aspecto da cultura, para se diferenciarem de vários grupos.

Giles e Jonhson (1981) sugerem que um grupo étnico inclui os indivíduos que se identificam como pertencendo à mesma categoria étnica. Esta conceptualização mantém os limites étnicos do grupo que são necessários para uma consciente identidade étnica.

Para Liebkind (1989) dois processos concorrem para a identidade étnica: o auto-reconhecimento por parte dos indivíduos da sua pertença a um determinado grupo étnico, por um lado, e o reconhecimento das outras - heteroreconhecimento - dessa mesma pertença. Estes processos podem coincidir nalguns casos, mas nem sempre estão em consonância para um determinado indivíduo, ou seja, as auto-categorizações que os indivíduos fazem podem não coincidir com as categorizações que os outros fazem sobre eles, uma vez que os outros os podem incluir em categorias com que eles próprios não se identificam.

Pettigrew (1983) considera que a identidade étnica é uma identidade minoritária, em que a minoria corresponde a uma fracção da população que existe sob o domínio de outros grupos política e culturalmente dominantes.

Das definições expostas, salienta-se uma característica comum: as identidades - pessoal, social e étnica - emergem dum quadro relacional, em que o sentido da interacção é o da diferença.

As identidades constroem-se na interacção que os indivíduos protagonizam com outros e, assim, pode-se considerar que as identidades se situam no quadro do interaccionismo simbólico, havendo uma relação estreita entre identidade e quotidiano, no qual o indivíduo desempenha vários papéis, participando, deste modo, no mundo social (Saint-Maurice, 1994). Na perspectiva interaccionista, as identidades são encaradas como o resultado de interacções quotidianas, com mobilidade de fronteiras, remetendo para o carácter flexível das identidades.

Camilleri (1990) situa a gestão das diferenças e oposições das diversas identidades de um indivíduo no quadro das relações assimétricas. Distingue a "identidade de facto" da "identidade de valor", designando a primeira como resultado da conduta segundo o qual o indivíduo se atribui determinadas

características constituindo assim a sua realidade e fazendo a segunda corresponder à conduta segundo a qual o indivíduo se valoriza relativamente a um "eu" ideal. O autor refere-se ainda à identidade prescrita, sendo esta o resultado das características que os outros atribuem ao indivíduo na relação com o social. De acordo com esta perspectiva, o grau de concordância do sujeito com este conjunto, dá-lhe a percepção que tem da sua identidade: positiva, negativa, conflitual, etc. Contudo, o valor do indivíduo é posto em causa nas relações assimétricas que estabelece, em que a atribuição pelo dominante ao dominado de certas características é frequentemente induzida pelo valor, muitas das vezes negativo, que ele lhe associa, invertendo-se, assim, o processo que se tem por lógico, pois normalmente são as características dos sujeitos (identidade de facto) que deveriam condicionar a avaliação (identidade de valor) (Camilleri, 1990).

Taylor e Mckirman (1984) problematizam as trocas entre indivíduos com pertenças diferenciadas e relacionadas em termos de desigualdade. Esta opõe favorecidos a desfavorecidos. Para estes autores a questão central consiste em saber como os grupos desfavorecidos respondem à desigualdade social. Avançam com três categorias de respostas: aceitando a sua situação

desfavorável; esperando a mobilidade social ou desencadeando uma acção colectiva, de modo a obter-se uma maior equidade.¹

Segundo Malewska (1990), em idêntica abordagem, as estratégias identitárias exteriores (individuais ou colectivas) podem ir da assimilação à revalorização da sua singularidade, podendo-se desencadear acções colectivas que procuram obter o respeito pela diferença. No plano intermédio, podem-se encontrar estratégias que procuram semelhanças com os grupos maioritários, embora sem renunciar à sua própria diferença. Estas estratégias, que a autora designa de integrativas, baseiam-se nas semelhanças de classe, idade, ideologia, etc., a fim de minimizarem as diferenças étnicas e/ou rácicas. As estratégias interiores podem assumir diversas formas: supressão da angústia, ignorando conscientemente a informação agressiva; interiorização de estereótipos racistas, aceitando a posição social inferior quando a identidade não é forte e agressividade, podendo esta ser considerada entre as estratégias interiores e exteriores.

Pela abordagem que fazemos até agora, verificamos que os autores citados não estabelecem fronteiras bem delimitadas entre os conceitos de identidade e pertença, utilizando-os praticamente como sinónimos. Tajfel (1972, citado por Amâncio, 1993) inclusivamente considera que a identidade e a pertença

¹ A acção colectiva referida por Taylor e McKirman (1984) é coincidente, em nosso entender, ao que temos exposto sobre a criação das estruturas associativas pelas minorias étnicas.

são conceitos intimamente ligados entre si, estando a identidade associada ao conhecimento da pertença aos grupos sociais e ao significado emocional e avaliativo dessa pertença.

Contudo, e fundamentalmente por razões de operacionalidade de trabalho com as variáveis dependentes, interessa-nos distinguir estes dois conceitos.

A pertença, e o sentimento a ela associado, deriva das relações intergrupos e caracteriza-se por uma percepção e avaliação da realidade centrada no grupo de pertença e que serve de ponto de referência para a classificação e avaliação de outros grupos, correspondendo a uma atitude que permite uma ligação entre o psicológico e o cultural, tendo a ver com um "nós" em contraponto a um "eles" (Amâncio, 1993).

Igualmente identidade se situa no domínio das relações intergrupos, mas estabelece uma relação entre o psicológico e o sociológico, correspondendo a um fenómeno que deriva da dialéctica entre o indivíduo e a sociedade, situando-se numa perspectiva situacional, na medida em que a noção do "eu" resulta do conhecimento das normas e valores associados às posições ocupadas num determinado contexto (Amâncio, 1993). Este conhecimento corresponde também a uma forma de adaptação individual ao contexto, ou seja, tem a ver com o "nós" e o "eu".

Pelo que foi exposto, pode-se afirmar que as identidades se formam na construção social da realidade. Porém, esta construção do real é feita tanto pela maioria dominante como

pela minoria dominada, estabelecendo-se uma dinâmica reactiva pelo reajustamento das duas (Saint-Maurice, 1994). O conceito de minoria advém das relações de poder que se estabelecem entre os dois grupos e a percepção da diferença, no processo das interacções, é mediada pela natureza das relações de poder no contexto em questão (Saint-Maurice, 1994).

No que concerne á inserção de algumas comunidades imigrantes em Portugal, são publicamente reconhecidas alguns dos confrontos negativos. Se a identidade, individual, social ou étnica, se baseia no reconhecimento por parte dos indivíduos da sua pertença a um grupo social, ela implica, também, o reequacionar desse reconhecimento pelo grupo de confronto (França, 1992). A situação de reciprocidade na sedimentação das identidades é, simultaneamente, prática e simbólica e nela reside as potencialidades e os limites da interacção entre os grupos (França, 1992).

A pesquisa organizada em Portugal por França (1992) sobre especificamente a comunidade Cabo-Verdiana, indicia dois níveis de apreciação das interacções no confronto com a sociedade portuguesa: um nível mais imediato, praxiológico e individual e um nível mais abstracto, simbólico e grupal. Num primeiro nível a interacção, entre cabo-verdianos e portugueses, decorre de forma aceitável embora surjam conflitos pontuais, geralmente existentes nas relações de menor proximidade social. Todavia, a

um nível mais abstracto, a interacção é sentida, maioritariamente, como negativa e expressa através de emoções que vão desde a inquietação à agressão. Estas emoções prendem-se não só com uma dificuldade no meio social português, mas também estão associadas às condições de vida e ao conflito com uma etnia diferente, em que parece existir um racismo, latente ou manifesto, na interacção entre as duas comunidades.

Saint-Maurice (1994), ao debruçar-se sobre as reflexões de Wallman (1979), sobre as questões de identidade étnica, refere que o autor salienta a flexibilidade e multiplicidade de identidade, considerando a etnicidade apenas como uma maneira de definir comunidade. Sendo assim, a identidade étnica não é fixa, unitária ou homogénea, variando os seus componentes através do tempo histórico, afectando os processos individuais e de grupo.

Uma minoria não significa necessariamente ausência de poder. Apesar da sua desigual distribuição, não existem agentes sociais sem poder (Vilaça, 1991). Existem até minorias próximas da cultura dominante, onde a classe social assume um papel determinante nos processos de interacção e, por consequência e também efeito, nas imagens que ambos os grupos constroem de si, e do outro valorizando-se ou minorizando-se. Tanto a maioria como a minoria não são grupos homogéneos, sendo constituídos interiormente por subgrupos subordinados e subordinantes, o que

nos remete para a questão da classe social (Khan e Al, 1983). A formação da consciência, que não é mais do que a identidade, é assim marcada por factores que ultrapassam a etnia da pertença (Khan e Al, 1983). A sua preservação passa por diferentes estratégias, tendo a ver a natureza da inserção na sociedade dominante, com a valorização que os indivíduos fazem de si e a que é feita pelo grupo dominante (Khan e Al, 1983).

As identidades, como já referimos anteriormente, devem ser entendidas dentro do quadro das relações de poder, relações assimétricas que separam dominantes e dominados, tanto do ponto de vista económico como do ponto de vista étnico. Contudo, a comunidade imigrante não é um todo homogéneo, havendo também dentro dela dominantes e dominados, económica e socialmente definidas (Saint-Maurice, 1994). Classe social é entendida, neste contexto, como um termo taxonómico, mas intencional, dado que se refere a uma conjunto de indivíduos possuidores de determinados atributos. A classificação assenta em critérios sócio-económicos, onde se privilegiam os recursos organizacionais, as qualificações académicas e o capital económico. Quando às classes (alta e baixa) se faz corresponder a designação, respectivamente, de dominante e dominada, está implícita apenas a diferença de recursos e não qualquer pressuposto relacional. Esta diferença traduz-se ao nível do discurso e do simbólico (Saint-Maurice, 1994). Porém, esta distinção produz efeitos no plano da gestão e estratégias

identitárias destacando-se, assim o grupo das dominantes (dentro da comunidade) mas etnicamente dominadas (em relação à sociedade receptora) (Saint-Maurice, 1994).

Saint-Maurice (1994) no seu estudo sobre a comunidade cabo-verdiana tentou observar identidades dominantes e dominadas, dentro do quadro dual definido pela etnia e classe social. A autora distingue dois processos subjacentes aos processos de construção das identidades:

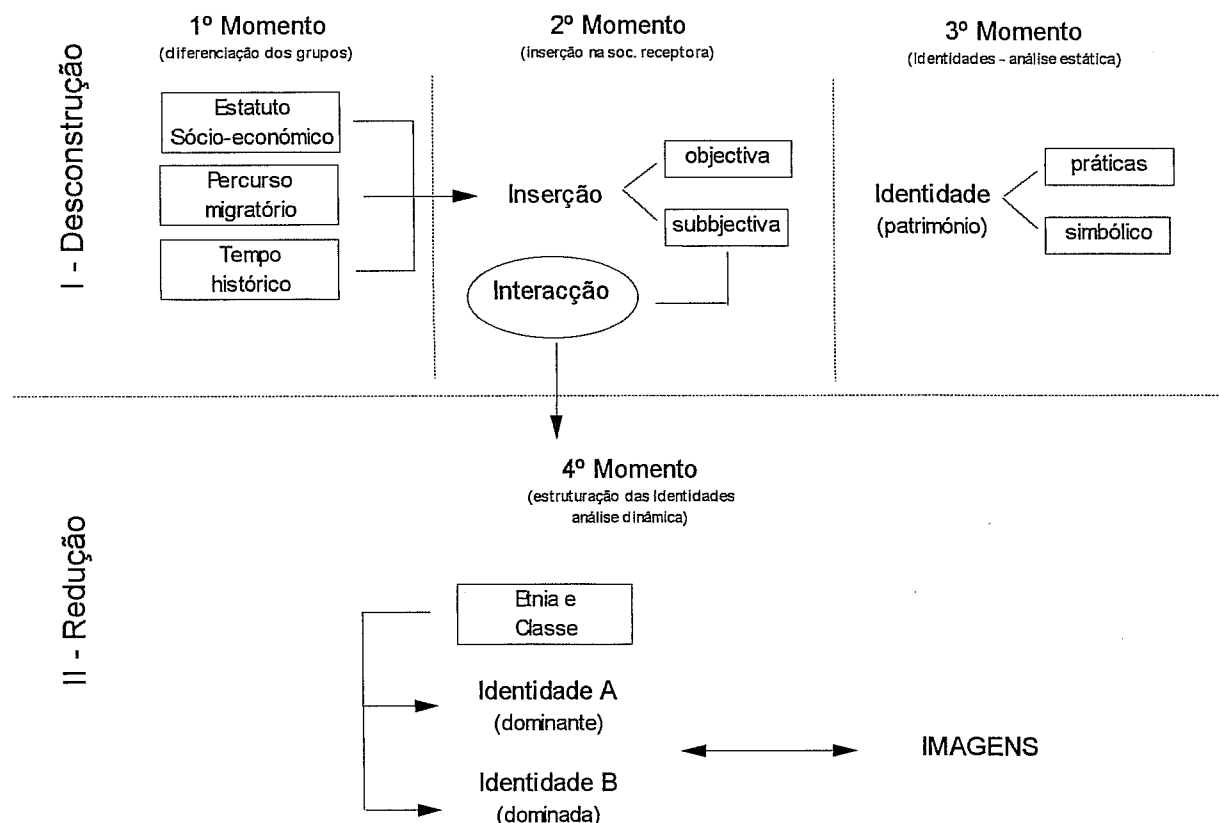
. Um processo de desconstrução através do qual se pode identificar uma população socialmente heterogénea, cuja génese se situa em percursos migratórios historicamente datados. As diferenças traduzem-se na inserção social, objectiva e subjectiva, na sociedade de acolhimento, e também na relação que os grupos imigrantes estabelecem com o seu património cultural. Esta relação observa-se tanto ao nível das práticas como ao nível do simbólico;

. Um processo de redução, que permite entender a reconstrução das identidades dentro de um quadro interactivo pautado por relações assimétricas entre maioria e minoria e permite igualmente salientar a etnia e a classe social, factores que opõem dominantes e dominados, dentro e fora do grupo analisado - a população cabo-verdiana residente em Portugal. Os grupos identificados no primeiro processo ficam reduzidos, provisoriamente, ao grupo dominado, do ponto de vista étnico, enquanto do ponto de vista económico, reduzem-se

a duas classes sociais: dominante e dominada. A classe dominante é aqui considerada como elite, conforme o dizer de Machado (1992), que podem ter um papel preponderante na afirmação dos direitos da comunidade minoritária e na defesa de uma identidade étnica comum às duas classes sociais.¹

Os processos referidos por Saint-Maurice (1994) encontram-se esquematizados na Figura 1.

Figura 1



Fonte: Saint-Maurice (1994)

¹ Embora o conceito de elite possa ter diversas abordagens, dentro das teorias inerentes ao estudo das classes sociais, consideramos neste trabalho elite como a classe com maior capital cultural (de acordo com a perspectiva de P. Bourdieu), por nos parecer mais operacional face aos objectivos da presente investigação.

Estes processos têm por consequência um conflito cognitivo e social que leva os indivíduos a adoptarem determinadas estratégias de gestão das identidades, não só para reduzir a angústia que lhe está associada, como também para (re)construir as identidades entretanto entradas em crise quando os sujeitos se confrontam com uma sociedade receptora, com valores e atributos diferentes das de origem. Como já referimos, a resposta a esta desigualdade social pode tomar diversas formas, entre as quais o desencadear de acções colectivas de modo a não só provocar a obtenção de uma maior equidade, como também a de preservar as identidades individual, social e étnica.

Mas, para Abou (1981), identidade étnica não significa homogeneidade cultural total, tal como se verificava nas sociedades primitivas. Significa sim a consciência que assume um grupo, que na sua perspectiva e na dos outros, possui uma identidade distinta enraizada numa história e origens comuns. Esta consciência alicerça-se em dimensões objectivas, como a língua, religião, raça e traços culturais comuns (Abou, 1989). Na mesma linha, Saint-Maurice (1994) considera existirem três factores fundamentais estruturadores na identidade étnica: a raça, a religião e a língua.

A língua opera de forma mais imediata como factor de coesão simbólica dentro do grupo e actua, simultaneamente, como

factor de distintividade, dado que estabelece a fronteira entre os que falam a língua-mãe e os que a não dominam, embora esteja para além das clivagens sociais que atravessam o grupo étnico, que não ocorre nos outros aspectos culturais que singularizam o grupo (Saint-Maurice, 1994).

A raça, a cor, é um factor também presente no reconhecimento da pertença ao grupo étnico, mas funciona como aproximação aos que igualmente possuem a mesma cor, independentemente do país de origem, dando segurança quando se está num espaço estranho (Saint-Maurice, 1994). Contudo, os indivíduos com nível cultural superior não dão a mesma importância à cor da pele, visto que dispõem de outros recursos que minorizam esse sinal distintivo, negativamente reconhecido na sociedade receptora, ou seja, não é só a proximidade relacional que confere significado à cor da pele, mas também o estatuto social que tanto reforça como dilui esta característica fenotípica (Saint-Maurice, 1994).

Quanto à religiosidade, esta pode adquirir expressões culturais que se distinguem e, muitas vezes, sobrevivem à margem da religião oficial (e institucional) sendo por ela ignoradas. Estas expressões transformam-se, para os membros dos grupos minoritários, em meio de identificação e união entre os indivíduos (França, 1992).

Em suma, tentando sintetisar a problemática da etnicidade e identidades podemos dizer que as identidades emergem de processos de interacção entre os indivíduos, encarados como actores sociais numa realidade quotidiana, feita de trocas reais e simbólicas entre os sujeitos inseridos em grupos, separados por fronteiras ditadas pelo contexto social. São fronteiras não estáticas, dinâmicas e que, conseqüentemente, podem aproximar indivíduos que anteriormente se situavam em lados opostos. Destê modo, pode-se falar do carácter flexível e dinâmico das identidades, visto que estas se actualizam consoante os actores sociais e os contextos. A (re)construção das identidades tem subjacente processos que decorrem do quadro das relações de poder que diferenciam dominantes e dominados, quer étnica quer socialmente, maiorias e minorias, ou seja, quer se trate de poder económico, político ou simbólico. Assim, desenvolvem-se diferentes estratégias, normalmente activas e reivindicativas e de carácter colectivo, face à desigualdade. Nestas estratégias podem-se incluir a criação de movimentos e estruturas associativas, não só como mecanismos de defesa, mas também como forma de luta e poder junto da sociedade dominante, para além da tentativa de preservação das identidades, quer a sua natureza seja pessoal, social ou étnica.

Multiculturalismo e Interculturalidade

Pelo que até ao momento foi exposto, pode dizer-se que a presença de grupos étnicos em Portugal apresenta hoje uma importante dimensão numérica e uma acentuada diversidade sócio-cultural, conferindo ao nosso país um perfil verdadeiramente multicultural, característica que partilha actualmente com a maior parte dos países europeus do Ocidente e muitos outros países do mundo (Cordeiro, 1993)¹. De facto, a sociedade contemporânea é, indiscutivelmente, uma sociedade pluricultural, resultante de vários fenómenos, entre os quais se destacam as migrações.

As migrações decorrem de um macro-modelo de organização mundial, como reflexo da interdependência das relações económicas, políticas, sociais e culturais que se estabelecem entre nações e grupos de países, reflectindo os profundos desequilíbrios existentes entre Norte/Sul e Oeste/Leste (Trindade, 1995). Os fluxos imigratórios com destino a Portugal não constituem um fenómeno isolado, inscrevendo-se, ao invés, na dinâmica populacional da Europa e do Mundo de hoje (Trindade, 1995). A imigração é uma realidade que, embora em diferentes proporções, abrange hoje todos os continentes,

¹ O reconhecimento do perfil multicultural do nosso país tem-se traduzido por diversas formas. De destacar a recente Lei que atribui a estrangeiros residentes no território nacional (onde está incluída a comunidade cabo-verdiana), em condições de reciprocidade os direitos do exercício de voto e elegibilidade para os órgãos autárquicos (Lei n° 50/96, de 4 de Setembro).

demonstrando que, quer a intensificação quer a mundialização, constituem actualmente tendências generalizadas das migrações internacionais (Trindade, 1995).

Como resultado de migrações de vária natureza, as sociedades actuais caracterizam-se por uma crescente diversidade traduzida pela presença, num mesmo espaço social, de vários grupos étnicos, distintos da sociedade maioritária quer pela sua ancestralidade, quer pela aparência física, quer pela língua, quer, ainda, pelas normas e regras de conduta por que se regem, havendo uma coexistência multicultural que pode ir da harmonia ao conflito (Trindade, 1995), podendo, na opinião de Touraine (1995), o multiculturalismo extremo poder conduzir à segregação, dado não ser verdade que os grupos étnicos e o mercado capitalista vivam passivamente lado a lado - o mercado domina o grupo.

De facto, na época em que vivemos emergem inúmeras formas, espontâneas e organizadas, de afirmação identitária de carácter nacional, regional e local, mas que degeneram muitas das vezes em manifestações de discriminação, sobretudo, por elementos das camadas mais jovens (Cordeiro, 1993). Se por um lado a primeira ordem de factores aponta para a intensificação de contactos entre indivíduos de diferentes culturas, por outro, a segunda mostra a inadaptação das novas gerações ao carácter pluricultural das sociedades contemporâneas (Cordeiro, 1993).

Fruto do encontro, do contacto e do diálogo entre culturas, uma parte significativa da história das sociedades alicerça-se em torno de atitudes e comportamentos de aceitação ou de rejeição relativamente a territórios e agentes que transportam diferentes padrões culturais e referenciais de identificação (Trindade, 1995). Ao nível das relações intergrupais, as diferenças étnicas raramente assumem um carácter neutral, pois encontram-se comumente associadas a desigualdades de oportunidades de acesso à riqueza e ao poder económico, bem como a diferenças de estatuto e prestígio social na comparação com perfis homólogos da sociedade envolvente (Trindade, 1995). Deste modo, os contrastes étnicos estão frequentemente associados a relações de tensão e à eclosão de conflitos, de raiz implicitamente racial (Trindade, 1995).

O desenvolvimento e a intensificação das comunicações, a globalização crescente de quase todos os acontecimentos, a mobilidade das populações, a abertura das fronteiras no espaço europeu, constituem fenómenos que incrementam os contactos entre culturas (Amaro e Souta, 1995). Devido ao crescente carácter persuasivo dos media afirma-se cada vez mais a ideia da abolição de fronteiras tradicionais entre universos geográficos, sociais e culturais (Trindade, 1993b), embora, paradoxalmente, quanto mais as culturas se aproximem, mais se sentem as diferenças entre elas (Cortesão e Stoer, 1995). Touraine (1995) chama precisamente a este choque de culturas e

à emergência do sujeito autónomo e criativo, capaz de compatibilizar o desenvolvimento e a tradição, a era da *post-modernidade*. Este autor pretende sublinhar, deste modo, as contradições resultantes do choque civilizacional, que atravessa o final do Século XX, mostrando como algumas consequências negativas da modernidade acabavam por alimentar fortemente o tradicionalismo e o integrismo. É assim que as comunidades mais tradicionais se fecham sobre si próprias, como é exemplo o fundamentalismo muçulmano, fazendo entrar progressivamente as duas civilizações (a tradicional comunitarista e a mercantil moderna) em rota de colisão. Nesta perspectiva, a sociedade moderna é homogeneizada pela globalização das técnicas e dos mercados e opõe-se a uma modernidade definida pela separação da natureza exterior e do Homem interior.

Para Touraine (1995), a figura do imigrante é emblemática do sujeito, porque ele não se constitui como sujeito se não quando se liberta da sua comunidade e do mercado e, por consequência, também combinando em si mesmo a integração social e identidade cultural ¹. Temos dum lado o apelo à assimilação e de outro à tradição e, portanto, o multiculturalismo carregado de etnicidade. O autor fala inicialmente de inserção, porque para ele a integração não é real se não quando o imigrado é reconhecido na sua particularidade, não só das suas origens mas

também do seu percurso, isto é, quando ele é reconhecido como semelhante e diferente. Considera que é preciso que as minorias procurem a sua integração na maioria ao mesmo tempo que esta reconhece os direitos das minorias; estes dois movimentos complementares não são possíveis se não for reconhecido entre a instrumentalidade social e a identidade cultural, o espaço do sujeito, que é o dos direitos do Homem, mas também, a um nível menos institucional, o da solidariedade. Para Touraine (1995), integração de culturas (que ele denomina como recomposição do mundo) é sinónimo de reconhecimento do outro por cada um, não apenas como diferente mas também e sobretudo como portador de uma tentativa de recomposição do mundo, da identidade cultural e da liberdade do sujeito. Nesta linha de pensamento sobre a sociedade post-industrial, são realçados três elementos: o sujeito, as relações de dominação cultural e o reconhecimento das diferenças que se opõem directamente aos seus equivalentes na sociedade industrial: a energia, a dominação social de classe e à universalidade dos direitos políticos e sociais reclamados.

Em nosso entender a perspectiva defendida por Touraine (1995) é similar à de Trindade (1993b), quando esta autora afirma que estamos perante uma sociedade em que há uma eclosão

¹ Para Alain Touraine a transformação do indivíduo em sujeito resulta da combinação necessária de duas afirmações: a do indivíduo contra a comunidade e a convicção contra o mercado.

de uma pluralidade de singularidades que configuram diferentes formas de pertença, de identificação para com os vários grupos sociais em que se insere, observando-se o desenvolvimento da ideologia da interculturalidade, compreensão da diferença em contextos de frequente contacto com minorias de proveniências várias, em que as migrações funcionam como uma espécie de "detonador" da consciência da pluriculturalidade, de diferenças sociais que desde sempre tinham subjazido ao funcionamento das sociedades europeias. Ou seja, no dizer de Cortesão e Stoer (1995), estamos actualmente "condenados" a pensar a nossa unidade humana na base da nossa diversidade cultural. E, na opinião de Trindade (1993b), conjuntamente com a nova configuração do mundo, deu-se também uma silenciosa transformação social: mão-de-obra tornada gente, filhos nas mesmas escolas da sociedade local, gente organizada em associações.

Na maioria das sociedades actuais existem grupos étnicos diversos, em que os minoritários possuem uma forte consciência de pertença e partilha cultural, ligada ao orgulho pelas suas origens (Trindade, 1995). Cultivando a lealdade intergrupar, lutam pela manutenção da própria identidade e expressam uma grande resistência à assimilação (Trindade, 1995). Como resposta a este posicionamento, o poder instituído pode adoptar políticas que visam o reconhecimento das diferenças e a tolerância pela diversidade dos grupos étnicos que integram a

sociedade, enveredando por aquilo que se costuma denominar por pluralismo cultural ou multiculturalismo (Trindade, 1995) ¹. Trata-se de uma forma de conservação das identidades e das diversidades sócio-culturais, em que maioria e minorias encontram formas de acomodação mútuas, face às diferenças dos indivíduos e dos grupos que as constituem, traduzindo um fenómeno observável na grande maioria das sociedades, a que corresponde um evidente pluralismo cultural resultante, sobretudo, da intensificação e posterior radicalização das correntes migratórias provenientes das mais diversas origens geográficas, que incluem não só imigrantes económicos mas também outras categorias de imigrantes, como sejam os asilados e refugiados (Trindade, 1995).

Neste contexto, o termo multiculturalismo é utilizado numa acepção descritiva, no sentido de enfatizar o carácter heterogéneo das sociedades, advindo da diversidade étnica das respectivas populações (Trindade, 1995).

Contudo, multiculturalismo pode também designar um conjunto de políticas aplicadas em vários sectores da administração pública, nomeadamente no da educação, formação profissional, emprego e acção social, com o propósito de responder aos requisitos específicos das sociedades plurais

¹ Como forma deste reconhecimento, o governo português nomeou recentemente o Alto Comissário para a Imigração e as Minorias Étnicas, equiparado a Subsecretário de Estado. "Expresso", 20.1.96

(Trindade, 1995). Assim sendo, o termo multiculturalismo utiliza-se numa acepção prescritiva, em referência a um conjunto de medidas legislativas e de acções pragmáticas que têm por fim (alegado ou real) a integração dos diferentes grupos étnicos nas sociedades onde estão radicados (Trindade, 1995). Tais acções, realizadas quer por instituições públicas quer privadas, têm como objectivo combater a discriminação social e, deste modo, promover a igualdade de oportunidades (Trindade, 1995).

Atendendo à sua função duplamente socializadora e instrumental, a educação assume especial importância de entre as políticas que visam alcançar essas finalidades (Trindade, 1995). Tal facto fica a dever-se ao reconhecimento de que, por um lado, através dela se transmitem valores e se moldam atitudes e comportamentos que podem influenciar a forma de interagir com elementos de culturas diferentes; por outro que mediante a sua acção se fornecem conhecimentos, se exercitam capacidades e aptidões, necessárias ao desempenho de uma profissão qualificada, percebida como factor possível de se repercutir positivamente na inserção profissional e social dos cidadãos, por norma bastante dificultada no lado dos grupos minoritários (Trindade, 1995)¹.

¹ A amplitude e importância do tema Educação Intermulticultural tem originado um desenvolvimento aprofundado e uma vasta bibliografia existente sobre o assunto. Dado o enquadramento deste trabalho, os aspectos educacionais são apenas referidos de forma abreviada. Porém, a título exemplificativo e para uma abordagem mais aprofundada desta temática, veja-se Cortesão e Stoer (1995). Projectos, Percursos, Sinergias no Campo da Educação Inter/Multicultural - Relatório Final. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação. Universidade do Porto.

Nas sociedades actuais normalmente faz-se hierarquizações de culturas (Clanet, 1993), mas a existência de hierarquias e exclusões entre os vários grupos que as compõem não são tecidas estritamente no domínio cultural, resultando, antes, das relações de força de natureza económica, que levam a considerar de forma pejorativa a cultura daqueles que, nas relações de produção, desenvolvem trabalhos de menor prestígio e a valorizar a cultura daqueles que têm poder (Mendes e Saraiva, 1995).

Contudo, subjacente ao multiculturalismo há uma abordagem compartimentada e um tanto divisionista das culturas (Trindade, 1995), dado que a assumpção da multiculturalidade apenas pressupõe uma constatação da presença de diferentes culturas num determinado meio e da procura de compreensão das suas especialidades (Cortesão e Pacheco, 1993).

Em reacção ao multiculturalismo, surge na Europa, em meados da década de 70, a Teoria Intercultural (Trindade, 1995).¹ Partindo da verificação de que a identidade sócio-cultural se encontra em estreita relação com o universo cultural em que o indivíduo foi socializado, e que reflecte também a classe social a que este pertence, sexo e a idade que tem, esta teoria pretende sublinhar o facto de cada ser humano

¹ O termo Intercultural é utilizado pela primeira vez em 1976, em Nairobi (Kenya) na Conferência Geral da Unesco.

estar ligado, simultaneamente, a vários subgrupos culturais e inscrito em diversas microculturas (Trindade, 1995), ou seja no dizer de Touraine (1995), os grupos considerados como maioritários são artificiais, não sendo mais do que sub-conjuntos de grupos minoritários. Esta corrente é defensora da criação de condições facilitadoras do diálogo entre elementos de diferentes culturas, baseando-se na convicção de que a interacção e a interpenetração dos vários universos culturais será factor de enriquecimento recíproco e da própria sociedade em geral (Trindade, 1995). Assim, a interculturalidade é vista como um percurso agido em que a criação de igualdade de oportunidades supõe o conhecimento/reconhecimento de cada cultura, garantindo, através de uma interacção crescente, o seu enriquecimento mútuo (Cortesão e Pacheco, 1993).¹

Com o advir da interculturalidade estamos perante uma nova concepção de cultura, a partir da qual é possível estudar os contactos entre culturas e as transformações que daí resultam (Clanet, 1993). Podemos, então, segundo Clanet (1993), dar uma definição psico-antropológica à cultura - conjunto de sistemas de significação próprias de um grupo ou de um sub-grupo, conjunto de significações preponderantes que aparecem como

¹ Em 17 de Julho de 1996 foi criada a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa que se propõe "consolidar a realidade cultural nacional e plurinacional que confere identidade própria aos Países de Língua Portuguesa, reflectindo o relacionamento especial existente entre eles e experiência acumulada em anos de profícua concertação e cooperação". Em nosso entender, a criação da CPLP irá permitir um aprofundamento da interculturalidade nos sete Países de Língua Oficial Portuguesa.

valores e dão origem a regras e normas que o grupo conserva e transmite, através das quais ele se particulariza e se diferencia dos outros grupos. Mas o conjunto de significações é recriado pelo indivíduo ao longo da sua vida. São as actualizações destas inter-relações entre os indivíduos e os conjuntos de significações pertencentes à comunidade que constituem a cultura no seu aspecto dinâmico - a cultura é o que é feito e o que existe como produção do Homem, é sobretudo o que é feito e que existe como tendo sentido numa comunidade particular (Clanet, 1993). Nesta perspectiva, cultura é vista como o conjunto de formas imaginárias/simbólicas que mediatizam as relações dum sujeito em relação aos outros e a si próprio e, em sentido mais lato, ao grupo e ao contexto; do mesmo modo, reciprocamente, as formas imaginárias simbólicas mediatizam as relações do contexto, do grupo e dos outros sujeitos com o sujeito singular e, assim, o indivíduo adquire uma identidade cultural.

Mas esta identidade cultural não é estável e definitiva, correspondendo, ao invés, a um processo de relativo crescimento, em função, por um lado, das adesões e das identificações (maneira de fazer, de ser, de pensar) numa comunidade e, por outro, de oposições e de exclusões relativas às maneiras de fazer, de ser e de pensar das comunidades vizinhas (Clanet, 1993). Daqui decorre que esta identidade cultural vai ser singularmente dinamizadora (e por vezes

perturbada), dado que no mundo actual o indivíduo está implicado em relações regulares e funcionais com outras comunidades culturais (Clanet, 1993). Assim sendo, um grupo cultural não é fácil de delimitar (Clanet, 1993).

É este "outro olhar" sobre as relações entre culturas que nos conduz às noções de relações interculturais e de interculturalidade, correspondendo mais à realidade falarmos de culturas comunitárias do que de cultura universal (Clanet, 1993).

Para Clanet (1993), intercultural é uma concepção de relações entre culturas sem precedentes na história das civilizações. É o reconhecimento que no seio de um mesmo Estado, ou de uma mesma Nação, de entidades culturais distintas e diferentes da cultura do grupo detentor do poder estatal, alargando-se as relações de diferentes culturas e salvaguardando-se uma identidade para cada uma delas. Dentro da mesma perspectiva, Touraine (1995) considera que estamos perante a emergência do sujeito com multipertença mas inter-independente e, assim sendo, segundo o nosso entendimento e na base do que expusemos nas parte precedentes, o Associativismo é uma via que permite ao sujeito defender e simultaneamente pôr em comum a sua especificidade.

Clanet (1993) considera a interculturalidade como o conjunto de processos (psíquicos, relacionais, grupais, institucionais) gerado pelas interações de culturas, numa relação de trocas recíprocas e numa perspectiva de salvaguardar uma relativa identidade cultural dos parceiros em relação. Para Trindade (1995), este diálogo de culturas conduzirá à criação de uma "trans-identidade" extremamente vantajosa para o relacionamento social em sociedades plurais. Mendes e Saraiva (1995) consideram que este conhecimento, sinónimo de reconhecimento e aceitação da alteridade traz, como consequência, a tomada de consciência de que culturalmente somos todos mestiços, não existindo fundamentos racionais para hierarquizações entre culturas.

Para Clanet (1993), estas concepções implicam admitir que há modos novos de relações entre culturas e novos modos de relações sociais interhumanas, ou seja, uma sociedade intercultural é uma resposta realista a um mundo sócio-cultural complexo que se encontra em confronto. Para o autor, as fronteiras sócio-culturais entre o que é comum a um conjunto e aquilo que é particular a cada um dos sub-conjuntos não podem ser estabelecidos se não por uma negociação entre diferentes parceiros numa posição de igualdade e de participação, pois, tal como Touraine (1995), Clanet considera que de uma maneira ou de outra todos nós pertencemos a uma minoria. Assim sendo, e segundo estas perspectivas, as relações inter-étnicas e as

dificuldades de integração dos imigrados são reveladoras de um problema fundamental: a integração sócio-cultural dos nossos grupos de pertença e "l'être - au - monde"¹ de cada um de nós.

Continuando em torno da abordagem de Clanet (1993), sobre a interculturalidade, o autor entende que a integração pluralista de diferentes sub-culturas tende a remover as fronteiras entre os códigos comuns a um conjunto sócio-cultural e os códigos particulares a cada sub-conjunto e, deste modo, a noção de cultura dominante tende a ser removida, dando lugar à noção de cultura comunitária, transformando-se aquela através da sua capacidade de se diversificar, de estabelecer trocas com as culturas minoritárias, respeitando a sua autonomia. Esta posição é similar, em nosso entender, à de Moscovici (1984), quando este autor se refere ao papel social inovador das minorias activas, assim como à de Touraine (1995), quando os imigrantes são por este considerados como agentes activos de recomposição do mundo.

De acordo ainda com Clanet (1993), a abertura dos conjuntos culturais em presença só é possível mediante certas condições: um reconhecimento recíproco destes sistemas culturais, que passe por um conhecimento e aceitação do outro e a capacidade para cada conjunto cultural afirmar uma identidade

¹ Optámos por manter a expressão na língua original, por nos parecer mais explícita; no entanto julgamos que a ideia que se pretende expressar é "o cidadão do mundo".

positiva, dado que é pelo conhecimento ou pelo reconhecimento da sua própria cultura e pela capacidade de assumir que passa a possibilidade de abertura a outras culturas. Mas estas duas condições têm que ser acompanhadas duma condição suplementar: simultaneamente às aberturas e às trocas tem que existir uma reflexão e uma negociação permanentes, numa igualdade de direitos de cada um dos parceiros (Clanet, 1993).

Uma opção de sociedade intercultural susceptível de conjugar a unidade e o pluralismo aparece como uma saída (talvez a única, numa perspectiva humanista) à crise cultural da sociedade ocidental (Clanet, 1993). Por outro lado, uma perspectiva de relativismo cultural absoluto é impensável pois daria origem ao caos e à entropia (Clanet, 1993).

Para a criação de uma sociedade intercultural é preciso que nos libertemos de todos os estereótipos, que entremos em ruptura com a hegemonia das ideologias dos universalismos culturais e em ruptura com nós próprios, devendo assumirmos as contradições de ser único e múltiplo (Clanet, 1993). Aliás, a opção intercultural não diz respeito somente às relações entre países ou entre etnias, ou ainda às relações entre migrantes e indígenas, mas sim à sociedade inteira que, segundo a expressão de Bernard Lorreyte (1984, in Clanet, 1993) é provocada a pensar-se e a viver-se simultaneamente como una e plural.

No dizer de Lopes (1996), promover o diálogo intercultural e criar espaços para a afirmação das diferenças é o desafio maior do nosso tempo, sendo da responsabilidade de todos e nomeadamente das colectividades locais (associações e autarquias) a criação de condições para a emergência de um novo conceito de nação assente sobre a multietnicidade e a transculturalidade.

Este nosso trabalho pretende ser um "despertar" para o novo país que somos mas que, aparentemente, somos relutantes em aceitar, ao mantermo-nos ainda agarrados a tradições colonizadoras e a estereótipos que já não têm razão de existir no nosso quotidiano social e cultural.

A nossa sociedade está transformada. É necessário que disso tenhamos consciência.

Sem grandes pretensões, muito nos agradaria que o presente estudo fosse um contributo para a "recomposição do mundo", na mente de cada homem, parafraseando Alain Touraine.

Recordando muito sucintamente a revisão da literatura efectuada e dado que o objecto do nosso estudo pretende ser a comunidade cabo-verdiana residente em Portugal, pelas razões anteriormente referidas, damos relevo em primeiro lugar ao

contexto histórico e social desta comunidade imigrante, a fim de tentarmos compreendê-la nas várias fases de inserção que se realizaram no nosso país.

Referimos vários autores que consideram profundas alterações na configuração do nosso país, após as transformações sociais e políticas decorrentes da revolução de Abril de 1974. Portugal, anteriormente país de emigração, passa a ter as características de país de imigração, fundamentalmente a partir da década de 80.

Porém, conforme os trabalhos de Machado (1992-1995) realçam, a etnicidade não tem contornos oficiais expressivos, com excepção da tomada de posição de algumas entidades, onde se destacam as autarquias locais, embora esta questão tenha adquirido recentemente contornos políticos mais nítidos, tendo-se tomado algumas medidas legislativas que revelam alguma preocupação sobre esta problemática.

Os vários grupos étnicos existentes em Portugal, frequentemente também denominados de minorias étnicas, criaram e criam formas de acção colectiva, com realce para a criação de estruturas associativas, como forma de defenderem os seus direitos e interesses junto do poder instituído, para além destas associações serem uma tentativa de preservação das identidades. Dentro desta temática, debruçamo-nos sobre os

trabalhos de Machado (1992-1995) já referidos, assim como nos estudos de Saint-Maurice (1994) e Carita e Resendo (1993), e baseamo-nos igualmente nos conceitos de Psicologia Social sobre identidades, segundo a perspectiva de vários autores, onde destacamos as abordagens de Tajfel (1983).

Fazemos referência aos primórdios do associativismo e tentamos fazer um paralelismo entre o associativismo tradicional, contemporâneo e laico, iniciado nos fins do Século XIX, com o associativismo de carácter étnico, considerando estas duas expressões associativas similares, originadas como consequência de fenómenos de súbita mudança social, para além de serem entendidas como formas de minimizar os processos de aculturação e desintegração social.

A fim de elucidar sobre alguns conceitos utilizados, tentamos abordar as perspectivas de vários autores sobre grupos étnicos, minorias étnicas e estratégias identitárias, onde damos relevo aos trabalhos de Rex (1986) e Camilleri (1990), entre outros.

Por fim, abordamos as problemáticas do multiculturalismo e da interculturalidade, que consideramos como pertinentes para a compreensão dos fenómenos sociais subjacentes às sociedades contemporâneas, e ao problema do nosso estudo, isto é, à preservação das identidades através da criação de grupos

organizados e estruturados em associações. Temos como bases fundamentais as perspectivas de M. Trindade (1986-1985), A. Touraine (1995) e C. Clanet (1993), onde são realçadas as características das sociedades multiculturais e interculturais, simultaneamente unas e plurais, onde o confronto e a interacção de diferentes culturas podem levar à "recomposição do mundo" e à emergência de um novo sujeito, com novos códigos sociais e culturais.

É com as bases teóricas referidas anteriormente que damos corpo ao nosso estudo e que sustentamos as nossas hipóteses de investigação, esperando que com ele possamos contribuir, de algum modo, para uma melhor compreensão da problemática inerente ao associativismo de carácter étnico, nomeadamente o cabo-verdiano.

É igualmente com base nas abordagens apresentadas que se procedeu à elaboração do questionário, tendo em conta também outros estudos já efectuados sobre a população cabo-verdiana em Portugal (França, 1992; Saint-Maurice, 1994), para além de também adaptarmos a Escala de Identidades proposta por Vala (1994).

Temos sempre presente que as associações, embora de cariz comunitário, são organizações formais, com um determinado comportamento e objectivos, não sendo abusivo afirmar, em nosso

entender e segundo a perspectiva de Alain Touraine, que a sociedade actual, post-industrial, é uma sociedade de associações, onde emerge um sujeito com multipertença e inter-independente, mas também e simultaneamente singular, procurando a defesa da sua especificidade no associativismo.

É, pois, com o objectivo de conhecermos melhor o associativismo cabo-verdiano que levamos a efeito esta investigação, incidindo preferencialmente sobre o papel deste na preservação das identidades e respectivos processos subjacentes.

Formulação das Hipóteses

Como pressuposto geral, consideramos que a participação em associações de carácter étnico permite preservar o sentimento de pertença e sobretudo fortalecer e preservar a (re)construção da identidade, permitindo uma maior e melhor afirmação dos sujeitos na sociedade de acolhimento.

Na base deste pressuposto, formulámos quatro hipóteses para construção de um instrumento de investigação, cujos enunciados serão apresentados seguidamente.

HIPÓTESE 1

As associações permitem que o indivíduo associado se identifique mais com o grupo étnico em que se insere e tenha para com ele um sentimento de maior pertença, enquanto que nos sujeitos não associados esse sentimento é mais ténue e difuso, tanto para os sujeitos com mais recursos académicos como para os que os possuem em menor grau.

HIPÓTESE 2

A identificação com o grupo étnico de origem é maior nos indivíduos com menores recursos académicos, sendo menor nos que possuem maior capital cultural, devido à interferência de

processos inerentes à pertença a uma classe social mais privilegiada, isto é, aos que pertencem a uma elite dentro do grupo.

HIPÓTESE 3

As formas estruturadas da identificação ao grupo de congéneres são fundamentalmente a Língua, a Religião e a Raça, para todos os sujeitos, sendo no entanto, mais salientes nos sujeitos com menor capital cultural.

HIPÓTESE 4

Os indivíduos considerados como pertencentes a uma elite dentro do mesmo grupo procuram nas associações o convívio e a partilha de expressões culturais como a música e a gastronomia, identificando-se mais com a cultura da sociedade receptora.

MÉTODO¹

Objectivo do Estudo

O propósito deste estudo consiste em averiguar o papel do associativismo cabo-verdiano na preservação e (re)construção das identidades dos sujeitos participantes activos, como forma de minimizar a relação de dominação numa sociedade diferente da de origem, e promover uma melhor integração social dos indivíduos. A intenção é a de avaliar em que medida as estruturas associativas fortalecem os mecanismos identitários subjacentes à pertença a um grupo étnico e a forma como promovem a inserção social dos imigrantes na sociedade de acolhimento.

Sujeitos - Amostra

A amostra do presente estudo é constituída por sujeitos pertencentes à comunidade cabo-verdiana residente no nosso país, incidindo preferencialmente sobre os nascidos em Cabo-Verde e os nascidos noutros países pertencentes à primeira

¹As várias fases apresentadas no capítulo do método foram adaptadas de Cone J. D. & Foster S. L. (1993) - Dissertations and theses: from start to finish, Washington, DC: American Psychological Association

geração, isto é, filhos de cabo-verdianos.

A amostra é constituída por 54 indivíduos não associados, e 60 pertencentes a associações, sendo 29 da Associação Cabo-Verdiana do Seixal e 31 da Associação Antigos Alunos do Ensino Secundário de Cabo-Verde. Os indivíduos não associados são divididos em dois grupos, consoante as habilitações literárias. Considerou-se como pertencentes a uma elite os sujeitos com o 9º ano de escolaridade ou de nível superior, sendo os restantes considerados como inseridos num grupo de não elite. Foram questionados 46 e 68 indivíduos respectivamente em cada grupo.

A Associação Cabo-Verdiana do Seixal é considerada, à partida, como não pertencente a uma elite, e a Associação Antigos Alunos do Ensino Secundário de Cabo-Verde, é escolhida propositadamente por a maioria dos seus membros poder ser uma elite dentro da comunidade cabo-verdiana.

A caracterização das Associações estudadas será abordada posteriormente.

No total 43 indivíduos são do sexo feminino e 71 do sexo masculino, sendo a respectiva média etária global, de 39,77 anos.

Os indivíduos questionados são residentes no distrito de Setúbal (80) e distrito de Lisboa (34).

A caracterização detalhada da amostra encontra-se patente no anexo nº 1.

O recrutamento da nossa amostra, caracterizada por ser uma amostra probabilística acidental, apresenta as seguintes etapas, consoante os grupos:

. Indivíduos não associados - através de uma listagem de indivíduos nascidos em Cabo-Verde trabalhadores de uma Câmara Municipal do Distrito de Setúbal. Estes sujeitos, para além de serem respondentes, colaboram na indicação de outros indivíduos pertencentes à mesma comunidade. Para além deste procedimento, são questionados indivíduos habitantes de bairros predominantemente africanos, nomeadamente no concelho do Seixal, com o acompanhamento de sujeitos com prestígio na comunidade, que são elementos facilitadores das entrevistas.

. Indivíduos Associados - são visitadas diversas vezes as Associações já referidas, nomeadamente em datas festivas e aproveitam-se estas ocasiões para a passagem dos questionários. É de salientar a boa colaboração dos respectivos dirigentes, facilitadora da recolha dos elementos.

Design de Pesquisa

O design de pesquisa utilizado corresponde ao seguinte plano factorial: 2×2 , em que 2 corresponde aos dois grupos entrevistados - associados e não associados, assim como às duas classes sociais consideradas (elite e não elite). No entanto, quando consideramos as elites divididas em três grupos

utilizamos o plano factorial 2X3, em que 3 corresponde aos grupos diferenciados consoante os recursos habilitacionais.

Os grupos considerados correspondem às variáveis independentes. As variáveis dependentes correspondem à Identidade e Pertença dos sujeitos em relação ao grupo étnico respectivo.

Contexto do Estudo

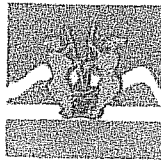
Como referimos anteriormente o recrutamento de indivíduos não associados baseia-se fundamentalmente em sujeitos trabalhadores de uma Câmara do Distrito de Setúbal e noutros amigos e conhecidos destes, onde os indivíduos com características de liderança na comunidade são elementos facilitadores da passagem dos questionários, nomeadamente nos bairros habitados por Cabo-verdianos pertencentes ao concelho do Seixal.

Os sujeitos associados são abordados na sede das respectivas associações, em ocasiões de convívio.

São escolhidas duas associações consideradas à partida com característica diferentes - a Associação Cabo-Verdiana do Seixal e a Associação dos Antigos Alunos do Ensino Secundário de Cabo-Verde. Inclusivamente a própria denominação parece diferenciá-las, no que concerne, pelo menos, ao recrutamento de associados.

Para uma melhor compreensão do contexto das organizações referidas, passaremos a caracterizá-las sucintamente.

Associação Cabo-Verdiana do Seixal



A Associação Cabo-Verdiana do Seixal foi fundada em 27 de Novembro de 1993. Porém, a sua sede social actual só existe a partir de 21 de Abril de 1996, num edifício gentilmente cedido e arrendado pela Câmara Municipal do Seixal. Esta entidade, segundo nos informaram, tem dado o máximo de apoio às actividades da Associação.

O símbolo desta a Associação é extremamente evocativo de Cabo-Verde. Pretende transmitir a ideia dos hábitos e costumes deste país (as duas figuras a "cochir" o milho num pilão), assim como o azul do céu e do mar, para além de estarem também presentes os vulcões (os dois montes a castanho) que caracterizam o arquipélago. Transmite a ideia presente de um país ausente, mas que se teima em recordar.

As actividades da Associação são predominantemente de carácter cultural e social (art.º 1.º dos Estatutos - D.R. III Série, n.º 49, de 28 de Fevereiro de 1994 - anexo n.º 10), passando por convívios gastronómicos e musicais, conferências e práticas desportivas.

A preservação do sentimento de pertença grupal, assim como das identidades, para além do papel de intervenção social e comunitária, estão bem patentes no art.º 3.º dos Estatutos e que passamos a citar:

- a) congregar os cabo-verdianos residentes no concelho, tendo em vista uma convivência fraterna, em permanente contacto com as realidades de Cabo-Verde;
- b) actuar no seio da comunidade cabo-verdiana, contribuindo para um melhor enquadramento social e comunitário em Portugal;
- c) estabelecer relações de intercâmbio e de solidariedade com instituições congéneres;
- d) promover e apoiar acções de carácter social, recreativo, desportivo, cultural e educativo.

Além dos estatutos, a Associação rege-se por um regulamento interno (anexo nº 11). Este regulamento integra a orgânica dos corpos sociais, direitos e deveres dos associados e regime disciplinar.

É de realçar os sócios corresponderem a quatro categorias:

1. Efectivos - todos os sócios oriundos de Cabo-Verde ou seus descendentes.
2. Auxiliares - os sócios que não sejam oriundos de Cabo-Verde nem descendentes de cabo-verdianos.

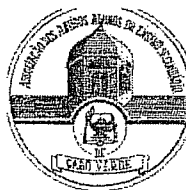
3. Correspondentes - os sócios com residência habitacional fora de Portugal.
4. Honorários - todos os indivíduos ou entidades que tenham prestado serviços relevantes à Associação, à comunidade cabo-verdiana, ou que se tenham distinguido pelo seu contributo para a valorização e desenvolvimento de Cabo-Verde

Contudo, actualmente apenas existem sócios efectivos, num total de 150, em que 125 são homens e 25 são mulheres. O valor da quota mensal é de 200\$00, sendo considerada simbólica.

Independentemente dos sócios não serem em elevado número (a associação também ainda é recente), a aderência é constante e principalmente oriunda das camadas mais jovens.

Em nosso entender a actividade desta Associação tem angariado prestígio no concelho do Seixal, permitindo "um outro olhar" para a comunidade cabo-verdiana.

Associação dos Antigos Alunos do Ensino Secundário
de Cabo-Verde



A Associação dos Antigos Alunos do Ensino Secundário de Cabo-Verde foi criada em 1986, embora os seus estatutos sejam

de 1987 - D.R. III Série, n.º 162, de 17 de Julho (anexo nº 12).

A ideia da formação da Associação surgiu com o intuito dos antigos alunos do Liceu Gil Eanes de Cabo-Verde que passaram a residir em Portugal, pudessem encontrar-se mais assiduamente e promover várias actividades, o que até então não era possível, dado os encontros serem esporádicos, "principalmente nos funerais".

A actividade desta Associação, com sede em Carnide, é igualmente de carácter cultural e social, promovendo exposições de artes plásticas, conferências, etc., para além de pretenderem divulgar a música de Cabo-Verde. Também tem tido uma acção de protesto junto de entidades governamentais sobre problemas de imigrantes e de racismo.

A sede actual existe desde 1988, sendo possível lá encontrar assiduamente convívios gastronómicos e musicais, de origem cabo-verdiana.

A actividade desta Associação permitiu que tivesse adquirido o Estatuto de utilidade Pública - D.R., II Série n.º 187, de 7 de Novembro de 1995 (anexo nº 13).

Os sócios são de cinco categorias:

- a) sócios fundadores - sócios efectivos e extraordinários inscritos até à realização da assembleia geral constitutiva;

- b) sócios efectivos - os antigos alunos dos seguintes estabelecimentos de ensino: Seminários, Liceu do Infante D. Henrique, Liceu de Gil Eanes, Liceu de Adriano Moreira e Escolas Técnicas, bem como os antigos professores dos mesmos estabelecimentos.
- c) sócios extraordinários - os indivíduos que, não obstante o facto de se encontrarem excluídos da categoria de antigos alunos, tenham de algum modo contribuído para o desenvolvimento da cultura em Cabo-Verde e ainda os que, independentemente desse facto, possam ser considerados como sendo de real interesse para a vida da Associação em qualquer área da sua actividade.
- d) sócios beneméritos - todos os que, através de donativos, tenham contribuído para o enriquecimento do património da Associação.
- e) sócios honorários - as pessoas, singulares ou colectivas, que de algum modo hajam contribuído para a valorização e o prestígio da Associação e da cultura cabo-verdiana.

O número actual de sócios é 655, sendo 444 homens e 211 mulheres. O valor da quota, mensal, é de 400\$00.

Para além dos estatutos, esta Associação rege-se também por um regulamento interno (anexo nº 14), sendo o actual de 1994. Neste regulamento (art.º 2º) encontra-se descrito o

significado do símbolo da associação - o elemento central corresponde à cúpula do edifício onde funcionou o primeiro Liceu de Cabo-Verde, na cidade de Mindelo, em S. Vicente, inicialmente chamado "Liceu do Infante D. Henrique" e, posteriormente, "Liceu de Gil Eanes". O símbolo está inserido num círculo em cuja parte inferior se pode verificar a imagem de um livro aberto, tendo, sobre as páginas, uma candeia acesa, simbolizando o estudo e a meditação. Não são utilizadas cores.

As características de índole familiar desta Associação, onde a evocação a Cabo-Verde está sempre presente, podem verificar-se nos convívios que todos os fins-de-semana levam a efeito, através da gastronomia, da música e do falar crioulo, independentemente da cor da pele.

Operacionalização dos Conceitos

Variáveis Independentes

Dado que consideramos que a pertença a uma elite depende do capital cultural possuído pelos sujeitos, esta variável é operacionalizada através do questionamento sobre a escolaridade possuída (P.6). Entendemos, no nosso caso, que os indivíduos pertencentes a uma elite possuem o 9º ano completo (ou equivalente) ou escolaridade superior, visto que, de acordo com as estatísticas oficiais, a maioria da população cabo-verdiana possui baixas habilitações académicas. Para além desta questão,

composto por 36 questões, apresentando algumas de escolha múltipla, embora a maioria seja só de uma opção (anexo nº 3). O questionário é aplicado aos sujeitos associados nas organizações cabo-verdianas, assim como a indivíduos não associados, mas pertencentes à mesma comunidade étnica. Este questionário é precedido de pré-teste, conforme explicamos na parte relativa aos procedimentos.

Procedimentos

Pré-teste

O nosso instrumento de investigação é precedido da utilização de um pré-teste. (anexo nº 2) O pré-teste tem como base instrumentos utilizados anteriormente para a comunidade cabo-verdiana em Portugal (França, 1992; Saint-Maurice, 1994), numa versão mais reduzida. Introduzimos também uma adaptação da Escala de Identidades de Vala (1994).

No pré-teste são questionados dezanove sujeitos cabo-verdianos trabalhadores de uma Câmara Municipal do distrito de Setúbal, em diversas ocasiões, dado os elementos serem recolhidos durante o horário laboral.

Durante a passagem do pré-teste perguntamos a opinião dos sujeitos e de acordo com as sugestões apresentadas, introduzimos algumas alterações que a seguir se mencionam.

Informam-nos que os cabo-verdianos de 1^a geração podem ter nascido noutra país, para além de Portugal e Cabo-Verde, pelo que incluímos mais uma opção na questão P.4.

O questionamento sobre os tempos livres (P.27) também é modificado no que respeita à família. Visto que os tempos livres são passados também com a família, independentemente de outras situações e, interessando-nos a situação predominante, acrescentamos só com a família, em vez de ser com a família conforme se apresentava inicialmente, visto que esta questão é controversa durante a passagem do pré-teste.

Os resultados do pré-teste são alvo de tratamento estatístico, média, desvio padrão e grau de fidelidade, através da adopção do cálculo de Alpha de Cronbach (Cronbach, 1990) (anexo n° 4).

Embora grande parte do nosso instrumento, numa versão mais vasta, já tivesse sido utilizado em estudos anteriores, decidimos determinar o seu grau de fidelidade. Pretendemos, assim, verificar o comportamento dos diversos itens que constituem o nosso questionário, avaliar a sua estabilidade, ou seja, a sua consistência.

Para a análise do grau de fidelidade, utilizamos o método da consistência interna, com a adopção do cálculo do

coeficiente Alpha de Cronbach, dado ser considerado a medida mais eficiente no âmbito do modelo clássico do erro de medida.

Para este cálculo adoptamos o programa informático Statistica, a partir da questão nº 7, visto que as anteriores são de natureza sócio-demográfica. Fazemos corresponder cada item a uma variável, incluindo os contidos nas questões de escolha múltipla, perfazendo um total de 68 variáveis.

Neste Cálculo obtemos um valor global de Alpha de Cronbach de .999959, sendo também aproximado o valor de cada item com o global do pré-teste (anexo nº 4).

Dado que estes valores são superiores a .80, estamos perante um critério de qualidade, segundo Bryman e Cramer (1992).

Assim sendo, optamos por utilizar definitivamente o questionário, apenas alterando as questões referidas anteriormente, tendo em conta as sugestões apresentadas pelos nossos inquiridos durante a passagem do pré-teste.

Questionário-Teste

Depois de uma pequena introdução verbal, o estudo é apresentado aos respondentes como um trabalho a efectuar no âmbito do Mestrado de Comportamento Organizacional.

Em todas as situações de questionamento procuramos o auxílio de sujeitos da mesma comunidade étnica que nos acompanham sempre na recolha dos dados. Procuramos, assim, criar um clima de à vontade e confiança, a fim de estabelecer previamente um ambiente propício à recolha dos elementos, dado que o questionário pode ferir algumas susceptibilidades, para além do estudo decorrer durante o 2º processo de legalização extraordinária de estrangeiros. Pretendemos que de modo algum o nosso estudo fosse confundido com o trabalho do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras.

O questionamento dos sujeitos não associados é efectuado na casa dos mesmos ou no ambiente de trabalho, com autorização prévia das chefias.

Os associados são abordados nas sedes das respectivas associações, aproveitando datas festivas.

Tratamento dos Dados

Os dados dos 114 questionários são tratados estatisticamente através do programa informático SPSS (Statistical Package for Social Sciences). O processo de análise apresenta as seguintes fases:

1. Verificação de eventuais diferenças significativas entre os grupos testados, elite e não elite e associado e

não associado, no que respeita à identificação com o grupo étnico.

Com esta finalidade optamos por utilizar o Teste de Mann-Withney, também denominado Prova U, que corresponde a um método estatístico usado para traduzir uma diferença média amostral quando os dados pertencem ao nível ordinal (Levin, 1987).

2. Verificação da existência de diferenças entre os grupos considerados, com recurso ao Teste de Qui-Quadrado para as questões de nível nominal.

O Teste de Qui-Quadrado é um teste não-paramétrico de significância utilizado para verificar um estudo relacional entre variáveis, ou seja, a determinação do tipo de relação existente entre elas: independência ou dependência (Levin, 1987).

3. Correlação existente entre o tempo de permanência em Portugal e a identificação e pertença ao grupo étnico de cabo-verdianos.

A correlação corresponde a uma metodologia estatística que mostra a força e direcção (positiva ou negativa) da associação/relação entre as variáveis.

A relação das nossas hipóteses com os dados do questionário encontra-se patente no quadro a seguir apresentado.

HIPÓTESES	DADOS DO QUESTIONÁRIO	TESTE ESTATÍSTICO UTILIZADO
Hipótese 1	P.29; P.33(1); P.34.1; P.34.2	Teste de Mann-Withney
Hipótese 2	P.9; P.33(1); P.34.1; P.34.2	Teste de Mann-Withney
Hipótese 3	P.9; P.22; P.31; P.33	Teste de Qui-Quadrado
Hipótese 4	P.9; P.30.1; P.30.2; P.30.4; P.30.5	Teste de Qui-Quadrado

Quadro 1 - Relação das hipótese com os dados do questionário

RESULTADOS

Identificação e Pertença ao Grupo Étnico - Ser ou Não Associado

Os resultados que passamos a apresentar referem-se ao estudo da identificação e pertença ao grupo étnico, consoante se trate de indivíduos associados e não associados de associações cabo-verdianas. Correspondem à testagem da nossa hipótese 1.

Este estudo baseia-se na utilização do Teste de Mann-Withney, também designado por Prova U, que é um teste não-paramétrico utilizado quando os dados pertencem ao nível ordinal (que é o caso das nossas questões 34.1 3 34.2, correspondentes à variável dependente).

Utilizaram-se 4 itens: P.29 (ser ou não ser associado), P.33(1) (considerar-se cabo-verdiano, independentemente da nacionalidade), P.34.1 (identificação com o grupo) e P.34.2 (pertença ao grupo).

Embora a nossa amostra total seja de 114 indivíduos, trabalhamos aqui com 79 sujeitos (69,3%), correspondentes ao número que optam pelo grupo de cabo-verdianos na P.33, dado ser o grupo mais relevante para o âmbito do nosso trabalho.

Os resultados obtidos apresentam-se nas Tabelas 1 e 2.

Identificação (P.34.1 / P.29)

Valor Médio das ordenações	Casos		
35,51	36 (P29 ^{rec} =1,00)		
43,76	<u>43</u> (P29 ^{rec} =2,00)		
	79 Total		
Valor do Teste (U)	Soma das ordens do grupo mais pequeno (W de Wilcoxon)	Valor do teste aproximado à distribuição normal (Z)	Probabilidade associada ao valor obtido (p)
612,5	1278,5	-1,9997	.0455

Tabela 1 - Teste Mann-Withney - Ser ou não associado / Identificação

Os resultados obtidos apontam para uma diferença significativa entre ser ou não associado, no que respeita à identificação ao grupo de cabo-verdianos, dado que o p. obtido (.0455) é < que .05. Assim, é possível afirmar que ser sócio ou não de uma associação cabo-verdiana influencia a identificação ao grupo étnico, ao nível da significância de .05.

Pertença (P.34.2 / P.29)

Valor Médio das ordenações	Casos		
34,72	36 (P29 ^{rec} =1,00)		
42,76	41 (P29 ^{rec} =2,00)		
	77 Total		
Valor do Teste (U)	Soma das ordens do grupo mais pequeno (W de Wilcoxon)	Valor do teste aproximado à distribuição normal (Z)	Probabilidade associada ao valor obtido (p)
584,0	1250,0	-1,8791	.0602

Tabela 2 - Teste Mann-Whitney - Ser ou não associado / Pertença

Os resultados patentes na tabela 2 apresentam valores que parecem apontar para uma diferença não significativa entre ser ou não associado e a pertença ao grupo étnico, ao nível de significância de .05, dado que o p obtido (.0602) é ligeiramente superior a .05.

Identificação e Pertença ao Grupo Étnico - Elite e Não Elite

Os resultados a seguir apresentados referem-se ao comportamento dos indivíduos segundo a escolaridade possuída (ser ou não elite) e a identificação e a pertença ao grupo étnico. Optámos também pelo teste de Mann-Whitney para analisar eventuais diferenças. Estes resultados correspondem à verificação da nossa hipótese 2.

Os resultados obtidos encontram-se descritos nas tabelas 3 e 4.

Identificação / Elite ou Não Elite (2 grupos) - (P.6 / P.34.1)

Valor Médio das ordenações	Casos		
38,86	33=1,00		
40,82	46=2,00		
	79 Total		
Valor do Teste (U)	Soma das ordens do grupo mais pequeno (W de Wilcoxon)	Valor do teste aproximado à distribuição normal (Z)	Probabilidade associada ao valor obtido (p)
721,5	1282,5	-,4689	.6391

Tabela 3 - Teste Mann-Withney - Ser ou não elite (2 grupos) / Identificação

Pertença / Elite ou Não Elite (2 grupos) - (P.9/P.34.2)

Valor Médio das ordenações	Casos		
40,05	33=1,00		
38,22	44=2,00		
	77 Total		
Valor do Teste (U)	Soma das ordens do grupo mais pequeno (W de Wilcoxon)	Valor do teste aproximado à distribuição normal (Z)	Probabilidade associada ao valor obtido (p)
691,5	1321,5	-,4244	.6712

Tabela 4 - Teste Mann-Withney - Ser ou não elite (2 grupos) / Pertença

Os resultados obtidos consoante a escolaridade possuída, não apresentam diferenças significativas no que refere à Identificação e à Pertença ao grupo étnico. Como se pode verificar pelos valores de p. patentes nas tabelas 3 e 4, estes valores são bastante superiores a .05. Deste modo, não é abusivo afirmarmos que o capital cultural (pertencer ou não uma elite) não influencia os indivíduos quer com a Identificação quer com a Pertença ao grupo étnico.

Formas de Identificação e Pertença ao Grupo Étnico Consoante a Escolaridade (3 grupos)

Com o intuito de verificarmos a nossa hipótese 3 optamos pela utilização do teste de Qui-Quadrado que, tal como consideramos anteriormente é um teste que permite um estudo relacional entre varáveis, ou seja, se existe uma relação de independência ou dependência entre elas.

Porém, embora tendo presente o que consideramos um grupo de elite (ter o 9º ano ou superior) optamos por dividir a amostra em três grupos (1º grupo - Instrução Primária; 2º grupo - Ciclo Preparatório até 12º ano; 3º grupo - Curso Médio ou Superior), a fim de verificarmos se estatisticamente se observam diferenças após esta divisão, dado que com dois grupos não obtemos diferenças significativas até ao momento.

Consideramos as formas estruturadas da identificação ao grupo de congêneres como sendo a Língua, (P.22), a Religião (P.31) e a Raça (P.33) para todos os sujeitos, embora mais salientes nos sujeitos com menor escolaridade.

Este método estatístico permite-nos obter os resultados patentes nas tabelas 5, 6 e 7 a seguir apresentadas.

Língua / Elite ou Não Elite (3 grupos)

	1	2	3	Total em Linha
1,00	23	2	1	26 22,8%
2,00	46	14	4	64 54,1%
3,00	14	4	6	24 21,1%
Total em Coluna	83 72,8%	20 17,5%	11 9,6%	114 100%
Qui-Quadrado	Valor	Graus de Liberdade	Significância	Nº de células com frequência esperada inferior a 5
Pearson	11,24147	4	.02398	4 de 9
Ratio de Likelihood	10,14744	4	.03802	(44,4%)

Tabela 5 - Teste de Qui-Quadrado para as formas de identificação (Língua) ao grupo étnico consoante a escolaridade possuída

Ao pretender-se determinar o grau de associação entre o tipo de escolaridade possuído e a Língua, como forma de identificação ao respectivo grupo étnico, ele pode ser conseguido mediante a aplicação do teste de Qui-Quadrado, donde resulta o Coeficiente de Pearson e o Likelihood Ratio, cujos valores obtidos são, respectivamente, de 11,24147 e 10,14744. Para rejeitar a hipótese nula necessitamos de um valor que seja pelo menos igual a 9,488, tendo em conta os graus de liberdade(4), ao nível de significância de .05. Considerando que os valores que obtemos são superiores ao valor crítico do Qui-Quadrado, podemos, portanto, afirmar que existem diferenças entre os grupos testados. Aliás, esta verificação também pode ser feita pelos níveis de significância obtidos (.02398 e .03802) que são menores que .05.

Porém, consideramos ser importante referir que, segundo alguns autores, o teste de Qui-Quadrado pode não ser fidedigno se as frequências esperadas para cada célula forem menores que 5, embora esta questão seja alvo de alguma controvérsia (Bryman e Cramer, 1993). No nosso teste, em 4 de 9 células (44,4%) sucedeu esta situação. No entanto, como a questão não é linear, optamos por aceitar os resultados deste teste e dos seguintes em que esta situação acontece.

Assim, podemos dizer que existem diferenças entre os grupos, consoante a escolaridade, face à Língua como forma

estruturada de identificação ao grupo, parecendo salientar-se, neste caso, o grupo com habilitações que consideramos de nível médio (ciclo preparatório até 12º ano).

Religião / Elite ou Não Elite (3 grupos)

	1	2	Total em Linha
1,00	9	16	25 23,1%
2,00	13	49	62 57,4%
3,00	-	21	21 19,4%
Total em Coluna	22 20,4%	86 79,6%	108 100%

Qui-Quadrado	Valor	Graus de Liberdade	Significância	Nº de células com frequência esperada inferior a 5
Pearson	9,15072	2	.01030	1 de 6
Ratio de Likelihood	12,83824	2	.00163	(16,7%)

Tabela 6 - Teste de Qui-Quadrado para as formas de identificação (Religião) ao grupo étnico consoante a escolaridade obtida

Os resultados obtidos apontam-nos para diferenças significativas ao nível de significância de .05, dado que 9,15072 e 12,83824, respectivamente, são superiores ao Qui-Quadrado crítico tabelado (5,991), tendo em conta os graus de liberdade(2). Estes resultados apontam para diferenças significativas entre os grupos considerados quanto à Religião, em que o grupo intermédio parece mais uma vez salientar-se face aos restantes.

Raça / Elite ou Não Elite (3 grupos)

	1	2	3	4	5	6	Total em Linha
1,00	24	2	-	1	-	-	27 23,3%
2,00	40	7	5	9	-	2	63 55,3%
3,00	14	-	2	4	1	3	24 21,7%
Total em Coluna	78 68,4%	9 7,9%	7 6,1%	14 12,3%	1 0,9%	5 4,4%	114 100,0%

Qui-Quadrado	Valor	Graus de Liberdade	Significância	N° de células com frequência esperada inferior a 5
Pearson	18,00399	10	.054490	13 de 18
Ratio de Likelihood	21,02717	10	.02090	(72,2%)

Tabela 7 - Teste de Qui-Quadrado para as formas de identificação (Raça) ao grupo étnico consoante a escolaridade possuída

Os resultados obtidos neste teste encontram-se ligeiramente inferiores (18,00399) ao valor crítico do Qui-Quadrado tabelado para 10 graus de liberdade (18,307), ao nível de significância de .05, o que é comprovado pelo valor de significância obtido (.05490), superior a .05. Assim sendo, parecem não existir diferenças significativas entre os grupos considerados, no que se refere à identificação através da Raça.

O Que as Elites Procuram nas Associações

Com o intuito da verificabilidade da nossa hipótese 4, em que consideramos que os indivíduos pertencentes a uma elite procuram nas associações o convívio, a música e a gastronomia, optamos igualmente por utilizar o teste de Qui-Quadrado como método estatístico. Mais uma vez dividimos os indivíduos em 3 grupos consoante a escolaridade obtida, da mesma forma que nos testes anteriores. Dado que a pergunta do questionário que

aborda as várias situações de convívio procuradas nas associações é de resposta múltipla (P.30), testamos todos os itens desta pergunta (P.30.1 a p.30.7), excepto a última, porque a esta não há respondentes.

As tabelas 8 a 14 apresentam os resultados obtidos, que serão comentados pela totalidade dos itens testados.

Elite ou Não Elite / Convívio com Cabo-verdianos (P.30.1)

	0	1	Total em Linha
1,00	2	8	10 15,2%
2,00	12	26	38 57,6%
3,00	1	17	18 27,3%
Total em Coluna	15 22,7%	51 77,3%	66 100,0%

Qui-Quadrado	Valor	Graus de Liberdade	Significância	Nº de células com frequência esperada inferior a 5
Pearson	4,75993	2	.09255	2 de 6
Ratio de Likelihood	5,61676	2	.06030	(33,3%)

Tabela 8 - Teste de Qui-Quadrado /Elites (3 grupos) - Convívio com Cabo-verdianos

Elite ou Não elite / Convívio com Outras Gentes (P.30.2)

	0	1	Total em Linha
1,00	9	1	10 15,2%
2,00	30	8	38 57,6%
3,00	12	6	18 27,3%
Total em Coluna	51 77,3%	15 22,7%	66 100,0%

Qui-Quadrado	Valor	Graus de Liberdade	Significância	Nº de células com frequência esperada inferior a 5
Pearson	2,13598	2	.34370	2 de 6
Ratio de Likelihood	2,21690	2	.33007	(33,3%)

Tabela 9 - Teste de Qui-Quadrado /Elites (3 grupos) - Convívio com outras gentes

Elite ou Não Elite / Partilhar a Mesma Língua (P.30.3)

	0	1	Total em Linha
1,00	9	1	10 15,2%
2,00	29	9	38 57,6%
3,00	9	9	18 27,3%
Total em Coluna	47 71,2%	19 28,8%	66 100,0%

Qui-Quadrado	Valor	Graus de Liberdade	Significância	N° de células com frequência esperada inferior a 5
Pearson	6,15538	2	.04607	1 de 6
Ratio de Likelihood	6,17356	2	.04565	(16,7%)

Tabela 10 - Teste de Qui-Quadrado /Elites (3 grupos) -
Partilhar a mesma Língua

Elite ou Não Elite / Oportunidade de Comer Comida de Cabo-Verde(P.30.4)

	0	1	Total em Linha
1,00	9	1	10 15,2%
2,00	28	10	38 57,6%
3,00	9	9	18 27,3%
Total em Coluna	46 69,7%	20 30,3%	66 100,0%

Qui-Quadrado	Valor	Graus de Liberdade	Significância	Nº de células com frequência esperada inferior a 5
Pearson	5,54430	2	.06253	1 de 6
Ratio de Likelihood	5,713377	2	.05745	(16,7%)

Tabela 11 - Teste de Qui-Quadrado /Elites (3 grupos) .-
Oportunidade de comer comida de Cabo-Verde

Elite ou Não Elite / Ouvir e Dançar Música de Cabo-Verde(P.30.5)

	0	1	Total em Linha
1,00	6	4	10 15,2%
2,00	19	19	38 57,6%
3,00	6	12	18 27,3%
Total em Coluna	31 47,0%	35 53,0%	66 100,0%

Qui-Quadrado	Valor	Graus de Liberdade	Significância	Nº de células com frequência esperada inferior a 5
Pearson	2,16553	2	.33866	1 de 6
Ratio de Likelihood	2,19893	2	.33305	(16,7%)

Tabela 12 - Teste de Qui-Quadrado /Elites (3 grupos) - Ouvir e dançar música de Cabo-Verde

Elite ou Não Elite / Falar da Terra (P.30.6)

	0	1	Total em Linha
1,00	7	3	10 15,2%
2,00	20	18	38 57,6%
3,00	4	14	18 27,3%
Total em Coluna	31 47,0%	35 53,0%	66 100,0%

Qui-Quadrado	Valor	Graus de Liberdade	Significância	Nº de células com frequência esperada inferior a 5
Pearson	7,04427	2	.02954	1 de 6
Ratio de Likelihood	7,39227	2	.02482	(16,7%)

Tabela 13 - Teste de Qui-Quadrado /Elites (3 grupos) - Falar da Terra

Elite ou Não elite / Partilhar os Mesmos Cultos Religiosos

(P.30.7)

	0	1	Total em Linha
1,00	10	-	10 15,2%
2,00	34	4	38 57,6%
3,00	17	1	18 27,3%
Total em Coluna	61 92,4%	5 7,6%	66 100,0%

Qui-Quadrado	Valor	Graus de Liberdade	Significância	Nº de células com frequência esperada inferior a 5
Pearson	1,39707	2	.49731	3 de 6
Ratio de Likelihood	2,11563	2	.34721	(50,0%)

Tabela 14 - Teste de Qui-Quadrado /Elites (3 grupos) -

Partilhar os mesmos cultos religiosos

A aplicabilidade do Teste Qui-Quadrado aos diversos itens da P.30, consoante os grupos de indivíduos da amostra (de acordo com a escolaridade) aponta para o seguinte:

- não se verificam diferenças significativas entre os sujeitos respondentes quanto ao convívio com cabo-verdianos (P.30.1), no convívio com outras gentes (P.30.2), na oportunidade de comer comida de Cabo-Verde (P.30.4), na procura de ouvir e dançar música cabo-verdiana (P.30.5) e no partilhar os mesmos cultos religiosos (P.30.7). Em todas estas situações o valor obtido pelo Teste Qui-Quadrado é inferior ao crítico/tabelado (5,991) para os graus de liberdade considerados (2), ao nível de significância de .05. Consequentemente, as probabilidades associadas aos valores obtidos são superiores a .05.
- as diferenças significativas encontradas, ao nível de significância de .05, situam-se na partilha da mesma Língua (P.30.3) e no falar da Terra (P.30.6), dado que os valores do teste, para estes dois itens, é superior a 5,991 (valor tabelado para 2 graus de liberdade), donde resultaram probabilidades associadas inferiores a .05. Em ambos os casos parece destacar-se o grupo intermédio.

Outras Diferenças Significativas Encontradas no Tratamento
Estatístico dos Dados

Facilidade de Integração Inicial

Consideramos que uma das questões relevantes para o nosso estudo é a facilidade de integração inicial no país de acolhimento, sobretudo devido a factores de ordem financeira. Esta questão encontra-se reflectida na P.17 (tipo de alojamento quando da chegada a Portugal). A fim de verificarmos a diferença entre elites e não elites (consideramos igualmente 2 e 3 grupos) sobre este assunto, utilizamos mais uma vez o Teste de Qui-Quadrado, cujos resultados se encontram nas tabelas seguintes. Reconvertemos a P.17, considerando 2 grupos: o que alugou/comprou casa (2,00) (que em princípio possuía uma melhor situação financeira) e o outro grupo correspondente às restantes situações (1,00).

Tipo de Alojamento Inicial (P.17 Rec) / Elites e Não Elites (2

Grupos) (P.9)

	1,00	2,00	Total em Linha
1,00	36	8	44 44,9%
2,00	35	19	54 55,1%
Total em Coluna	71 72,4%	27 21,6%	98 100,0%

Qui-Quadrado	Valor	Graus de Liberdade	Significância
Pearson	3,51172	1	.06094
Ratio de Likelihood	2,71153	1	.09963

Tabela 15 - Teste de Qui-Quadrado - Elites e não elites (2 grupos) - Integração inicial, consoante o tipo de alojamento

A leitura dos resultados obtidos diz-nos que não existem diferenças significativas nos dois grupos testados, ao nível de significância de .05. O valor do Qui-Quadrado (3,51172) é inferior ao valor tabelado (3,841), assim como as significâncias obtidas são maiores que .05.

Tipo de Alojamento Inicial (P.17Rec) / Elites e Não Elites (3 Grupos) (P.9Rec)

	1,00	2,00	Total em Linha
1,00	23	3	26 26,5%
2,00	31	19	50 51,0%
3,00	17	5	22 22,4%
Total em Coluna	71 72,4%	27 27,6%	98 100,0%

Qui-Quadrado	Valor	Graus de Liberdade	Significância
Pearson	6,33124	2	.04219
Ratio de Likelihood	6,79263	2	.03350

Tabela 16 - Teste de Qui-Quadrado - Elites e não elites (3 grupos) - Integração inicial, consoante o tipo de alojamento

Os resultados apontam para uma diferença significativa, ao nível de significância de .05, dado que as significâncias obtidas são inferiores a .05 e o valor do teste é superior ao valor crítico/tabelado (5.991) para 2 graus de liberdade. Deste modo, podemos dizer que existem diferenças significativas entre

os grupos considerados quanto ao tipo de alojamento inicial, parecendo mais uma vez salientar-se o grupo intermédio.

Comparação Entre as Duas Associações Estudadas -

- Identificação/Pertença

Consideramos que as duas associações estudadas são diferentes, fundamentalmente pelo tipo de requisitos exigidos para se ser sócio, conforme referimos no capítulo anterior, na parte relativa ao contexto do estudo. A fim de testarmos se esta diferença é significativa, no que diz respeito à identificação e pertença, mais uma vez aplicamos o Teste de Mann-Withney, cujos resultados estão patentes nas tabelas 17 e 18.

Identificação (P.34.1 / P.29 (1 e 2))

Valor Médio das ordenações	Casos		
33,79	28=(P.29=1)		
26,58	31=(P.29=2)		
	59 Total		
Valor do Teste (U)	Soma das ordens do grupo mais pequeno (W de Wilcoxon)	Valor do teste aproximado à distribuição normal (Z)	Probabilidade associada ao valor obtido (p)
328,0	946,0	-2,0698	.0385

Tabela 17 - Teste Mann-Withney - Comparação entre as duas associações / Identificação

Pertença (P.34.2 / P.29 (1 e 2))

Valor Médio das ordenações	Casos		
32,20	28=(P.29=1)		
25,91	29=(P.29=2)		
	57 Total		
Valor do Teste (U)	Soma das ordens do grupo mais pequeno (W de Wilcoxon)	Valor do teste aproximado à distribuição normal (Z)	Probabilidade associada ao valor obtido (p)
316,5	901,5	-1,7727	.0763

Tabela 18 - Teste Mann-Withney - Comparação entre as 2 associações/ Pertença

Dado que o p. obtido (.0385) no teste no que respeita à Identificação é menor que .05, podemos afirmar que os sócios das duas associações apresentam diferenças significativas, ao nível de significância de .05, no que se refere à Identificação com o grupo de cabo-verdianos. Contudo, esta diferença já não é significativa, também ao nível da significância de .05, relativamente à Pertença, visto que o p. obtido (.0763) é maior que .05.

Interculturalismo e Mudança de Hábitos

Numa sociedade onde existe interculturalidade está subjacente uma interacção entre culturas, conforme referimos na parte relativa à Introdução. Desta interacção resulta, muito

provavelmente, uma mudança de hábitos entre os indivíduos que interagem numa sociedade multi e intercultural.

Assim sendo, entendemos que esta questão está reflectida na P.36 do nosso instrumento (de resposta múltipla e em escala) que questiona os sujeitos sobre a alteração de hábitos desde que estão em Portugal.

Com a finalidade de analisarmos possíveis níveis de situação de interculturalidade, testamos todos os itens que integram a P.36 (excepto no último porque não houve respondentes) através da aplicação do Teste de Mann-Whitney. Diferenciamos uma vez mais a nossa amostra em elites e não elites (dois grupos), partindo do pressuposto que a mudança de hábitos depende da classe social em que os sujeitos se integram.

Os resultados obtidos encontram-se patentes nas tabelas 19 a 24 e serão analisados na globalidade.

Mudança de Hábitos (P.36) / Elites e Não Elites (2 Grupos-P.6)

Alimentação (P.36.1) / Elites e Não elites (2grupos-P.6)

Valor Médio das ordenações	Casos		
42,39	33=1,00		
38,28	46=2,00		
	79 Total		
Valor do Teste (U)	Soma das ordens do grupo mais pequeno (W de Wilcoxon)	Valor do teste aproximado à distribuição normal (Z)	Probabilidade associada ao valor obtido (p)
680,0	1399,0	-,8282	.4076

Tabela 19 - Teste Mann-Withney - Alimentação/Elites e não elites (2grupos)

Vestuário (P.36.2) / Elites e Não Elites (2grupos-P.6)

Valor Médio das ordenações	Casos		
45,70	35=1,00		
40,21	49=2,00		
	84 Total		
Valor do Teste (U)	Soma das ordens do grupo mais pequeno (W de Wilcoxon)	Valor do teste aproximado à distribuição normal (Z)	Probabilidade associada ao valor obtido (p)
745,5	1599,5	-1,0818	.2793

Tabela 20 - Teste Mann-Withney - Vestuário/Elites e não elites (2 grupos)

Tempos Livres (P.36.3) / Elites e Não Elites (2grupos-P.6)

Valor Médio das ordenações	Casos		
41,14	37=1,00		
43,57	<u>47</u> =2,00		
	84 Total		
Valor do Teste (U)	Soma das ordens do grupo mais pequeno (W de Wilcoxon)	Valor do teste aproximado à distribuição normal (Z)	Probabilidade associada ao valor obtido (p)
819,0	1522,0	-,4959	.6200

Tabela 21 - Teste Mann-Withney - Tempos livres/Elites e não elites (2 grupos)

Convívio (P.36.4) / Elites e Não Elites (2grupos-P.6)

Valor Médio das ordenações	Casos		
45,07	36=1,00		
39,65	<u>47</u> =2,00		
	83 Total		
Valor do Teste (U)	Soma das ordens do grupo mais pequeno (W de Wilcoxon)	Valor do teste aproximado à distribuição normal (Z)	Probabilidade associada ao valor obtido (p)
735,5	1622,5	-1,0898	.2758

Tabela 22 - Teste Mann-Withney - Convívio/Elites e não elites (2 grupos)

Religião (P.36.5) / Elites e Não Elites (2 grupos-P.6)

Valor Médio das ordenações	Casos		
38,68	28=1,00		
28,70	<u>37</u> =2,00		
	65 Total		
Valor do Teste (U)	Soma das ordens do grupo mais pequeno (W de Wilcoxon)	Valor do teste aproximado à distribuição normal (Z)	Probabilidade associada ao valor obtido (p)
359,0	1083,0	-2,5522	.0107

Tabela 23 - Teste Mann-Withney - Religião/Elites e não elites (2 grupos)

Ritmo de Vida (P.36.6) / Elites e Não Elites (2grupos-P.6)

Valor Médio das ordenações	Casos		
42,99	36=1,00		
44,72	<u>51</u> =2,00		
	87 Total		
Valor do Teste (U)	Soma das ordens do grupo mais pequeno (W de Wilcoxon)	Valor do teste aproximado à distribuição normal (Z)	Probabilidade associada ao valor obtido (p)
881,5	1547,5	-,3723	.7096

Tabela 24 - Teste Mann-Withney - Ritmo de vida/Elites e não elites (2 grupos)

Os resultados obtidos apontam para uma diferença não significativa entre os grupos na generalidade dos itens. Exceptua-se o item relativo à Religião, em que a probabilidade associada ao valor obtido tem um valor de .0107, portanto inferior a .05, o que nos leva a dizer que existem diferenças significativas entre os dois grupos quanto à mudança de hábitos relativos à prática religiosa, ao nível de significância de .05.

Outros Resultados Obtidos

Para além dos testes às nossas hipóteses e os citados anteriormente, pretendemos obter mais informação a partir dos dados do questionário. Consideramo-la importante para o contexto global do nosso estudo. Contudo, os resultados obtidos não mostram diferenças significativas, embora entendamos que a sua apresentação e posterior discussão seja pertinente para uma melhor compreensão deste trabalho.

Identificação e Pertença / Outras Variáveis

Sendo a identificação e a pertença ao grupo de Cabo-Verdianos correspondentes às nossas variáveis dependentes, pretendemos igualmente testá-las com outras variáveis, entre as quais a naturalidade, a nacionalidade e consoante a época de chegada a Portugal. Mais uma vez optamos pelo Teste de Mann-Withney para a naturalidade e nacionalidade, embora em ambas as situações tenhamos mais de dois grupos, pelo que teríamos

de aplicar o Teste de Kruskal-Wallis. Porém, como nos dois casos o número de sujeitos que respondem aos itens diferentes de 1 e 2 correspondem a 0.04% do total da amostra, optamos apenas pelos respondentes aos dois primeiros itens (indivíduos com naturalidade ou nacionalidade Cabo-Verdiana ou Portuguesa), pois consideramos os restantes estatisticamente irrelevantes no contexto global do nosso trabalho.

Quanto à chegada a Portugal, consideramos que a correlação (coeficiente de Spearman- correlação ordinal para variáveis ordinais) é o método estatístico mais adequado. Os resultados obtidos apresentam-se nas tabelas 25 a 28.

Identificação e Pertença - Naturalidade

Identificação (P.34.1) / Naturalidade (P.4).

Valor Médio das ordenações	Casos		
40,68	11=(P.4=1)		
38,72	66=(P.4=2)		
	77 Total		
Valor do Teste (U)	Soma das ordens do grupo mais pequeno (W de Wilcoxon)	Valor do teste aproximado à distribuição normal (Z)	Probabilidade associada ao valor obtido (p)
344,5	444,5	-,3360	.7369

Tabela 25 - Teste Mann-Whitney - Identificação/Naturalidade

Pertença (P.34.2) / Naturalidade (P.4).

Valor Médio das ordenações	Casos		
32,27	11=(P.4=1)		
38,98	64=(P.4=2)		
	75 Total		
Valor do Teste (U)	Soma das ordens do grupo mais pequeno (W de Wilcoxon)	Valor do teste aproximado à distribuição normal (Z)	Probabilidade associada ao valor obtido (p)
289,0	355,0	-1,1190	.2632

Tabela 26 - Teste Mann-Withney - Pertença/Naturalidade

Como se pode verificar, os valores obtidos em p. são bastante superiores a .05, tanto para a Identificação como para a Pertença ao grupo de congéneres. Assim sendo, podemos afirmar que não existem diferenças entre os sujeitos quanto à Identificação e Pertença, quando está em jogo a naturalidade.

Identificação e Pertença - Naturalidade

Identificação (P.34.1) / Nacionalidade(P.5).

Valor Médio das ordenações	Casos		
36,31	34=(P.5=1)		
41,13	43=(P.5=2)		
	77 Total		
Valor do Teste (U)	Soma das ordens do grupo mais pequeno (W de Wilcoxon)	Valor do teste aproximado à distribuição normal (Z)	Probabilidade associada ao valor obtido (p)
639,5	1234,5	-1,2054	.2281

Tabela 27 - Teste Mann-Withney Identificação/ Nacionalidade

Pertença (P.34.2) / Nacionalidade (P.5).

Valor Médio das ordenações	Casos		
37,21	33=(P.5=1)		
38,62	42=(P.5=2)		
	75 Total		
Valor do Teste (U)	Soma das ordens do grupo mais pequeno (W de Wilcoxon)	Valor do teste aproximado à distribuição normal (Z)	Probabilidade associada ao valor obtido (p)
667,0	1228,0	-,3369	.7362

Tabela 28 - Teste Mann-Withney - Pertença/Nacionalidade

Dado que os valores obtidos em p., .2281 e .7362, respectivamente, para a Identificação e Pertença, quanto à nacionalidade dos sujeitos são superiores a .05, verificamos que não existem diferenças significativas entre eles.

Correlação (Spearman)		
Identificação (P.34.1.)	-,1199 N(69) Sig,326	—
Pertença (P.34.2.)	-,0844 N(67) Sig,497	,8347 N(77) Sig,000
—	Época de chegada a Portugal (P.14)	Identificação (P.34.1.)

Tabela 29 - Matriz de Correlações (coeficiente de Spearman)/
Época de chegada a Portugal

Os dados patentes na tabela 29 mostram-nos que as correlações registadas são baixas e de sentido negativo, com significâncias estatísticas superiores a .05. Por este motivo, consideramos que a época de chegada a Portugal não está associada à identificação e pertença dos sujeitos ao respectivo grupo étnico.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Identificação e Pertença ao Grupo Étnico - Ser ou Não Associado

Pela aplicação do Teste de Mann-Whitney aos grupos de associados e não associados (apenas nos indivíduos que se viam pertencentes ao grupo de cabo-verdianos), resulta uma diferença significativa (ao nível de significância de .05) entre os grupos, no que se refere à Identificação, conforme se verifica no capítulo anterior. Porém, no que respeita à Pertença não se registam diferenças significativas, ao mesmo nível de significância.

A formulação da nossa primeira hipótese tem como base o pressuposto de que as estruturas associativas reforçam os sentimentos de Identificação e de Pertença ao grupo étnico, independentemente dos recursos habilitacionais. Contudo, os resultados parecem indiciar que ser associado dum associação da respectiva etnia tem como consequência uma maior Identificação ao grupo de congéneres, não influenciando, todavia, os sentimentos de Pertença.

Em nosso entender, estes resultados apontam no sentido de a opção de ser sócio é de carácter instrumental e não profundo, ou seja, corresponde a uma necessidade imediata como forma de

sobrevivência numa sociedade diferente da de origem, constituindo esta provavelmente um meio hostil.

Assim sendo, podemos dizer que se confirma parcialmente a nossa primeira hipótese, visto que os dados apontam para um maior reforço da Identificação dos associados, mas tal não se verifica no que se refere ao sentimento de Pertença.

Identificação e Pertença ao Grupo Étnico / Elite ou Não Elite

Segundo o que consideramos no primeiro capítulo, tanto a Identificação como a Pertença são marcadas por factores que ultrapassam a etnia de pertença, devendo ser entendidas dentro do quadro das classes sociais, dado a comunidade imigrante de cabo-verdianos não ser homogénea. Pode-se falar inclusivamente da existência de elites, onde está implícita apenas uma diferença de recursos e não de qualquer pressuposto relacional. Esta distinção produz, em princípio, efeito no plano das estratégias identitárias.

A nossa segunda hipótese está assente na base destes pressupostos, ou seja, a interferência dos processos inerentes à pertença a uma classe social mais privilegiada diferencia os indivíduos quanto à identificação para com o grupo étnico respectivo.

No sentido da sua verificabilidade optamos igualmente pelo Teste de Mann-Whitney, dividindo os sujeitos (que se consideram como cabo-verdianos) em dois grupos, segundo o grau de escolaridade. Os resultados obtidos apontam para uma não diferenciação quer com a Identificação quer com a Pertença.

Consequentemente, podemos afirmar que a nossa segunda hipótese não se confirma na amostra estudada, dado que o capital cultural não influencia quer a Identificação quer a Pertença dos sujeitos para com o respectivo grupo de congéneres. No entanto, consideramos que estes resultados são algo controversos. Voltaremos a comentá-los mais adiante dentro deste capítulo.

Formas de Identificação e Pertença ao Grupo Étnico Consoante a Escolaridade (3 grupos)

Na nossa terceira hipótese consideramos que as formas estruturadas da identificação ao grupo étnico são fundamentalmente a Língua, a Religião e a Raça, para todos os sujeitos, sendo, no entanto, mais salientes nos indivíduos com menor capital cultural.

Dado estar igualmente em questão a escolaridade dos indivíduos, optamos aqui por utilizar o método de os dividir em

três grupos, segundo a escolaridade, por nos parecer estatisticamente mais relevante.

Os resultados obtidos, através da aplicação do Teste de Qui-Quadrado para as várias situações, apontam para uma diferenciação entre os indivíduos no que se refere à Língua e à Religião, mas não quanto à Raça, onde não se encontram diferenças significativas. Dos três grupos estudados parece destacar-se o grupo intermédio, ou seja, o que possui habilitações académicas do ciclo preparatório até ao 12ºano.

Face a estes resultados, podemos afirmar que a nossa terceira hipótese se confirma parcialmente, visto que obtemos dados significativos quanto à Língua e à Religião, mas não quanto à Raça e, para além disto, o grupo que parece salientarse não é o grupo com o menor capital cultural, mas sim o grupo intermédio.

O Que as Elites Procuram nas Associações

Formulamos a nossa quarta hipótese na base do pressuposto de que as elites procuram nas associações o convívio e a partilha de expressões culturais como a música e a gastronomia, identificando-se mais com a cultura da sociedade receptora.

Como método estatístico escolhido para a sua verificabilidade optamos igualmente pelo Teste de Qui-Quadrado, mas às várias situações possíveis de expressão de convívio nas associações, patentes na P.30, questão de escolha múltipla.

Os resultados obtidos apontam para uma não diferenciação dos indivíduos quanto ao convívio com cabo-verdianos, convívio com outras gentes, gastronomia típica, ouvir e dançar música de Cabo-Verde e partilhar dos mesmos cultos religiosos. No entanto, quanto ao partilhar da mesma Língua e falar da Terra já se encontram diferenças significativas entre os sujeitos, parecendo, uma vez mais, que o grupo intermédio se destaca face aos restantes.

Perante estes resultados, podemos afirmar que não se confirma a nossa quarta hipótese, dado que as expressões de convívio nas associações não foram as por nós inicialmente apontadas (música e gastronomia), mas sim o partilhar da mesma Língua e o falar da Terra, para além de o grupo que se salienta é o grupo intermédio e não o que possui maior capital cultural.

Outras Diferenças Significativas Encontradas no Tratamento
Estatístico dos Dados

Facilidade de Integração Inicial

Consideramos que a facilidade de integração inicial no país de acolhimento pode estar reflectida no tipo de alojamento quando da chegada a Portugal e que esta situação pode ser influenciada pela pertença ou não a uma elite.

A aplicação do Teste de Qui-Quadrado ao item que contém esta questão (P.17), dividindo os sujeitos em dois e três grupos segundo o grau de escolaridade, apontam para resultados significativos quando se tem em conta três e não dois grupos. Uma vez mais o grupo intermédio se destaca face aos restantes.

Estes resultados parecem indiciar que os indivíduos pertencentes a uma classe intermédia tiveram, na época de chegada a Portugal, mais facilidade de integração inicial, optando por alojamentos autónomos, quer alugados quer comprados.

Comparação Entre As Duas Associações Estudadas -

- Identificação/Pertença

Na base do pressuposto de uma diferenciação entre as associações estudadas - Associação Antigos Alunos do Ensino Secundário de Cabo-Verde e Associação Cabo-Verdiana do Seixal

que, aparentemente correspondem, respectivamente, a dois grupos distintos (elite e não elite), pretendemos estudar esta diferenciação igualmente quanto à Identificação e à Pertença, através da aplicação do Teste de Mann-Withney.

Novamente se verifica uma diferenciação quanto à Identificação, não se verificando o mesmo quanto à Pertença.

Sendo os indivíduos estudados nesta questão todos associados, embora em diferentes associações, este resultado parece reforçar o que afirmamos quando da discussão da nossa primeira hipótese, ou seja, ser associado corresponde a uma necessidade imediata, de carácter primário e não profundo, conforme referimos anteriormente.

Todavia, se considerarmos que os sócios da Associação dos Antigos Alunos do Ensino Secundário de Cabo-Verde são sobretudo uma elite, enquanto que os da Associação Cabo-Verdiana do Seixal não o são na sua maioria, parece, então, que as elites se diferenciam das não elites no que respeita, pelo menos, à Identificação. Assim sendo, parece poder concluir-se que os dados referentes à nossa segunda hipótese são algo controversos e contraditórios, quando se estudam os sujeitos apenas como elites e não elites face à Identificação. Parece, deste modo, haver uma diferenciação quanto à Identificação entre elite e não elite, só possível de ser encontrada quando estamos perante

um grupo de sujeitos todos associados em associações de carácter étnico.

Mudança de Hábitos/Religião

Pelos resultados obtidos quanto à questão que analisa a mudança de hábitos - P.36, existem diferenças significativas entre os dois grupos testados, de acordo com o nível habitacional, no que respeita à Religião. Este resultado parece indiciar que a prática religiosa se alterou quando os sujeitos vieram de Cabo-Verde para Portugal e que, de facto, existem duas classes sociais, segundo a nossa divisão proposta inicialmente, apenas visível quando estamos perante uma questão que consideramos significativa para a identificação com o grupo de congéneres, conforme formulamos na nossa terceira hipótese.

Visto que este resultado é consonante com os dados obtidos na verificabilidade da hipótese referida, consideramos que, assim sendo, a Religião é um dos aspectos determinantes para a diferenciação dos indivíduos em elites e não elites.

No entanto, não deixamos de considerar este resultado como controverso, dado que a existência de elites parece não estar perfeitamente delimitada. Ou seja, a existirem elites, elas apenas se revelam nalguns aspectos sócio-culturais, não sendo evidentes noutros. E, provavelmente, considerar exclusivamente o nível de escolaridade como base de diferenciação entre os

indivíduos não é suficiente para uma divisão em classes sociais. Em nosso entender, para além do nível habilitacional teríamos que associar simultaneamente o nível económico-financeiro, que não foi possível de apurar neste nosso estudo.

Outros Resultados Obtidos

A fim de recolhermos mais dados de informação obtida pelos nossos questionários, pretendemos estudar também as nossas variáveis dependentes (Identificação e Pertença) com outras variáveis, entre as quais a naturalidade, a nacionalidade e a época de chegada a Portugal.

Queremos saber se a naturalidade e a nacionalidade diferenciam os sujeitos da nossa amostra, assim como o tempo de permanência em Portugal, dado que, em princípio, os indivíduos imigrantes nas primeiras décadas são tidos como pertencentes a uma elite.

Todavia, nas situações referidas, não obtemos diferenças significativas. Estes resultados parecem indicar que quer a nacionalidade quer a naturalidade não distinguem os indivíduos nos seus sentimentos de Identificação e Pertença para com os Cabo-Verdianos, o mesmo sucedendo com o tempo de permanência em Portugal.

Contudo, se atendermos que a naturalidade distingue fundamentalmente os naturais de Cabo-Verde e descendentes de

primeira geração, ao não se verificarem diferenças significativas quanto a esta questão, os resultados apontam no sentido de a Identificação e a Pertença não distinguirem gerações, isto é, os filhos dos imigrantes cabo-verdianos sentem-se identificados e pertencentes ao grupo étnico de origem. A família e o grupo de congéneres parecem ter mais peso que a sociedade receptora.

O maior ou menor tempo de permanência no país de acolhimento, face aos resultados obtidos, parece não afastar os sujeitos dos seus congéneres, ou seja, os indivíduos podem estar integrados na sociedade receptora, não sendo, no entanto, assimilados por ela.

Em síntese, atendendo a que a comunidade cabo-verdiana é, numericamente, a maior existente em Portugal e que várias pesquisas têm sido efectuadas sobre esta comunidade, optamos igualmente por estudar esta população. Debruçamo-nos sobre seu o contexto histórico e social no nosso país e efectuamos um percurso sobre a emergência do associativismo cabo-verdiano em Portugal, com base nos trabalhos de Carita e Rosendo (1993) e de Caldeira (1993).

Consideramos que os imigrantes, ao chegarem ao país receptor, criam uma relação ambígua entre a sociedade de origem e a sociedade de acolhimento (Carita e Rosendo, 1993), podendo

existir, por consequência, uma crise de identidade cultural (Antunes, 1991).

Referimos também que o associativismo aparece como uma via para minimizar os efeitos dessas ambiguidades, servindo de intermediário entre a integração e a preservação das identidades, sendo estruturas mediadoras entre as necessidades dos indivíduos e as exigências da sociedade (Carita e Rosendo, 1993), possibilitando uma maior capacidade de pressão dentro da esfera política e facilitando as relações com os organismos estatais, aumentando, conseqüentemente, o poder reivindicativo das minorias organizadas em associações (Machado, 1992).

Dos vários estudos referidos, destacamos o de França (1992) e o de Saint-Maurice (1994), embora estas pesquisas tenham carácter exclusivamente sociológico. Não temos conhecimento de qualquer outro trabalho sobre este assunto no âmbito da Psicologia Social e das Organizações. Pretendemos, assim, não fazer mais um estudo mas, de alguma maneira, tentar revelar e explicitar alguns aspectos até ao momento, em nosso entender, não devidamente pesquisadas, tais como a Identificação e a Pertença ao grupo étnico na população cabo-verdiana residente em Portugal e, nomeadamente, dentro das suas estruturas organizativas próprias.

Finalmente, debruçamo-nos sobre as problemáticas inerentes ao multiculturalismo e interculturalidade, realçando o carácter pluricultural das sociedades contemporâneas, entre as quais se encontra o nosso país, onde a ideologia da interculturalidade começou a surgir recentemente.

Destacamos uma nova concepção de cultura, produzida pelo diálogo e pela interacção das várias expressões culturais em presença numa mesma sociedade, considerando que, actualmente, é mais correcto falarmos de culturas comunitárias que de uma cultura universal e homogénea. Ou seja, cada indivíduo pertence a vários sub-grupos culturais, donde resulta que, assim sendo, culturalmente somos todos mestiços. Cada sujeito corresponde a um ser único mas simultaneamente múltiplo, com multipertença mas inter-independente, sendo o associativismo uma via privilegiada para o sujeito defender e simultaneamente pôr em comum a sua especificidade.

Com o objectivo de estudar fundamentalmente a Identidade e o sentimento de Pertença ao grupo de congéneres na comunidade cabo-verdiana, elaboramos um questionário onde estas questões são abordadas.

Após aplicação de métodos estatísticos adequados às informações obtidas através da passagem dos nossos questionários, obtemos os resultados apresentados no terceiro capítulo e discutidos no capítulo seguinte.

Os resultados obtidos no nosso estudo parecem confirmar as afirmações de Carita e Rosendo (1993), quando os autores referem que o associativismo aparece como uma via para a preservação das identidades. De facto, no que respeita à Identificação, obtemos diferenças significativas entre associados e não associados, embora tal não se verifique no que respeita ao sentimento de Pertença. Sendo assim, as associações aparecem como estruturas que servem as necessidades imediatas dos seus associados, preservando as identidades até, provavelmente, se atingir uma integração plena.

No entanto, parece-nos que esta integração plena é difícil de se conseguir numa sociedade aparentemente hostil, continuando as associações a ter um papel extremamente importante na adaptação dos seus membros à sua situação de imigrantes, suavizando os conflitos surgidos na integração na nova ordem social, tal como Carita e Rosendo (1993) afirmam.

A maioria dos indivíduos inquiridos (69,3%) reconhece-se como cabo-verdianos e o sentimento de pertença ao grupo étnico parece ultrapassar a existência das próprias associações, dado

não se encontrarem diferenças significativas entre ser sócio ou não sócio, no que respeita a esta questão.

A divisão da nossa amostra em elites e não elites apresenta-se-nos algo controversa, conforme se pode verificar na discussão dos resultados. Parece destacar-se não uma elite de topo, mas uma classe intermédia, que aparenta oscilar entre a identificação com a sociedade receptora e a identificação com a sua própria comunidade. Correspondem, em nosso entender, a indivíduos bem integrados socialmente, mas que ainda não encontraram espaço próprio na sociedade de acolhimento.

Pelo até agora exposto, consideramos ser de salientar a identificação do cabo-verdiano com os seus congéneres que parece, inclusivamente, ultrapassar a existência de classes sociais dentro da comunidade. A propósito desta questão, Davidson (1988, in Caldeira, 1993) reconhece a existência de uma identidade do cabo-verdiano, que ele denomina de "cabo-verdianidade", fundada numa convivência que ele define como uma comunidade de tolerância, que pode ser violenta nas suas emoções e complexa nas suas atitudes, mas que se torna estável pela força das circunstâncias. França (1992) também se refere à "caboverdianidade", considerando que ela se identifica com uma vida de reconhecimento mútuo e de solidariedade eternamente repetidos.

A homogeneização produzida pela generalizada mestiçagem, o afastamento físico e sócio-cultural em relação a África, o apelo ao centro, quer seja na Europa ou nos Estados Unidos, quer ele seja permeado pela semiperiferia portuguesa, é um conjunto de factores que originou uma identidade cultural própria (Caldeira, 1993).

Em nosso entender, é esta identidade própria, específica, que o cabo-verdiano imigrante procura preservar e (re)construir através da formação de estruturas associativas, mesmo que estas correspondam apenas a necessidades imediatas e não de nível profundo.

Os resultados do nosso trabalho, embora apenas válidos para a amostra estudada e não generalizáveis, parecem apontar nesse sentido.

Sobre a população cabo-verdiana em Portugal, tal como refere França (1992), interessa, sobretudo, entender que esta comunidade aspira a uma outra sociedade, a outras formas de relacionamento social e que, no confronto entre uma realidade e um desejo, concilia a razão prática com a utopia numa ambiguidade coerente que predispõe para um investimento positivo em novas relações com a sociedade portuguesa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abou, S. (1981). L'identité culturelle. Paris: Editions Anthropos
- Abreu, C. (1985). Associativismo: Tradição e arte do povo de Almada. Almada: Ed. C.M.Almada
- Amâncio, L. (1993). Identidade Social e Relações Intergrupais. In Vala, J. e Monteiro, M. B. (coord.) Psicologia Social. (pp. 287-307). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- Amaro, A. M.; Souta, L. (1995). Educação Multicultural - Educação e Ensino, n°10 (pp. 4-5). Setúbal: Associação de Municípios do Distrito de Setúbal.
- Antunes, M.L.M.(1981). Migrações, Mobilidade social e identidade cultural: factos e hipóteses sobre o caso português. Análise Social, Vol.XVII (65), (pp. 17-27)
- Banton, M.; Sills, D. (1972). Voluntary Associations Anthropological and Sociological aspects. In D. Sills (Ed.), Internacional Encyclopedia of the Social Sciences, Vols.15 a 17 (pp.357-379). London: Colhier-MacMillan Publishers
- Bryman, A.; Cramer, D. (1993). Análise de Dados em Ciências Sociais - Introdução às Técnicas Utilizando o SPSS. Oeiras: Celta Editora
- Caldeira, I. (1993). Afro-Americano e o Cabo-Verdiano: Identidade étnica e Identidade nacional. In Santos, B. S.(org.), Portugal: Um retrato singular (pp. 593-627). Porto: Ed. Afrontamento
- Camilleri, C. (1990). Identité et gestion de la disparité culturelle: essai d'une typologie. In Camilleri et Al. Stratégies Identitaires (pp. 85-110). Ed Puf, Press Universitaires de France
- Capucha, L. (1990). Associativismo e modos de vida num bairro de habitação Social. Sociologia: Problemas e Práticas, n°8 (pp. 29-41)
- Carita, C.; Rosendo, V. N. (1993). Associativismo Cabo-Verdiano em Portugal: Estudo de caso da Associação Cabo-Verdiana em Lisboa. Sociologia: Problemas e Práticas, n°13 (pp. 135-152)
- Carreira, A. (1977). Migrações nas ilhas de Cabo-Verde. Cabo-Verde. Instituto Cabo-Verdiano do Livro

Cashmore, E. (1988). Dictionary of Race and Ethnic Relations. London: Routledge

Castanheira, A. (1993). Cidadão a tempo inteiro. Almada: Outra Banda Publicações

Clanet, C. (1993). L'Interculturel - Introduction aux approches interculturelles en Education et en Sciences Humaines. Toulouse: Presses Universitaires du Mirail.

Cordeiro, A. P. (Ed.) (1993). Multiculturalismo e Educação - O Contributo da Comunicação Educacional na Implementação de Práticas Educativas Interculturais. (Dissertação de Mestrado em Comunicação Educacional Multimedia). Lisboa: Universidade Aberta.

Cortesão, L.; Pacheco, N. A. (1993). O Conceito de Educação Intercultural. Forma, nº47. Ed. Ministério da Educação.

Cortesão, L; Stoer, S. (1995). Projectos, Percursos, Sinergias no campo da Educação Intermulticultural - Relatório Final. Porto: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto

Costa, A. B.; Pimenta, M. (coord.) (1991). Minorias Pobres em Lisboa. Centro de Reflexão Cristã

Cronbach, L.J. (1990). Essentials of Psychological Testing. New York: Herrer & Row, Publishers

De Vos, G. (1975). Ethnic pluralism. In G. De Vos and L. Romanucci-Ross (Eds.). Ethnic identity. Palo Alto, CA: Mayfield

Doise, W.; Deschamps, J. C.; Mugny, G. (1980). Psicologia Social Experimental. Lisboa: Moraes Editores

Drucker, P. F. (1990). As Organizações sem fins lucrativos. Lisboa: Difusão Cultural

Esteves, M. C. (Org.) (1991). Portugal, País de Imigração. Lisboa: Instituto de Estudos para o Desenvolvimento

Esteves, M. J. B. (1990). As Associações no processo de transformação social na sociedade moderna: um estudo de caso. In Actas do I Congresso de Sociologia, Vol.II (pp.243-261). Lisboa: Editorial Fragmentos

França, L. (Org.) (1992). A Comunidade Cabo-Verdiana em Portugal. Lisboa: Instituto de Estudos para o Desenvolvimento

Giles, H.; Johnson, P. (1981). The role of language in ethnic group relations. In J. Turner and H. Giles (Eds.). Inter-group behavior. Chicago, Il: University of Chicago Press

Goodolphim, C. (1876). A Associação. Lisboa: Imprensa Nacional (Reedição Seara Nova, 1974)

Khan, S. et Al. (1983). Formation of Consciousness. In Fried, C. (Ed.). Minorities: Community and Identity. Berlim, Springer-Verlag

Levin, J. (1987). Estatística Aplicada a Ciências Humanas. São Paulo: Editora Harbra

Liebkind, K. (1989). Conceptual Approaches to Ethnic Identity, In Liebkind, K. (Ed.), New Identities in Europe. Worcester: Billig & Sons

Lopes, A. (1996). Prefácio. Associativismo e Identidades. Ed. Câmara Municipal da Moita.

Machado, F. L. (1992). Etnicidade em Portugal: Contrastes e politização. Sociologia: Problemas e Práticas, nº12 (pp. 123-136)

Machado, F. L. (1993). Etnicidade em Portugal: O grau zero de politização. In Actas do Colóquio Internacional Sobre Emigração e Imigração (pp. 407-414). Lisboa: Editorial Frangmentos.

Machado, F. L. (1994). Luso-Africanos em Portugal: Nas margens da etnicidade. Sociologia: Problemas e Práticas, nº16 (pp. 111-134)

Machado, F. L. (1995). As Noites de Sociologia: Identidades e transformação Social. Sociologia: Problemas e Práticas, nº17 (pp. 171-202)

Malewska, P. H. (1990). Le processus de dévalorisation de l'identité et les stratégies identitaires. In Camilleri et Al. Stratégies Identitaires (pp. 111-141). Ed Puf, Press Universitaires de France

Mehl, D. (1982). Culture et action associatives. Sociologie du Travail, nº1 (pp. 24-42)

Meister, A. (1972). Vers une Sociologie des Associations. Paris: Les Éditions Ouvrières

Mendes, C. M.; Saraiva, M. D. (1995). O Interculturalismo. Educação e Ensino, n°11. (pp. 4-7). Setúbal: Associação de Municípios do Distrito de Setúbal.

Moscovici, S. (1984). Innovation et Influence des Minorités. In S. Moscovici (dir.). Psychologie Sociale (pp. 51-89). Paris: Ed. Presses Universitaire de France.

Pettigrew, T. F. (1983). Group Identity and Social comparison. In Friend, C. (Ed.). Minorities: Community and Identity. Berlin: Springer-Verlag

Pinto, J. M. (1991). Considerações sobre a produção social da identidade. Revista Crítica de Ciências Sociais, n°32 (pp.217-231)

Pinto, J. M. (1991). Considerações sobre a Produção Social de Identidade. Revista Crítica de Ciências Sociais, n°32 (pp. 217-231)

Rex, J. (1986). Raça e Etnia. Lisboa: Editorial Estampa.

Saint-Maurice, A.; Pires, R. P. (1989). Descolonização e migrações: Os imigrantes dos PALOP em Portugal. Revista Internacional de Estudos Africanos, n°10 e 11 (pp. 203-226)

Saint-Maurice, A. (Ed.) (1994). Reconstrução das Identidades no Processo de Emigração - A população cabo-verdiana em Portugal (Dissertação de Doutoramento em Sociologia). Lisboa: Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa.

Tajfel, H. (1983). Grupos Humanos e Categorias Sociais, Vol.II. Lisboa: Livros Horizonte, Coleção Horizonte de Psicologia

Taylor, D.; McKirman, D. (1984). Theoretical contributions-a five-stage model of intergroup relations. British Journal of Social Psychology, n°23 (pp. 219-300)

Touraine, A. (1995). La Formation du Sujet. In Dubert, F et Wieviorka (coord.). Penser le Sujet Antuor d'Alain Touraine. (pp. 20-45). France: Ed. Fayard.

Trindade, M. B. R. (1986). Do Rural ao Urbano: O associativismo como estratégia de sobrevivência. Análise Social, Vol.XXII, 91 (pp.313-330)

Trindade, M. B. R. (1993a). Minorias. Polissemia do Conceito e Diversidade de Manifestações. In Actas do Colóquio Internacional sobre Emigração e Imigração em Portugal (pp. 422-433). Lisboa: Editorial Fragmentos

Trindade, M. B. R. (1993b). Perspectivas Sociológicas da Interculturalidade. Análise Social, 123-124 (pp. 869-878)

Trindade, M. B. R. (1995). Sociologia das Migrações. Lisboa: Universidade Aberta.

Vala, J. (1990). Identités Sociales et Représentations du Pouvoir. Revue Internationale de Psychologie Sociale, T.3, n3 (pp. 451-470)

Vala, J. (1994). Estratégias de Actuação Organizacional. In Vala, J., Monteiro, M.B., Lima, L. e Caetano, A. (Coord.) Psicologia Social das Organizações. (pp. 123-137). Oeiras: Celta Editora

Vilaça, H. (1991). Associativismo urbano e participação na cidade. Sociologia, Vol.I, I Série (pp.175-185). Porto: Faculdade de Letras do Porto

Wallerstein, I. (1980). The Two Modes of Ethnic Consciousness: The Soviet Central in Transition. In The Capitalist world-Economy. Cambridge: Cambridge University Press

Wallerstein, I. (1985). The Construction of Peoplehood: Racism, Nationalism, Ethnicity. Keynote: Conference at the University of Chicago

ANEXO Nº 1

Caracterização da Amostra

CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA

1. Grupos

1.1 Associados e Não Associados

Associados	Não Associados
60	54
52,63%	47,37%

1.2 Elite e Não Elite

Elite	Não Elite
46	68
40,35%	59,65%

1.3 Associado e Não Associado / Elite e Não Elite

	Associado	Não Associado
Elite	33	13
	55,00%	24,08%
Não Elite	27	41
	45,00%	75,92%

1.4 Associado e Não Associado / Sexo

	Associado	Não Associado
Masc.	37	34
	61,67%	62,96%
Fem.	23	20
	38,33%	37,04%

1.5 Elite e Não Elite / Sexo

	Elite	Não Elite
Masc.	27	44
	58,70%	64,71%
Fem.	19	24
	41,30%	35,29%

1.6 Sexo

Homens	Mulheres
71	43
62,28%	37,72%

2. Naturalidade

Cabo-Verde	Portugal	Outro
93	17	4
81,58%	14,91%	3,51%

3. Nacionalidade

Cabo-Verdiana	Portuguesa	Cabo-Verdiana e Portuguesa	Outra
37	72	4	1
32,46%	63,16%	3,51%	0,88%

4. Local de Residência

Distrito Setúbal	Distrito Lisboa
80	34
70,18%	29,82%

ANEXO N° 2

Pré-teste

Questionário

O questionário que a seguir se apresenta destina-se a um trabalho de investigação no âmbito da Tese de Mestrado de Comportamento Organizacional do Instituto Superior de Psicologia Aplicada.

Os dados recolhidos são confidenciais, não se solicitando qualquer identificação.

A sua colaboração é indispensável para o êxito deste estudo, pelo que desde já a agradecemos.

QUESTIONÁRIO

Pré-teste

(1) P.1. Qual é o seu local de residência?

Distrito _____

Concelho _____

Freguesia _____

Bairro _____

(2) P.2. Idade

_____ (anos)

(3) P.3. Sexo

Masculino

Feminino

(4) P.4. Onde nasceu?

Portugal

Cabo-Verde

(5) P.5. Qual a sua nacionalidade?

Cabo-verdiana

Portuguesa

Cabo-verdiana e Portuguesa

Outra. Qual? _____

(8) P.8. Qual a sua condição perante o trabalho?

- A trabalhar com remuneração
- Desempregado à procura do 1º emprego
- Desempregado à procura de novo emprego
- Membro das forças Armadas
- Estudante
- Doméstica
- Reformado, Aposentado ou na Reserva
- Incapacitado permanente para o trabalho
- Vivendo de rendimentos
- Outras situações

(9) P.9. Indique a profissão principal que exerce. Se desempregado à procura de novo emprego, reformado ou inválido, indique a última que exerceu.

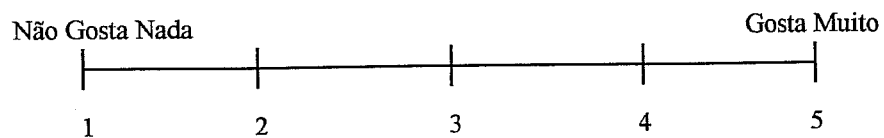
--

(10) P.10. A profissão que indicou é ou foi exercida na qualidade de :

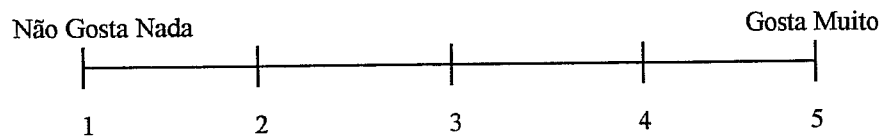
- Patrão
- Trabalhador por conta própria
- Trabalhador por conta de outrem
- Outra situação

P.11. Perante o trabalho que faz, quais os aspectos que mais lhe agradam

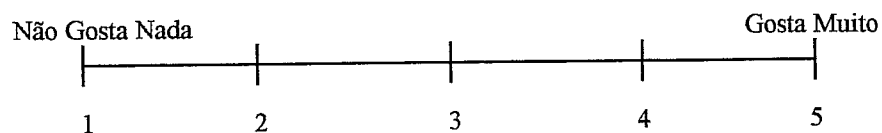
(11) P.11.1 *Relações com colegas não Cabo-Verdianos*



(12) P.11.2 *Relações com colegas Cabo-Verdianos*



(13) P.11.3 *Relações com o patrão*



(14)P.12. Está sindicalizado?

Sim

Não

(15)P.13. A sua situação perante o trabalho é:

Efectivo

Contrato a prazo

Sem contrato

(16)P.14. Chegada a Portugal (não contam os períodos de férias). Em que época chegou a Portugal?

Na década de 60

Em 1974/75

Em 1975/80

Em 1980/85

Em 1985/95

(20)P.18. Quando chegou como falava português?

- Bem
- Razoável
- Mal
- Não falava mas percebia
- Não falava nem percebia

(21)P.19. A maioria das vezes fala com os seus filhos em:

- Português
- Crioulo
- Outra língua

(22)P.20. Em que língua falam normalmente os seus filhos entre eles e com outras crianças:

- Português
- Crioulo
- Outra situação Qual? _____

(23)P.21. Considera que os seus filhos:

- Só deviam falar português
- Só deviam falar crioulo
- Devem falar as duas línguas

(24)P.22. Quando fala com outros cabo-verdianos fala normalmente em:

- Crioulo
- Português
- Outra situação Qual? _____

(25)P.23. Vive numa zona:

- Quase exclusivamente de cabo-verdianos
- Cabo-verdianos e outros africanos
- Africanos e portugueses
- Praticamente só com portugueses
- Outra situação. Qual? _____

(26)P.24. As suas relações de vizinhança são sobretudo com:

- Cabo-verdianos
- Outros Africanos
- Portugueses
- Não se dá com ninguém
- Outra situação. Qual? _____

(27)P.25. Em termos gerais como são as suas relações com os vizinhos portugueses?

- Dá-se mal
- Razoáveis
- Não tem qualquer contacto
- Dá-se bem

P.26. Com que regularidade come:

		Quase todos os dias	1 vez por semana	1-2 vezes por mês	Raramente	Nunca	Não sabe
(28)	P.26.1	Cachupa					
(29)	P.26.2	Caldo de peixe					
(30)	P.26.3	Rolão					
(31)	P.26.4	Canja de festa					
(32)	P.26.5	Cuscus					
(33)	P.26.6	Milho em grão					
(34)	P.26.7	Arroz de atum					
(35)	P.26.8	Pirão					
(36)	P.26.9	Brinhola					

(56)P.31. Costuma praticar culto religioso com outros cabo-verdianos?

Sim

Não

(57)P.32. Costuma praticar cultos religiosos com outros grupos?

Sim

Não

(58)P.33. Independentemente da nacionalidade considera-se:

Cabo-verdiano

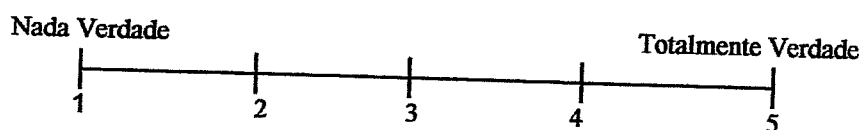
Português

Sem nacionalidade definida

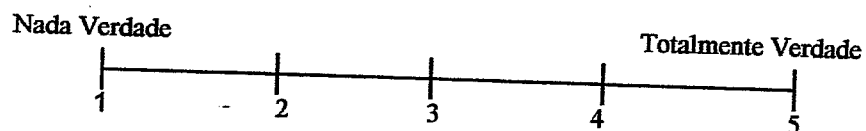
Outra. Qual? _____

P.34. Apresentamos-lhe agora uma escala relacionada com a pergunta anterior. Diga-nos, relativamente ao grupo que assinalou acima:

(59) P.34.1 *Eu sou uma pessoa que se identifica com esse grupo*



(60) P.34.2 *Eu sou uma pessoa que se vê pertencente a esse grupo*



(61)P.35. Como se sente em Portugal?

Gosta de cá estar

Não gosta de cá estar

Vai vivendo

P.36. Desde que está em Portugal, os seus hábitos mudaram? (Escolha as situações com que mais se identifica)

		Muito	Pouco	Nada	Não sabe
(62)	P.36.1	Alimentação			
(63)	P.36.2	Vestuário			
(64)	P.36.3	Tempos livres			
(65)	P.36.4	Convívio			
(66)	P.36.5	Religião			
(67)	P.36.6	Ritmo de vida			
(68)	P.36.7	Outro. Qual?			

Muito obrigada pela colaboração!

ANEXO Nº 3

Questionário-Teste

QUESTIONÁRIO

P.1. Qual é o seu local de residência?

Distrito _____

Concelho _____

Freguesia _____

Bairro _____

P.2. Idade

_____ (anos)

P.3. Sexo

Masculino

Feminino

P.4. Onde nasceu?

Portugal

Cabo-Verde

Outro. Qual? _____

P.5. Qual a sua nacionalidade?

Cabo-verdiana

Portuguesa

Cabo-verdiana e Portuguesa

Outra. Qual? _____

P.8. Qual a sua condição perante o trabalho?

- A trabalhar com remuneração
- Desempregado à procura do 1º emprego
- Desempregado à procura de novo emprego
- Membro das forças Armadas
- Estudante
- Doméstica
- Reformado, Aposentado ou na Reserva
- Incapacitado permanente para o trabalho
- Vivendo de rendimentos
- Outras situações

P.9. Indique a profissão principal que exerce. Se desempregado à procura de novo emprego, reformado ou inválido, indique a última que exerceu.

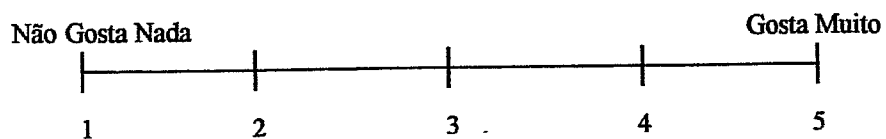
--

P.10. A profissão que indicou é ou foi exercida na qualidade de :

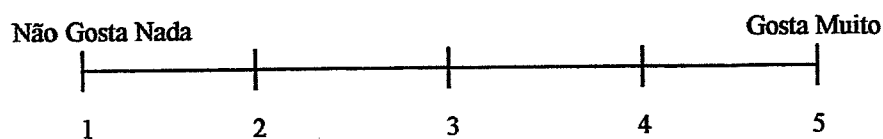
- Patrão
- Trabalhador por conta própria
- Trabalhador por conta de outrem
- Outra situação

P.11. Perante o trabalho que faz, quais os aspectos que mais lhe agradam

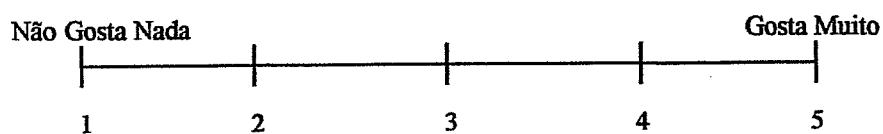
P.11.1. Relações com colegas não Cabo-Verdianos



P.11.2 Relações com colegas Cabo-Verdianos



P.11.3. Relações com o patrão



P.12. Está sindicalizado?

Sim

Não

P.13. A sua situação perante o trabalho é:

Efectivo

Contrato a prazo

Sem contrato

P.14. Chegada a Portugal (não contam os períodos de férias). Em que época chegou a Portugal?

Na década de 60

Em 1974/75

Em 1975/80

Em 1980/85

Em 1985/95

P.18. Quando chegou como falava português?

- Bem
- Razoável
- Mal
- Não falava mas percebia
- Não falava nem percebia

P.19. A maioria das vezes fala com os seus filhos em:

- Português
- Crioulo
- Outra língua

P.20. Em que língua falam normalmente os seus filhos entre eles e com outras crianças:

- Português
- Crioulo
- Outra situação Qual? _____

P.21. Considera que os seus filhos:

- Só deviam falar português
- Só deviam falar crioulo
- Devem falar as duas línguas

P.22. Quando fala com outros cabo-verdianos fala normalmente em:

- Crioulo
- Português
- Outra situação Qual? _____

P.23. Vive numa zona:

- Quase exclusivamente de cabo-verdianos
- Cabo-verdianos e outros africanos
- Africanos e portugueses
- Praticamente só com portugueses
- Outra situação. Qual? _____

P.24. As suas relações de vizinhança são sobretudo com:

- Cabo-verdianos
- Outros Africanos
- Portugueses
- Não se dá com ninguém
- Outra situação. Qual? _____

P.25. Em termos gerais como são as suas relações com os vizinhos portugueses?

- Dá-se mal
- Razoáveis
- Não tem qualquer contacto
- Dá-se bem

P.26. Com que regularidade come:

		Quase todos os dias	1 vez por semana	1-2 vezes por mês	Raramente	Nunca	Não sabe
P.26.1	Cachupa						
P.26.2	Caldo de peixe						
P.26.3	Rolão						
P.26.4	Canja de festa						
P.26.5	Cuscus						
P.26.6	Milho em grão						
P.26.7	Arroz de atum						
P.26.8	Pirão						
P.26.9	Brinhola						

P.31. Costuma praticar culto religioso com outros cabo-verdianos?

Sim

Não

P.32. Costuma praticar cultos religiosos com outros grupos?

Sim

Não

P.33. Independentemente da nacionalidade considera-se:

Cabo-verdiano

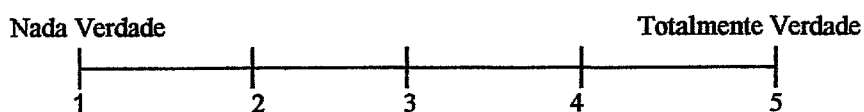
Português

Sem nacionalidade definida

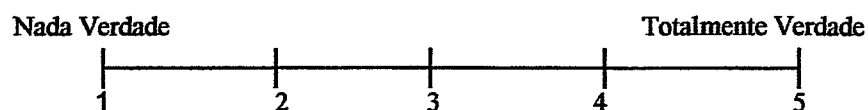
Outra. Qual? _____

P.34. Apresentamos-lhe agora uma escala relacionada com a pergunta anterior. Diga-nos, relativamente ao grupo que assinalou acima:

P.34.1 *Eu sou uma pessoa que se identifica com esse grupo*



P.34.2 *Eu sou uma pessoa que se vê pertencente a esse grupo*



P.35. Como se sente em Portugal?

Gosta de cá estar

Não gosta de cá estar

Vai vivendo

P.36. Desde que está em Portugal, os seus hábitos mudaram? (Escolha as situações com que mais se identifica)

		Muito	Pouco	Nada	Não sabe	
P.36.1	Alimentação					
P.36.2	Vestuário					
P.36.3	Tempos livres					
P.36.4	Convívio					
P.36.5	Religião					
P.36.6	Ritmo de vida					
P.36.7	Outro. Qual?					

Muito obrigada pela colaboração!

ANEXO Nº 4

Matriz dos resultados brutos, médias, desvios-padrão (idade e questões ordinais) e cálculo do coeficiente Alpha de Cronbach do Pré-teste

NINQ	P1	P2	P3	P4	P5	P6	P7	P8	P9	P10	P11.1	P11.2	P11.3	P12	P13	P14	P15	P16	P17	P18	P19	P20	P21	P22	P23
1	1	22	1	2	1	3	1	1	1	3	2	4	2	2	2	4	1	1	1	1	2	2	3	1	3
2	1	32	2	2	1	3	1	6	2	3	4	4	4	2	2	4	1	1	1	1	2	2	3	1	3
3	1	47	2	2	1	3	1	1	0	3	4	4	3	1	2	5	3	6	1	1	2	3	3	1	4
4	1	19	2	2	1	3	1	1	2	3	4	4	2	2	2	5	1	1	1	1	2	2	3	1	3
5	1	40	1	2	1	3	1	1	3	3	4	4	2	2	4	4	1	1	3	1	2	3	3	1	2
6	1	26	2	2	1	3	1	1	0	3	4	3	2	2	3	5	1	1	1	1	1	1	3	1	3
7	1	51	1	2	2	6	1	1	4	3	5	5	5	1	3	1	6	6	1	1	1	1	3	2	3
8	1	49	1	2	1	5	1	1	1	3	5	5	5	1	2	4	3	1	1	2	1	1	3	1	3
9	1	44	1	2	2	5	1	1	5	3	4	5	5	1	1	2	1	9	1	1	1	1	1	1	3
10	1	39	1	2	2	1	1	1	6	3	5	5	2	1	1	2	1	3	2	3	2	2	3	1	3
11	1	40	1	2	2	4	1	1	6	3	4	4	4	1	1	2	1	3	3	2	1	3	2	1	3
12	1	51	1	2	1	1	1	1	6	3	5	5	2	1	1	2	1	3	3	3	1	1	3	2	3
13	1	44	1	2	2	3	1	1	5	3	4	4	4	1	1	2	1	3	1	3	2	3	1	1	3
14	1	38	1	2	1	1	1	1	6	3	4	4	4	1	1	2	1	3	2	2	2	3	1	1	3
15	1	26	2	2	1	5	1	1	6	3	4	4	4	1	1	2	3	4	1	3	2	1	1	1	3
16	1	56	1	2	2	4	1	1	6	3	4	4	4	1	1	2	1	3	1	3	1	1	2	1	3
17	1	52	1	2	2	1	1	1	6	3	3	3	3	1	1	2	1	1	2	3	1	1	3	1	3
18	1	43	1	2	2	3	1	1	6	3	3	3	3	1	1	2	1	1	2	3	2	3	3	1	3
19	1	39	1	2	2	3	1	1	6	3	4	4	4	1	1	2	1	2	2	2	2	3	3	1	3
Média		39,89				4,00				4,11	3,37														
Desv. Padrão		10,36				0,73				0,64	1,09														

NING	P24	P25	P26.1	P26.2	P26.3	P26.4	P26.5	P26.6	P26.7	P26.8	P26.9	P27	P28.1	P28.2	P28.3	P28.4	P28.5	P28.6	P28.7	P28.8	P28.9	
1	3	2	2	3	4	4	4	4	3	4	4	5	0	0	0	0	0	0	0	3	0	
2	3	2	3	2	2	2	0	2	3	2	2	5	0	3	0	0	0	0	0	0	3	0
3	3	2	4	3	2	3	5	3	3	2	4	4	0	0	0	0	0	3	0	3	0	
4	2	2	3	2	0	0	3	2	4	0	0	4	0	0	0	0	0	0	0	3	0	
5	2	2	3	2	3	3	0	0	4	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	3	0	
6	3	4	4	3	0	3	2	2	3	2	2	2	0	0	0	0	0	0	3	0	0	
7	3	4	4	4	2	3	4	3	3	2	0	5	0	0	0	0	0	0	0	3	0	
8	3	2	4	2	2	3	3	2	3	2	2	4	0	0	0	0	0	0	0	5	3	
9	3	4	4	4	3	0	2	2	4	2	2	4	0	0	0	0	0	0	3	0	0	
10	3	4	4	4	4	4	3	2	3	2	2	4	0	0	0	0	0	0	3	0	0	
11	5	4	3	4	4	4	3	3	3	2	2	4	0	0	0	0	0	0	3	0	0	
12	1	4	4	4	4	2	2	4	4	2	2	4	0	0	0	0	0	0	3	0	0	
13	3	4	4	4	3	3	4	3	4	3	2	4	0	0	0	0	0	0	3	0	0	
14	1	4	3	2	2	2	2	2	4	2	2	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
15	5	4	3	4	1	1	2	4	4	2	2	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
16	5	4	0	0	0	0	0	0	2	2	0	4	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
17	5	4	3	3	2	2	2	3	0	0	0	4	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
18	3	4	3	3	4	4	2	2	4	0	0	4	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
19	3	4	3	4	2	0	2	2	4	2	0	4	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
Média		3,11	2,89	2,11	2,16	2,37	3,16	1,58	1,58	1,58	1,58	2	0,00	0,16	0,00	0,00	0,00	0,16	0,63	1,05	0	
Desv. Padi		0,91	1,07	1,21	1,35	1,09	0,99	1,04	1,23	1,23	1,23	0,00	0,67	0,00	0,00	0,00	0,00	0,67	1,22	1,61	0,67	

PRE-TESTE

	NINQ	P29	P30.1	P30.2	P30.3	P30.4	P30.5	P30.6	P30.7	P30.8	P31	P32	P33	P34.1	P34.2	P35	P36.1	P36.2	P36.3	P36.4	P36.5	P36.6	P36.7
	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	2	2	1	2	2	1	3	3	4	3	0	4	0
	2	2	0	1	0	0	0	0	0	0	2	2	1	4	4	1	3	3	4	3	2	4	0
	3	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	4	4	1	0	0	0	0	0	3	0
	4	0	1	0	0	0	0	0	0	0	2	2	1	2	2	1	3	3	4	0	0	4	0
	5	0	0	1	0	0	0	0	0	0	2	2	1	2	4	1	3	0	4	3	0	0	0
	6	0	0	0	1	0	0	0	0	0	2	2	1	2	2	1	3	2	0	3	0	0	0
	7	0	0	0	0	0	0	1	0	0	2	2	1	4	4	1	2	4	4	2	0	3	0
	8	0	1	0	0	0	0	0	0	0	2	2	1	1	2	1	3	0	4	3	0	0	0
	9	0	1	1	1	1	1	1	0	0	2	2	1	5	5	1	0	0	4	4	0	4	0
	10	0	1	1	1	1	1	1	0	0	2	2	1	5	5	1	0	4	4	4	0	4	0
	11	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	2	1	4	4	1	0	0	4	4	0	4	0
	12	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	2	1	5	5	1	0	0	3	4	0	4	0
	13	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	2	2	5	5	1	0	0	4	4	0	4	0
	14	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	2	1	5	5	1	0	0	4	0	0	4	0
	15	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	2	1	5	5	3	3	0	4	0	0	0	0
	16	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	2	2	1	1	1	0	4	4	3	0	0	0
	17	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	2	1	4	4	1	0	4	4	4	0	4	0
	18	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	2	1	2	2	1	0	3	4	4	0	4	0
	19	0	0	0	0	0	0	1	0	0	2	2	2	3	3	1	0	3	4	4	0	4	0
Média														3,42	3,58		1,21	1,63	3,32	2,95	0,11	2,84	0,00
Desv. Pad											1,43	1,31		1,44	1,63	1,45	1,39	0,45	1,72	0,00			

STATISTICA: Reliability and Item Analysis

PAGE 72

```

+-----+-----+-----+-----+-----+
+-----+
| STAT.      | Summary for scale: Mean=298,920 Std.Dv.=1050,09 Valid
N:22        |
| RELIABL.   | Cronbach alpha: ,999959 Standardized alpha: ,999961
|
| ANALYSIS   | Average inter-item corr.: ,998837
|
+-----+-----+-----+-----+-----+

```

Alpha if variable deleted	Mean if deleted	Var. if deleted	StDv. if deleted	Itm-Totl Correl.
VAR7 ,999957	293,4652	1010667,	1005,319	,999937
VAR8 ,999958	293,1752	1010791,	1005,381	,998777
VAR9 ,999962	290,5874	1011928,	1005,946	,994303
VAR10 ,999957	291,6470	1011459,	1005,713	,999664
VAR11 ,999958	290,7049	1011869,	1005,917	,999069
VAR12 ,999958	290,6131	1011905,	1005,935	,999243
VAR13 ,999958	291,2627	1011627,	1005,797	,998597
VAR14 ,999957	293,2059	1010783,	1005,377	,999710
VAR15 ,999957	292,9559	1010891,	1005,431	,999453
VAR28 ,999958	291,5099	1011513,	1005,740	,999135
VAR29 ,999958	291,6940	1011429,	1005,698	,998961

VAR30	292,4054	1011115,	1005,542	,998824	
,999958					
VAR31	292,3513	1011150,	1005,560	,998184	
,999958					
VAR32	292,2081	1011210,	1005,590	,998246	
,999958					
VAR33	292,1718	1011221,	1005,595	,998981	
,999958					
VAR34	291,4586	1011537,	1005,752	,998957	
,999958					
VAR35	292,8915	1010909,	1005,440	,999081	
,999958					
VAR36	292,8831	1010918,	1005,444	,998527	
,999958					
VAR37	291,0234	1011726,	1005,846	,998668	
,999958					
VAR38	294,3743	1010272,	1005,123	,999908	
,999957					
VAR39	294,2003	1010346,	1005,160	,999493	
,999957					
VAR40	294,3743	1010272,	1005,123	,999908	
,999957					
VAR41	294,3743	1010272,	1005,123	,999908	
,999957					
VAR42	294,3743	1010272,	1005,123	,999908	
,999957					
VAR43	294,2003	1010352,	1005,162	,999353	
,999957					
VAR44	293,7445	1010546,	1005,259	,998390	
,999958					
VAR45	293,3444	1010720,	1005,346	,997310	
,999959					
VAR46	294,2003	1010345,	1005,159	,999500	
,999957					
VAR47	294,2583	1010321,	1005,147	,999738	
,999957					
VAR48	294,1150	1010383,	1005,178	,999762	
,999957					
VAR49	294,0660	1010406,	1005,190	,999708	
,999957					
VAR50	294,2646	1010318,	1005,146	,999867	
,999957					
VAR51	294,2646	1010318,	1005,146	,999867	
,999957					
VAR52	294,2646	1010318,	1005,146	,999867	
,999957					
VAR53	294,1643	1010360,	1005,167	,999835	
,999957					
VAR54	294,3743	1010272,	1005,123	,999908	
,999957					
VAR55	294,3743	1010272,	1005,123	,999908	
,999957					
VAR56	292,6774	1011012,	1005,491	,999676	
,999957					
VAR57	292,6315	1011031,	1005,500	,999722	
,999957					
VAR58	293,3051	1010741,	1005,356	,999739	
,999957					
VAR59	291,1994	1011643,	1005,805	,998030	
,999959					
VAR60	291,0611	1011706,	1005,836	,998261	
,999958					
VAR61	293,3492	1010721,	1005,346	,999692	
,999957					

ANEXO Nº 5

Frequências e percentagens do pré-teste

FREQUÊNCIAS E PERCENTAGENS DO QUESTIONÁRIO PRÉ-TESTE

P1	
1	2
19	0
100,00%	0,00%

P3	
1	2
14	5
73,68%	26,32%

P4	
1	2
0	19
0,00%	100,00%

P5			
1	2	3	4
10	9	0	0
52,63%	47,37%	0,00%	0,00%

P6										
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
4	0	6	2	5	2	0	0	0	0	0
21,05%	0,00%	31,58%	10,53%	26,32%	10,53%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%

P7									
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
19	0	0	0	0	0	0	0	0	0
100,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%

P8									
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
18	0	0	0	0	1	0	0	0	0
94,74%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	5,26%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%

P9										
0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
2	2	2	1	1	2	9	0	0	0	0
10,53%	10,53%	10,53%	5,26%	5,26%	10,53%	47,37%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%

P9										
11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%

P9										
22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%

P9										
33	34	35	36	37	38	39	40	41	42	43
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%

P9							
44	45	46	47	48	49	50	51
0	0	0	0	0	0	0	0
0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%

P10				
0	1	2	3	4
0	0	0	19	0
0,00%	0,00%	0,00%	100,00%	0,00%

P11.1					
0	1	2	3	4	5
0	0	1	2	12	4
0,00%	0,00%	5,26%	10,53%	63,16%	21,05%

P11.2					
0	1	2	3	4	5
0	0	0	3	11	5
0,00%	0,00%	0,00%	15,79%	57,89%	26,32%

P11.3					
0	1	2	3	4	5
0	0	6	3	7	3
0,00%	0,00%	31,58%	15,79%	36,84%	15,79%

P12		
0	1	2
0	14	5
0,00%	73,68%	26,32%

P13			
0	1	2	3
0	11	6	2
0,00%	57,89%	31,58%	10,53%

P14					
0	1	2	3	4	5
0	1	11	0	4	3
0,00%	5,26%	57,89%	0,00%	21,05%	15,79%

P15									
0	1	2	3	4	5	6	7	8	
0	14	0	3	0	1	1	0	0	
0,00%	73,68%	0,00%	15,79%	0,00%	5,26%	5,26%	0,00%	0,00%	

P16										
0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	
0	7	1	7	1	0	2	0	0	1	
0,00%	36,84%	5,26%	36,84%	5,26%	0,00%	10,53%	0,00%	0,00%	5,26%	

P17							
0	1	2	3	4	5	6	7
0	11	4	2	0	0	1	1
0,00%	57,89%	21,05%	10,53%	0,00%	0,00%	5,26%	5,26%

P18				
0	1	2	3	4
0	3	9	7	0
0,00%	15,79%	47,37%	36,84%	0,00%

P19			
0	1	2	3
0	9	10	0
0,00%	47,37%	52,63%	0,00%

P20			
0	1	2	3
0	10	7	2
0,00%	52,63%	36,84%	10,53%

P21			
0	1	2	3
0	3	1	15
0,00%	15,79%	5,26%	78,95%

P22			
0	1	2	3
0	17	2	0
0,00%	89,47%	10,53%	0,00%

P23					
0	1	2	3	4	5
0	0	1	17	1	0
0,00%	0,00%	5,26%	89,47%	5,26%	0,00%

P24					
0	1	2	3	4	5
0	2	2	11	0	4
0,00%	10,53%	10,53%	57,89%	0,00%	21,05%

P25				
0	1	2	3	4
0	0	7	0	12
0,00%	0,00%	36,84%	0,00%	63,16%

P26.1					
0	1	2	3	4	5
1	0	1	11	6	0
5,26%	0,00%	5,26%	57,89%	31,58%	0,00%

P26.2					
0	1	2	3	4	5
1	0	6	5	7	0
5,26%	0,00%	31,58%	26,32%	36,84%	0,00%

P26.3					
0	1	2	3	4	5
3	1	9	3	3	0
15,79%	5,26%	47,37%	15,79%	15,79%	0,00%

P26.4					
0	1	2	3	4	5
4	1	5	6	3	0
21,05%	5,26%	26,32%	31,58%	15,79%	0,00%

P26.5					
0	1	2	3	4	5
3	0	9	3	3	1
15,79%	0,00%	47,37%	15,79%	15,79%	5,26%

P26.6					
0	1	2	3	4	5
2	0	9	5	3	0
10,53%	0,00%	47,37%	26,32%	15,79%	0,00%

P26.7					
0	1	2	3	4	5
1	0	2	8	8	0
5,26%	0,00%	10,53%	42,11%	42,11%	0,00%

P26.8					
0	1	2	3	4	5
5	0	13	0	1	0
26,32%	0,00%	68,42%	0,00%	5,26%	0,00%

P26.9					
0	1	2	3	4	5
6	0	11	0	2	0
31,58%	0,00%	57,89%	0,00%	10,53%	0,00%

P27					
0	1	2	3	4	5
0	1	3	1	11	3
0,00%	5,26%	15,79%	5,26%	57,89%	15,79%

P28.1					
0	1	2	3	4	5
19	0	0	0	0	0
100,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%

P28.2					
0	1	2	3	4	5
18	0	0	1	0	0
94,74%	0,00%	0,00%	5,26%	0,00%	0,00%

P28.3					
0	1	2	3	4	5
19	0	0	0	0	0
100,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%

P28.4					
0	1	2	3	4	5
19	0	0	0	0	0
100,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%

P28.5					
0	1	2	3	4	5
19	0	0	0	0	0
100,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%

P28.6					
0	1	2	3	4	5
18	0	0	1	0	0
94,74%	0,00%	0,00%	5,26%	0,00%	0,00%

P28.7					
0	1	2	3	4	5
15	0	0	4	0	0
78,95%	0,00%	0,00%	21,05%	0,00%	0,00%

P28.8					
0	1	2	3	4	5
13	0	0	5	0	1
68,42%	0,00%	0,00%	26,32%	0,00%	5,26%

P28.9					
0	1	2	3	4	5
18	0	0	1	0	0
94,74%	0,00%	0,00%	5,26%	0,00%	0,00%

P29		
0	1	2
18	0	1
94,74%	0,00%	5,26%

P30.1	
0	1
14	5
73,68%	26,32%

P30.2	
0	1
13	6
68,42%	31,58%

P30.3	
0	1
17	2
89,47%	10,53%

P30.4				
0	1	2	3	4
17	2	0	0	0
89,47%	10,53%	0,00%	0,00%	0,00%

P30.5	
0	1
17	2
89,47%	10,53%

P30.6	
0	1
15	4
78,95%	21,05%

P30.7	
0	1
19	0
100,00%	0,00%

P30.8	
0	1
19	0
100,00%	0,00%

P31		
0	1	2
1	1	17
5,26%	5,26%	89,47%

P32		
0	1	2
1	0	18
5,26%	0,00%	94,74%

P33						
0	1	2	3	4	5	6
0	16	3	0	0	0	0
0,00%	84,21%	15,79%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%

P34.1					
0	1	2	3	4	5
0	2	5	1	5	6
0,00%	10,53%	26,32%	5,26%	26,32%	31,58%

P34.2					
0	1	2	3	4	5
0	1	5	1	6	6
0,00%	5,26%	26,32%	5,26%	31,58%	31,58%

P35			
0	1	2	3
0	18	0	1
0,00%	94,74%	0,00%	5,26%

P36.1				
0	1	2	3	4
11	0	1	7	0
57,89%	0,00%	5,26%	36,84%	0,00%

P36.2				
0	1	2	3	4
9	0	2	5	3
47,37%	0,00%	10,53%	26,32%	15,79%

P36.3				
0	1	2	3	4
3	0	0	1	15
15,79%	0,00%	0,00%	5,26%	78,95%

P36.4				
0	1	2	3	4
3	0	1	6	9
15,79%	0,00%	5,26%	31,58%	47,37%

P36.5				
0	1	2	3	4
18	0	1	0	0
94,74%	0,00%	5,26%	0,00%	0,00%

P36.6				
0	1	2	3	4
5	0	0	2	12
26,32%	0,00%	0,00%	10,53%	63,16%

P36.7				
0	1	2	3	4
19	0	0	0	0
100,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%

ANEXO Nº 6

Matriz dos resultados brutos, médias e desvios-padrão (idade e questões ordinais) do Questionário-Teste

NINQ	P1	P2	P3	P4	P5	P6	P7	P8	P9	P10	P11.1	P11.2	P11.3	P12	P13	P14	P15	P16	P17	P18	P19	P20	P21	P22	P23	P24
1	1	47	1	2	2	3	1	7	3	0	0	0	1	1	1	2	2	6	2	2	1	1	3	1	4	1
2	1	44	1	2	1	5	1	8	1	0	0	0	2	2	1	1	1	4	7	2	1	1	3	1	4	3
3	1	43	2	2	1	3	1	9	3	4	5	4	4	2	1	3	1	1	1	2	2	1	3	1	3	1
4	1	32	1	2	1	3	1	3	2	0	0	0	2	2	3	5	1	6	1	2	1	1	3	1	3	5
5	1	44	2	2	1	4	1	2	3	5	5	5	5	2	3	0	1	9	6	1	1	1	3	2	4	5
6	1	41	1	2	1	3	1	0	3	4	4	3	3	2	3	1	1	9	1	1	2	3	1	3	3	1
7	1	58	1	2	1	5	1	3	3	0	0	0	2	2	1	2	1	1	1	1	1	1	1	1	3	5
8	1	45	1	2	2	7	1	10	2	0	0	0	2	2	1	1	1	2	3	1	1	0	1	1	4	3
9	1	22	1	1	3	6	8	11	0	5	5	5	5	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	3	1
10	1	18	2	1	2	6	8	11	0	4	4	4	4	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	3	1
11	1	19	1	1	2	8	8	11	0	0	0	0	2	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	3	1
12	1	20	2	1	2	10	8	11	0	3	5	0	2	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	4	3
13	1	42	1	2	2	10	1	12	3	3	0	3	1	1	1	2	1	6	5	2	1	1	3	1	4	3
14	1	18	2	1	2	7	1	9	3	5	5	5	3	2	3	0	0	0	0	0	0	0	0	1	3	5
15	1	51	1	2	2	6	1	13	3	5	5	5	5	2	3	2	1	9	1	2	2	3	1	5	5	
16	1	24	1	2	1	3	1	13	3	5	5	4	4	1	1	4	1	6	1	2	0	0	0	1	3	5
17	1	21	2	1	2	6	1	14	3	5	5	5	5	2	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3	5
18	1	23	1	2	1	8	10	11	4	0	0	0	0	0	0	2	0	5	6	2	0	0	0	0	3	5
19	1	28	2	2	1	10	3	15	3	5	4	4	0	2	1	0	1	9	1	2	2	1	3	1	5	5
20	2	60	1	2	2	11	5	16	3	4	4	0	4	1	3	2	1	6	1	2	0	0	0	1	3	5
21	2	43	1	2	2	11	1	17	2	3	0	3	3	2	1	1	4	4	5	1	1	1	3	1	4	3
22	2	61	2	2	2	6	1	18	1	0	0	0	0	2	0	2	2	9	2	1	1	1	3	1	4	3
23	2	59	1	2	2	9	5	19	4	3	4	4	0	2	0	1	4	6	4	1	1	1	3	1	4	3
24	2	59	1	2	2	7	5	20	3	0	0	0	0	1	0	1	6	9	7	1	2	1	3	1	4	3
25	2	74	1	2	2	11	5	21	3	0	0	0	0	1	0	2	6	6	4	1	1	1	3	2	4	3
26	2	66	2	2	2	7	5	22	3	0	0	0	2	2	0	2	7	9	4	1	1	1	3	2	4	3
27	2	54	2	2	2	9	1	23	3	5	5	4	4	2	1	1	4	9	2	1	1	1	3	1	4	3
28	2	45	2	2	2	9	2	23	3	3	3	3	3	2	0	4	1	1	1	1	1	1	3	1	4	3
29	2	55	1	2	2	11	5	0	3	0	0	0	0	1	0	1	6	6	4	1	1	1	3	1	4	3
30	2	72	1	2	2	7	5	24	3	0	0	0	0	0	0	5	3	6	4	1	1	1	3	1	4	3
31	2	58	2	2	2	6	5	24	3	0	0	0	0	0	0	4	3	6	4	1	1	1	3	1	4	3
32	2	23	1	2	2	8	1	25	3	4	4	4	4	1	1	4	5	4	1	1	0	0	0	2	4	3
33	2	71	2	2	2	6	5	0	3	0	0	0	0	2	0	1	5	4	3	1	1	1	3	1	4	3
34	2	57	1	2	2	6	1	26	3	0	0	0	0	1	1	1	5	4	3	1	1	1	3	1	4	3
35	2	61	1	2	2	11	1	27	1	3	3	0	0	2	1	3	7	9	5	1	1	1	3	1	4	4

NING	P1	P2	P3	P4	P5	P6	P7	P8	P9	P10	P11.1	P11.2	P11.3	P12	P13	P14	P15	P16	P17	P18	P19	P20	P21	P22	P23	P24
36	2	67	1	2	3	6	5	7	22	3	0	0	0	2	0	3	7	9	1	1	1	1	3	1	3	3
37	2	60	2	2	3	6	5	7	28	3	0	0	0	2	0	3	7	9	1	1	1	1	3	1	4	3
38	2	60	1	2	2	10	5	7	0	3	4	5	0	2	0	4	1	9	4	1	1	1	3	2	4	3
39	2	73	1	2	2	6	5	7	0	4	0	0	0	2	0	3	7	9	3	1	1	1	3	2	4	3
40	2	51	2	2	2	6	1	1	22	2	5	0	1	1	1	1	8	6	1	1	1	1	3	1	2	1
41	1	58	2	2	1	9	1	1	29	3	5	5	4	2	1	5	3	9	1	1	0	0	3	3	3	3
42	2	55	2	2	2	6	1	1	22	3	5	5	5	1	1	2	1	2	3	1	1	1	1	3	3	3
43	2	63	2	1	2	10	5	7	0	0	0	0	0	0	0	1	5	4	3	1	1	1	1	4	4	3
44	2	57	1	2	2	7	1	1	30	2	5	4	0	2	3	3	1	9	4	1	1	1	2	4	3	3
45	2	56	2	2	2	6	1	1	23	3	5	5	5	2	1	3	1	9	1	1	1	1	1	4	3	3
46	2	28	1	2	1	8	1	3	31	3	5	5	4	2	4	4	5	4	1	1	0	0	1	4	3	1
47	2	23	1	2	2	8	8	3	32	3	5	5	3	2	0	4	5	4	1	1	1	0	1	3	3	1
48	1	46	2	2	2	11	1	1	33	3	4	3	4	1	1	1	4	6	7	2	1	1	1	2	3	3
49	2	60	1	2	2	11	1	1	22	3	4	2	4	1	1	3	7	2	1	1	1	1	2	3	3	3
50	1	41	1	2	2	5	6	7	34	3	0	0	0	1	0	2	3	6	5	2	1	1	2	2	4	3
51	1	46	1	2	2	3	1	1	35	3	4	5	2	1	1	3	1	9	5	3	1	1	3	3	3	3
52	1	19	1	2	2	5	1	1	0	3	4	4	3	2	3	4	4	6	1	2	2	2	1	4	2	2
53	1	50	1	2	2	5	1	1	0	3	5	5	5	1	1	2	2	5	3	1	1	1	2	3	3	3
54	1	35	1	2	1	5	1	1	2	2	3	3	2	2	5	4	2	1	1	2	2	1	3	4	3	3
55	1	50	2	2	1	5	1	1	36	3	4	4	3	2	3	4	5	4	1	2	2	1	3	3	4	3
56	1	25	2	2	2	3	1	1	14	2	0	2	4	2	4	5	1	1	1	2	2	1	1	2	3	3
57	1	42	2	2	1	3	1	1	34	3	4	4	4	2	2	4	1	4	3	2	2	1	1	2	3	3
58	1	56	2	2	1	5	1	1	2	3	2	3	3	2	2	4	1	1	3	1	2	2	1	3	3	2
59	1	40	2	2	1	3	1	1	2	3	3	3	3	2	2	4	1	1	3	2	2	2	1	3	3	2
60	1	25	1	2	1	5	1	1	3	3	3	3	3	1	2	4	1	1	1	2	2	1	1	2	3	1
61	1	19	2	2	1	5	1	1	37	3	4	0	4	1	2	5	4	6	1	1	0	0	1	1	3	3
62	1	32	1	2	2	5	1	1	38	3	5	5	3	2	1	4	1	4	1	2	2	1	1	1	3	3
63	1	22	1	2	2	5	3	10	39	3	4	4	4	1	2	5	5	1	3	3	2	1	1	1	3	3
64	1	56	1	2	2	4	1	1	40	1	4	4	0	2	1	3	1	6	5	1	2	1	1	1	3	3
65	1	39	1	2	2	5	1	1	0	3	5	5	4	1	1	1	5	9	3	1	1	1	3	3	3	3
66	1	36	1	2	2	3	1	1	5	3	4	5	4	1	1	3	1	9	1	2	1	1	3	3	3	3
67	1	59	1	2	1	1	1	7	1	3	0	0	0	1	1	2	1	1	2	3	2	2	3	3	2	2
68	1	61	2	2	2	3	5	6	0	0	0	0	0	0	0	1	1	2	2	3	2	2	1	3	3	2
69	1	52	2	2	1	3	8	6	0	0	0	0	0	2	0	2	5	1	6	4	2	1	1	3	3	2
70	1	50	2	2	2	3	8	1	41	3	0	0	0	2	0	2	3	4	6	2	2	1	1	3	3	2

NINQ	P1	P2	P3	P4	P5	P6	P7	P8	P9	P10	P11.1	P11.2	P11.3	P12	P13	P14	P15	P16	P17	P18	P19	P20	P21	P22	P23	P24
71	1	25	1	2	1	4	1	1	38	3	3	5	3	1	3	5	1	1	1	1	1	0	0	1	2	1
72	1	26	1	3	1	5	8	2	0	0	0	0	0	0	0	5	1	1	1	2	2	0	0	1	3	3
73	1	26	1	2	1	5	1	1	3	3	5	5	5	2	3	4	1	2	1	1	1	1	3	2	2	2
74	1	30	1	2	1	5	1	1	3	3	3	2	2	1	3	5	1	4	1	1	1	1	3	3	3	2
75	1	45	1	2	2	5	1	1	5	3	4	5	2	1	1	2	1	9	1	1	1	2	1	2	2	2
76	1	46	2	2	1	1	4	9	0	2	0	0	0	0	0	2	1	3	2	3	2	1	3	1	2	2
77	1	28	1	2	1	3	1	1	3	3	5	5	4	2	3	5	1	3	1	1	1	1	3	1	2	2
78	1	29	1	2	1	3	1	1	3	3	4	4	4	2	3	4	1	9	1	6	2	1	3	1	3	5
79	1	27	1	2	1	3	1	1	3	3	3	3	3	2	3	1	3	3	1	1	1	3	1	2	1	1
80	1	37	1	2	1	3	1	1	3	3	5	5	5	2	3	2	3	9	1	1	2	0	0	1	1	1
81	1	26	2	2	1	4	1	1	2	3	0	0	4	2	5	4	1	1	1	4	0	0	0	1	1	1
82	1	40	1	2	1	3	8	3	42	3	0	0	0	2	1	2	1	1	5	4	1	1	3	1	1	1
83	1	32	1	2	2	11	1	1	16	3	4	4	4	2	3	3	1	4	3	1	1	1	3	1	2	3
84	1	26	1	2	2	6	1	1	15	3	5	5	3	2	1	3	1	4	1	4	1	1	3	3	1	3
85	1	30	1	2	4	8	1	1	43	3	4	4	4	1	1	4	1	1	4	2	0	0	0	2	3	1
86	2	49	1	2	1	11	1	1	0	4	5	5	5	1	1	5	9	0	3	1	3	1	0	2	3	5
87	2	21	1	1	2	6	1	4	44	4	5	5	5	1	2	3	0	0	0	0	0	0	0	3	4	3
88	2	28	1	2	2	8	8	5	11	4	0	0	0	2	0	4	4	6	1	2	0	0	0	1	3	3
89	2	20	2	2	2	6	8	3	15	3	5	0	0	2	0	4	1	3	1	4	0	0	0	2	4	3
90	2	26	1	2	2	8	1	1	14	3	1	1	1	2	2	4	3	9	3	1	1	1	3	1	3	3
91	1	19	1	1	2	6	1	1	0	3	5	5	5	2	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	3	2
92	1	25	2	2	1	8	2	3	15	3	5	5	5	2	2	0	5	5	6	0	0	0	1	2	5	5
93	1	20	1	1	2	8	8	5	11	0	5	5	0	2	0	2	0	0	0	2	0	0	0	2	4	3
94	1	21	2	1	2	7	8	5	11	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	3	5
95	1	30	1	2	1	6	4	3	45	3	0	0	0	2	0	5	1	1	1	2	2	3	1	1	5	5
96	1	23	1	1	2	8	1	4	0	0	5	5	5	2	2	0	0	0	0	0	0	0	0	1	2	3
97	1	21	2	1	2	7	1	1	46	3	5	3	3	2	1	2	0	9	7	3	0	3	1	1	4	3
98	1	26	1	2	2	7	5	7	5	3	4	4	0	2	0	1	0	9	1	1	0	0	0	1	2	3
99	2	65	2	2	2	6	1	1	0	2	0	0	0	0	0	2	5	9	1	0	0	0	3	1	4	5
100	1	18	1	2	2	6	1	1	0	4	0	5	3	1	3	0	0	0	0	0	1	0	0	3	2	3
101	1	20	2	1	2	6	1	3	9	3	5	4	3	2	3	0	0	0	0	0	0	0	0	1	3	5
102	1	31	1	4	2	11	1	1	47	3	5	3	3	2	1	3	5	6	1	3	0	3	1	1	4	3
103	1	48	1	2	2	11	1	1	22	3	4	4	4	2	1	2	4	9	7	1	0	0	3	1	3	5
104	1	20	1	1	2	10	8	5	11	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	3	3
105	1	18	2	1	2	8	8	5	11	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	4	3

NINQ	P1	P2	P3	P4	P5	P6	P7	P8	P9	P10	P11.1	P11.2	P11.3	P12	P13	P14	P15	P16	P17	P18	P19	P20	P21	P22	P23	P24
106	1	45	2	2	2	7	1	1	4	3	3	0	0	1	1	2	3	6	3	2	1	1	1	1	3	3
107	1	19	2	1	2	6	1	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	1	1	2	2
108	1	42	1	2	1	3	1	1	0	3	4	4	4	2	2	4	1	1	3	3	2	2	3	1	2	2
109	1	37	1	2	1	3	1	1	0	3	4	5	5	2	1	2	3	6	1	3	2	2	3	1	2	2
110	1	27	2	2	1	6	1	1	0	3	5	5	5	1	1	3	5	7	1	2	0	0	0	1	3	2
111	1	56	1	2	2	9	5	7	48	3	0	0	0	1	0	3	2	4	1	1	1	1	3	3	3	2
112	1	27	2	4	2	8	1	1	49	3	5	4	4	2	3	3	5	2	7	1	0	1	3	2	4	3
113	1	58	1	2	2	5	6	8	50	1	0	0	0	2	0	1	1	6	3	2	1	1	3	1	4	3
114	1	31	2	2	2	9	10	5	51	2	0	0	0	1	0	2	4	4	1	3	1	1	3	3	3	1

Média 39,77
Desv. Padrão 15,98

2,82 2,69 2,19
2,12 2,29 2,04

NINQ	P25	P26.1	P26.2	P26.3	P26.4	P26.5	P26.6	P26.7	P26.8	P26.9	P27	P28.1	P28.2	P28.3	P28.4	P28.5	P28.6	P28.7	P28.8	P28.9	P29	P30.1
1	4	4	0	0	0	4	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	5	0	0	0	1	1
2	4	2	0	0	0	0	0	0	0	0	5	3	0	0	0	0	3	0	0	0	1	0
3	4	2	2	0	2	4	2	0	2	1	2	1	1	3	1	1	3	1	1	1	1	1
4	4	2	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	3	0	0	0	1	1
5	4	2	1	1	2	2	2	2	1	1	4	1	1	1	1	3	3	3	1	1	1	0
6	4	3	0	0	3	5	3	3	0	0	2	0	0	0	0	3	3	0	0	0	1	1
7	4	4	2	2	1	3	3	3	2	1	4	1	1	1	1	3	5	1	1	1	1	1
8	4	3	2	1	4	3	2	2	1	1	5	0	0	0	0	0	2	0	0	0	1	1
9	4	2	2	0	4	4	1	0	2	1	3	0	0	0	0	3	2	0	0	0	1	1
10	4	3	2	2	4	4	1	1	1	1	3	0	0	0	0	3	3	0	0	0	1	1
11	2	4	0	0	2	5	2	4	0	3	1	0	0	0	0	0	3	0	0	0	1	1
12	4	4	2	0	2	3	2	3	0	0	2	0	0	0	0	3	3	0	0	0	1	1
13	2	2	1	1	2	1	2	1	1	1	4	2	1	1	1	5	5	0	0	0	1	1
14	4	2	3	3	0	0	0	2	2	1	3	1	1	3	1	1	2	1	1	1	1	1
15	4	4	3	0	2	4	2	3	1	0	5	0	3	0	0	3	3	0	3	0	1	0
16	4	3	2	3	2	2	0	2	1	2	3	1	1	3	1	3	3	1	1	1	1	0
17	4	4	3	3	2	3	2	2	3	0	3	1	1	3	4	1	3	1	1	0	1	0
18	2	3	4	2	2	4	2	3	2	1	3	1	1	1	4	1	5	1	1	0	1	1
19	4	4	0	0	1	5	3	4	2	0	4	2	4	4	0	4	4	4	4	0	1	1
20	4	4	3	0	0	2	3	2	0	0	2	0	0	0	0	3	3	0	0	0	2	1
21	4	2	2	1	2	2	2	2	1	1	5	0	3	0	5	0	3	0	0	0	2	1
22	4	3	2	0	3	0	2	3	2	2	5	0	0	0	0	0	3	0	0	0	2	1
23	4	3	3	3	3	2	3	3	2	2	3	0	0	0	0	3	3	0	0	0	2	0
24	4	2	2	1	2	3	2	3	1	1	4	0	0	0	0	0	2	0	0	0	2	1
25	4	2	1	1	1	2	2	3	1	1	5	0	0	0	0	0	3	0	0	0	2	0
26	4	3	2	1	1	2	2	2	1	2	5	0	0	0	0	0	3	3	3	0	2	1
27	4	2	1	1	1	3	1	2	1	1	4	1	0	1	1	1	2	1	0	0	2	1
28	4	2	3	3	2	3	2	3	1	2	3	0	0	0	0	0	3	3	1	0	2	1
29	4	3	3	0	3	0	3	3	0	0	5	0	0	0	0	0	3	0	0	0	2	0
30	4	3	1	1	3	5	2	3	1	2	3	0	0	0	0	0	3	0	0	0	2	1
31	4	3	3	3	3	5	2	3	1	2	3	0	0	0	0	0	3	3	0	0	2	1
32	2	2	4	3	3	5	2	3	1	2	4	1	0	0	0	0	2	0	0	0	2	1
33	4	2	2	1	3	3	3	3	1	2	5	0	0	0	0	0	2	1	0	0	2	1
34	4	3	2	0	3	3	1	3	1	5	5	1	0	0	0	0	2	0	0	0	2	1
35	4	3	2	2	0	2	3	3	0	0	2	0	0	0	0	0	2	1	0	0	2	1

NINQ	P25	P26.1	P26.2	P26.3	P26.4	P26.5	P26.6	P26.7	P26.8	P26.9	P27	P28.1	P28.2	P28.3	P28.4	P28.5	P28.6	P28.7	P28.8	P28.9	P29	P30.1
36	4	2	2	2	2	2	2	2	1	2	4	0	0	0	0	0	5	0	0	0	2	1
37	4	2	2	2	2	2	2	2	1	2	4	0	0	0	0	0	4	0	0	0	2	1
38	2	3	0	0	0	3	0	4	2	0	1	0	1	1	1	1	3	1	0	0	2	1
39	4	3	2	2	2	3	3	3	0	1	4	0	0	0	0	0	3	0	0	0	2	1
40	3	2	2	2	1	3	3	4	1	2	2	1	0	0	0	2	3	0	3	0	2	1
41	4	3	5	1	3	2	3	2	1	2	5	0	1	0	1	3	3	0	1	0	2	1
42	2	3	0	0	4	0	0	3	0	0	5	0	0	1	0	0	2	0	0	0	2	0
43	3	4	1	1	2	2	3	3	1	1	4	0	1	0	1	3	3	1	1	0	2	0
44	2	2	2	1	2	2	3	3	1	1	4	1	1	1	0	1	2	1	1	1	2	0
45	4	2	2	1	1	2	2	2	1	1	4	0	0	0	0	0	3	0	0	0	2	0
46	4	2	2	1	1	2	2	2	2	2	5	1	1	1	1	3	3	3	0	0	2	1
47	4	3	2	0	3	3	2	3	2	2	5	1	1	1	0	3	3	3	0	0	2	1
48	4	4	4	3	2	3	4	4	1	1	2	0	0	0	0	0	5	0	0	0	1	0
49	4	4	5	0	2	0	0	0	1	0	2	0	0	0	0	0	3	0	0	0	1	0
50	4	2	0	0	0	0	0	0	0	0	5	0	0	0	0	0	3	0	0	0	1	0
51	4	4	5	4	0	4	0	0	1	0	3	0	0	0	0	0	3	0	0	0	1	0
52	2	4	4	0	0	4	0	0	0	0	3	0	0	0	0	0	3	0	0	0	1	0
53	4	3	0	0	3	0	0	3	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
54	2	4	4	2	3	4	2	3	2	2	4	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
55	2	4	3	2	0	3	1	3	0	1	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
56	2	2	3	2	2	2	2	2	2	2	5	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
57	2	4	2	2	2	3	2	3	2	2	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
58	2	3	4	2	3	3	3	4	2	2	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
59	2	4	2	2	3	3	2	4	1	2	3	0	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0
60	2	3	4	2	3	3	2	4	1	2	2	0	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0
61	2	4	3	2	3	3	2	4	1	2	5	0	3	1	1	1	3	1	3	0	0	0
62	4	3	1	1	1	2	1	2	1	1	4	1	3	1	1	1	2	1	1	0	0	0
63	2	3	2	2	3	3	2	2	1	2	5	1	3	1	1	5	3	3	3	0	0	0
64	2	4	3	0	1	0	2	3	2	2	4	1	2	1	3	2	1	1	3	0	0	0
65	2	3	4	2	1	3	1	2	1	1	5	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
66	2	3	2	0	3	2	2	2	2	2	4	0	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0
67	4	3	4	2	4	4	2	4	2	1	3	0	0	3	0	0	0	0	0	0	0	0
68	2	3	2	0	2	3	2	3	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
69	3	3	3	2	3	4	3	3	2	1	4	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
70	4	4	2	3	2	4	2	2	1	2	5	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

NINQ	P25	P26.1	P26.2	P26.3	P26.4	P26.5	P26.6	P26.7	P26.8	P26.9	P27	P28.1	P28.2	P28.3	P28.4	P28.5	P28.6	P28.7	P28.8	P28.9	P29	P30.1
71	4	3	5	1	1	5	4	2	1	3	5	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
72	2	2	4	0	3	3	3	4	1	1	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
73	4	4	2	2	2	4	2	4	1	1	3	1	1	3	1	1	1	1	1	0	0	0
74	2	3	4	2	2	2	4	4	1	2	3	0	0	3	0	0	0	0	0	0	0	0
75	4	3	3	1	2	1	1	4	1	3	3	0	0	0	0	0	3	0	0	0	0	1
76	4	4	4	1	2	2	2	3	1	1	5	0	0	3	0	0	0	0	0	0	0	0
77	4	1	2	2	2	4	2	2	1	1	5	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
78	4	3	2	1	2	4	5	5	1	4	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
79	3	2	3	1	2	4	3	2	1	1	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
80	2	3	2	2	2	2	2	2	1	3	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
81	3	3	2	1	3	3	2	2	1	1	4	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
82	4	3	4	1	1	2	2	4	1	2	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
83	2	4	3	0	2	2	2	4	4	3	5	0	4	0	0	0	0	0	0	0	0	0
84	4	4	2	1	3	2	3	4	1	1	5	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
85	3	3	2	2	2	2	2	4	2	2	5	0	0	1	1	1	1	1	3	0	0	0
86	4	3	0	0	0	0	0	2	0	0	5	1	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0
87	4	0	0	1	0	0	0	0	1	1	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
88	2	3	2	1	3	3	2	3	1	2	4	1	1	1	0	1	3	0	1	0	0	0
89	4	2	2	1	0	3	2	3	4	2	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
90	4	2	2	1	1	2	2	3	1	1	5	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
91	4	4	2	3	0	3	2	3	1	0	5	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
92	4	3	4	0	2	4	2	2	2	2	4	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
93	4	3	2	1	2	0	0	2	0	1	5	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
94	4	3	2	1	2	2	2	2	2	2	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
95	4	4	2	3	2	3	2	2	1	0	5	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
96	4	4	3	2	2	3	2	2	1	0	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
97	4	4	4	0	0	3	3	3	0	0	5	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
98	4	2	2	0	2	2	2	2	0	0	5	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
99	4	3	3	2	4	3	3	3	2	2	5	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
100	4	3	4	1	0	4	3	0	1	1	5	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
101	4	4	2	1	2	3	2	4	1	1	5	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
102	4	3	2	1	1	3	2	3	1	1	5	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
103	4	2	2	2	2	2	2	2	2	2	5	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
104	4	3	1	1	2	3	2	2	1	1	5	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
105	4	2	1	1	1	3	2	2	1	1	5	0	0	3	0	0	0	0	0	0	0	0

NINQ	P25	P26.1	P26.2	P26.3	P26.4	P26.5	P26.6	P26.7	P26.8	P26.9	P27	P28.1	P28.2	P28.3	P28.4	P28.5	P28.6	P28.7	P28.8	P28.9	P29	P30.1
106	4	2	1	1	1	3	2	2	1	2	4	1	1	1	1	1	3	1	1	0	0	0
107	4	4	2	1	3	2	2	3	1	1	3	1	5	0	0	0	0	2	2	0	0	1
108	4	4	3	2	2	4	2	5	3	2	3	0	0	0	0	0	3	0	0	0	1	1
109	4	2	2	0	3	4	2	3	1	0	2	0	0	0	0	0	3	0	0	0	1	1
110	4	3	2	4	1	5	2	3	2	0	5	1	2	4	3	2	2	1	1	0	1	1
111	2	2	3	0	0	2	0	2	0	0	5	0	0	0	0	0	3	4	0	0	1	1
112	2	2	2	2	3	3	2	3	2	1	5	1	1	1	1	1	3	3	3	0	1	1
113	4	3	0	0	0	0	0	0	0	0	4	0	0	0	0	3	0	0	0	0	1	1
114	2	3	3	2	4	2	2	2	3	2	2	0	0	0	0	0	3	0	0	0	1	1

Média	2,93	2,32	1,17	1,83	2,65	1,93	2,54	1,15	1,20	0,34	0,63	0,51	0,35	0,40	1,80	0,54	0,64	0,07
Desv.	0,83	1,22	0,95	1,14	1,29	0,98	1,14	0,82	0,96	0,70	1,11	0,97	0,78	0,87	1,56	1,03	1,18	0,26

NINQ	P30.2	P30.3	P30.4	P30.5	P30.6	P30.7	P30.8	P31	P32	P33	P34.1	P34.2	P35	P36.1	P36.2	P36.3	P36.4	P36.5	P36.6	P36.7
1	0	0	0	1	1	0	0	2	2	1	5	5	3	3	3	3	2	0	0	0
2	0	0	1	0	0	0	0	1	1	1	5	5	3	0	0	0	4	0	0	0
3	0	0	0	0	0	0	0	1	2	1	5	5	3	4	4	4	3	4	4	0
4	1	0	0	1	0	0	0	2	2	1	5	5	1	0	0	0	0	0	4	0
5	0	0	0	0	1	0	0	0	0	4	5	5	1	1	1	0	0	2	1	0
6	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	5	5	3	0	0	0	4	0	0	0
7	0	0	0	0	0	0	0	2	1	1	5	5	3	3	2	2	4	2	2	0
8	1	1	1	1	1	0	0	2	1	1	5	5	1	4	3	4	4	3	4	0
9	0	0	0	0	0	0	0	1	2	3	0	0	3	0	0	0	0	0	0	0
10	0	0	0	0	0	0	0	1	2	1	5	5	3	0	0	0	0	0	0	0
11	0	0	0	0	0	0	0	2	2	3	0	0	3	0	0	0	0	0	0	0
12	1	0	0	0	1	0	0	2	2	1	5	5	1	0	0	0	4	0	0	0
13	0	0	1	0	1	0	0	2	2	1	5	5	1	4	3	4	0	4	0	0
14	0	0	0	0	0	1	0	1	2	1	5	3	1	0	0	0	0	0	0	0
15	0	0	0	0	0	0	0	2	2	1	5	5	1	2	3	3	2	2	0	0
16	0	0	0	0	1	0	0	2	2	1	5	5	3	1	1	2	1	0	0	0
17	0	0	0	0	0	1	0	1	2	1	4	4	1	0	0	0	0	2	1	0
18	1	1	0	0	1	0	0	2	2	1	4	4	3	3	1	1	1	2	1	0
19	0	0	0	0	0	0	0	2	1	1	5	5	1	4	2	4	4	0	4	0
20	0	0	0	1	1	0	0	2	2	1	3	3	1	4	4	4	2	2	1	0
21	0	0	0	1	1	0	0	2	2	4	3	3	1	2	2	4	2	0	0	0
22	0	0	0	1	0	0	0	0	0	4	4	4	1	0	0	0	0	4	4	0
23	0	0	1	1	1	0	0	2	2	1	5	5	1	4	2	2	0	0	4	0
24	0	0	0	1	1	0	0	2	2	1	4	4	1	3	2	4	3	2	4	0
25	1	0	0	0	0	0	0	2	2	4	4	4	1	2	2	2	4	2	2	0
26	0	0	1	1	1	0	0	2	2	4	5	5	3	2	2	4	4	2	4	0
27	0	0	1	1	1	0	0	2	2	4	4	3	1	3	3	0	0	0	4	0
28	0	0	0	0	0	0	0	2	2	5	3	3	3	2	4	4	4	2	4	0
29	1	1	1	0	1	0	0	2	2	5	3	5	1	3	4	4	3	0	4	0
30	0	1	1	1	1	0	0	2	2	1	5	5	1	2	3	4	3	0	3	0
31	0	1	1	1	1	0	0	2	2	1	5	5	1	2	3	4	3	0	3	0
32	1	0	0	0	0	0	0	2	2	1	4	5	1	4	4	4	4	2	4	0
33	0	1	1	1	1	0	0	2	2	1	5	5	1	2	2	2	2	2	3	0
34	0	1	1	1	1	0	0	2	2	4	5	5	1	2	3	3	2	2	4	0
35	0	1	1	1	1	0	0	2	2	4	5	5	1	3	4	4	4	2	4	0

	NINQ	P30.2	P30.3	P30.4	P30.5	P30.6	P30.7	P30.8	P31	P32	P33	P34.1	P34.2	P35	P36.1	P36.2	P36.3	P36.4	P36.5	P36.6	P36.7
36	0	0	0	0	1	1	0	0	2	2	1	4	4	1	3	3	4	0	2	4	0
37	0	0	0	0	1	1	0	0	2	2	1	4	4	1	3	3	4	4	2	4	0
38	0	0	0	0	1	1	0	0	2	2	3	3	3	3	3	4	4	4	0	4	0
39	0	0	0	0	0	0	0	0	2	2	1	4	4	1	2	2	4	3	2	3	0
40	1	1	1	1	1	1	0	0	2	2	4	5	5	1	2	2	3	3	4	4	0
41	1	1	1	1	1	1	0	0	0	0	1	5	0	1	0	4	3	4	0	3	0
42	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	4	5	5	1	4	4	4	0	0	4	0
43	0	1	1	1	1	1	1	0	2	2	1	5	5	3	0	0	4	4	0	4	0
44	0	0	0	0	1	0	0	0	2	2	1	4	4	1	3	4	3	3	3	4	0
45	0	0	0	0	1	1	0	0	2	2	1	5	5	1	2	4	4	4	2	4	0
46	0	0	0	0	0	0	0	0	2	2	1	5	5	1	3	3	2	2	2	4	0
47	0	0	0	0	0	0	0	0	2	2	1	5	5	1	3	3	2	2	2	4	0
48	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	5	0	3	3	4	3	3	0	4	0
49	0	0	0	0	0	0	0	0	2	2	1	5	1	1	3	4	4	4	2	4	0
50	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	4	5	5	1	4	4	4	4	4	0	0
51	0	0	1	0	1	0	0	0	2	2	1	5	5	1	0	0	0	0	0	4	0
52	0	0	1	0	0	0	0	0	2	2	2	3	3	3	4	4	3	4	2	3	0
53	1	0	0	1	1	1	0	0	1	1	4	5	5	1	4	4	4	4	4	0	0
54	0	0	0	0	0	0	0	0	2	2	1	2	3	1	0	4	3	3	0	4	0
55	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	1	4	3	1	0	4	3	3	0	4	0
56	0	0	0	0	0	0	0	0	2	2	2	5	5	3	0	4	0	0	0	4	0
57	0	0	0	0	0	0	0	0	2	1	1	3	3	1	0	3	4	0	0	3	0
58	0	0	0	0	0	0	0	0	2	2	1	4	4	1	0	0	2	4	0	4	0
59	0	0	0	0	0	0	0	0	2	2	1	2	2	1	3	0	3	3	0	0	0
60	1	0	0	0	0	0	0	0	2	2	1	4	4	1	0	4	3	3	2	4	0
61	0	0	0	0	0	0	0	0	2	2	1	4	4	1	3	0	4	0	0	0	0
62	0	0	0	0	0	1	0	0	2	2	6	5	5	1	4	3	4	4	2	1	0
63	1	0	0	0	1	1	0	0	2	2	2	4	4	1	3	3	3	3	1	1	0
64	0	1	0	0	1	1	0	0	2	2	1	5	5	3	4	4	4	4	2	4	0
65	1	0	0	0	0	0	0	0	2	2	3	5	5	1	3	4	4	4	3	4	0
66	0	0	0	0	0	0	0	0	2	2	1	4	4	3	4	4	4	4	4	4	0
67	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	1	5	5	3	3	3	3	4	3	4	0
68	0	0	0	0	0	0	0	0	2	1	1	5	5	1	3	4	4	4	0	4	0
69	0	0	0	0	0	0	0	0	2	2	1	3	3	3	4	3	4	4	4	4	0
70	0	0	0	0	0	0	0	0	2	2	1	5	5	1	2	3	4	3	2	4	0

NINQ	P30.2	P30.3	P30.4	P30.5	P30.6	P30.7	P30.8	P31	P32	P33	P34.1	P34.2	P35	P36.1	P36.2	P36.3	P36.4	P36.5	P36.6	P36.7
71	0	0	0	0	0	0	0	1	0	2	5	4	1	4	4	4	4	3	1	0
72	0	0	0	0	0	1	0	1	0	1	5	5	3	3	3	2	3	0	3	0
73	0	0	0	0	0	0	0	1	2	1	5	5	1	4	4	4	4	4	4	0
74	0	0	0	0	0	1	0	1	2	2	3	3	3	2	3	3	3	4	4	0
75	0	0	1	1	1	0	0	2	2	1	4	4	1	0	0	0	0	0	0	0
76	0	0	0	0	0	1	0	1	2	1	5	5	1	4	4	4	4	2	4	0
77	0	0	0	0	0	0	0	2	2	1	5	5	1	2	2	2	2	2	2	0
78	0	0	0	0	0	0	0	1	2	1	5	5	1	3	4	4	4	4	4	0
79	0	0	0	0	0	0	0	1	2	1	5	5	2	4	4	4	4	4	4	0
80	0	0	0	0	0	0	0	1	1	1	5	5	3	4	4	4	4	4	4	0
81	0	0	0	0	0	0	0	1	2	1	5	5	2	4	4	4	4	4	4	0
82	0	0	0	0	0	0	0	1	1	1	5	5	3	2	2	2	2	4	3	0
83	0	0	0	0	0	0	0	2	1	3	0	0	1	3	4	4	3	2	4	0
84	0	0	0	0	0	0	0	2	2	6	5	5	1	4	1	1	2	1	2	0
85	0	0	0	0	0	0	0	2	2	3	3	1	3	2	3	3	0	2	1	0
86	0	0	0	0	0	0	0	2	2	1	5	5	3	2	2	2	2	2	2	0
87	0	0	0	0	0	0	0	2	2	4	4	4	1	0	0	0	0	0	0	0
88	1	0	0	0	0	0	0	2	2	1	5	5	3	4	4	4	3	2	4	0
89	0	0	0	0	0	0	0	2	2	3	0	0	3	4	4	4	4	2	4	0
90	0	0	0	0	0	0	0	2	2	1	5	5	2	0	4	4	4	2	4	0
91	0	0	0	0	0	0	0	2	2	1	5	5	1	0	4	4	4	0	0	0
92	0	0	0	0	0	0	0	2	2	1	3	3	3	0	0	0	0	0	0	0
93	0	0	0	0	0	0	0	2	2	2	5	5	1	0	0	0	0	0	0	0
94	0	0	0	0	0	0	0	2	2	2	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0
95	0	0	0	0	0	0	0	2	2	1	5	5	1	2	2	2	2	2	2	0
96	0	0	0	0	0	0	0	2	2	1	5	5	1	0	0	0	0	0	0	0
97	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	5	5	1	0	0	0	0	0	0	0
98	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	4	4	1	4	1	2	1	2	4	0
99	0	1	1	1	1	0	0	2	2	1	5	5	1	2	2	0	2	0	0	0
100	0	0	0	0	0	0	0	2	2	4	3	2	1	0	0	0	0	0	0	0
101	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	4	4	1	0	0	0	0	0	0	0
102	1	1	0	0	0	0	0	2	2	6	3	3	1	4	4	4	4	2	4	0
103	0	0	0	0	0	0	0	0	0	6	0	0	1	2	2	2	2	2	2	0
104	0	0	0	0	0	0	0	2	2	1	5	5	1	0	0	0	0	0	0	0
105	0	0	0	0	0	0	0	2	1	2	5	5	1	0	0	0	0	0	0	0

	NINQ	P30.2	P30.3	P30.4	P30.5	P30.6	P30.7	P30.8	P31	P32	P33	P34.1	P34.2	P35	P36.1	P36.2	P36.3	P36.4	P36.5	P36.6	P36.7
106	0	0	0	0	0	1	0	0	2	1	1	5	5	3	3	3	0	4	0	4	0
107	0	0	0	0	0	0	0	0	1	2	1	4	4	3	0	0	0	0	0	0	0
108	0	0	0	0	0	0	0	0	2	2	1	5	5	1	2	3	2	2	2	4	0
109	0	0	0	0	0	0	0	0	2	2	1	5	5	3	3	2	2	2	2	4	0
110	0	0	0	0	1	0	1	1	1	1	1	5	5	1	3	4	2	2	2	4	0
111	1	1	1	1	1	1	0	0	2	2	1	5	5	1	4	4	4	3	3	4	0
112	1	0	0	0	1	0	0	0	2	2	1	5	5	1	1	4	0	4	2	4	0
113	0	0	0	0	0	0	0	0	2	2	1	5	5	1	2	2	2	4	2	2	0
114	0	1	1	0	0	1	0	0	2	2	1	4	2	3	0	0	3	4	0	4	0
Média												4,27	4,04		2,04	2,30	2,35	2,29	1,40	2,57	0,00
Desv.												1,25	1,45		1,54	1,57	1,62	1,61	1,37	1,67	0,00

ANEXO Nº 7

Frequências e percentagens do Questionário-teste

FREQUÊNCIAS E PERCENTAGENS DO QUESTIONÁRIO TESTE

P1	
1	2
80	34
70,18%	29,82%

P3	
1	2
71	43
62,28%	37,72%

P4				
1	2	3	4	5
17	93	1	2	1
14,91%	81,58%	0,88%	1,75%	0,88%

P5			
1	2	3	4
37	72	4	1
32,46%	63,16%	3,51%	0,88%

P6										
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
2	0	20	4	18	24	10	13	6	6	11
1,75%	0,00%	17,54%	3,51%	15,79%	21,05%	8,77%	11,40%	5,26%	5,26%	9,65%

P7									
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
72	2	2	2	17	2	0	15	0	2
63,16%	1,75%	1,75%	1,75%	14,91%	1,75%	0,00%	13,16%	0,00%	1,75%

P8									
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
67	1	8	2	11	2	18	1	1	3
58,77%	0,88%	7,02%	1,75%	9,65%	1,75%	15,79%	0,88%	0,88%	2,63%

P9										
0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
22	1	5	9	1	3	0	1	1	3	1
19,30%	0,88%	4,39%	7,89%	0,88%	2,63%	0,00%	0,88%	0,88%	2,63%	0,88%

P9										
11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21
10	1	2	3	4	2	1	1	1	1	1
8,77%	0,88%	1,75%	2,63%	3,51%	1,75%	0,88%	0,88%	0,88%	0,88%	0,88%

P9										
22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32
6	3	2	1	1	1	1	1	1	1	1
5,26%	2,63%	1,75%	0,88%	0,88%	0,88%	0,88%	0,88%	0,88%	0,88%	0,88%

P9										
33	34	35	36	37	38	39	40	41	42	43
1	2	1	1	1	2	1	1	1	1	1
0,88%	1,75%	0,88%	0,88%	0,88%	1,75%	0,88%	0,88%	0,88%	0,88%	0,88%

P9							
44	45	46	47	48	49	50	51
1	1	1	1	1	1	1	1
0,88%	0,88%	0,88%	0,88%	0,88%	0,88%	0,88%	0,88%

P10				
0	1	2	3	4
14	5	10	78	7
12,28%	4,20%	8,77%	68,42%	6,14%

P11.1					
0	1	2	3	4	5
38	1	1	14	23	37
35,35%	0,88%	0,88%	12,28%	20,18%	32,46%

P11.2					
0	1	2	3	4	5
46	0	2	5	17	44
40,35%	0,00%	1,75%	4,39%	14,91%	38,60%

P11.3					
0	1	2	3	4	5
49	1	4	18	23	19
42,98%	0,88%	3,51%	15,75%	20,18%	16,07%

P12		
0	1	2
14	32	68
12,28%	28,27%	59,65%

P13			
0	1	2	3
40	38	17	19
35,09%	33,33%	14,81%	16,77%

P14					
0	1	2	3	4	5
17	16	26	19	21	15
14,91%	14,04%	22,81%	16,25%	18,42%	13,56%

P15									
0	1	2	3	4	5	6	7	8	9
17	10	4	12	9	18	3	7	1	1
14,91%	9,12%	3,31%	10,33%	7,68%	15,75%	2,59%	6,14%	0,88%	0,88%

P16										
0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
17	10	7	5	10	4	20	1	0	0	26
14,91%	9,12%	6,14%	4,39%	8,77%	3,51%	17,50%	0,88%	0,00%	0,00%	22,81%

P17							
0	1	2	3	4	5	6	7
16	47	5	18	9	7	6	6
14,04%	41,23%	4,39%	15,79%	7,89%	6,14%	5,26%	5,26%

P18				
0	1	2	3	4
17	46	36	10	5
14,91%	40,35%	31,58%	8,77%	4,39%

P19			
0	1	2	3
37	53	23	1
32,46%	46,49%	20,18%	0,88%

P20			
0	1	2	3
36	68	9	1
31,58%	59,65%	7,89%	0,88%

P21			
0	1	2	3
38	10	0	66
33,33%	8,77%	0,00%	57,89%

P22			
0	1	2	3
0	83	20	11
0,00%	72,81%	17,54%	9,65%

P23					
0	1	2	3	4	5
1	3	18	60	31	1
0,88%	2,63%	15,79%	52,63%	27,19%	0,88%

P24					
0	1	2	3	4	5
0	20	17	56	3	18
0,00%	17,54%	14,91%	49,12%	2,63%	15,79%

P25				
0	1	2	3	4
0	0	29	6	79
0,00%	0,00%	25,44%	5,26%	69,30%

P26.1					
0	1	2	3	4	5
1	1	34	48	29	1
0,88%	0,86%	29,62%	42,11%	25,44%	0,88%

P26.2					
0	1	2	3	4	5
11	10	50	21	18	4
9,59%	8,77%	43,33%	18,12%	15,79%	3,51%

P26.3					
0	1	2	3	4	5
32	41	32	8	1	0
28,07%	35,96%	28,07%	7,02%	0,88%	0,00%

P26.4					
0	1	2	3	4	5
19	19	46	23	6	1
16,67%	16,67%	40,35%	20,18%	5,26%	0,88%

P26.5					
0	1	2	3	4	5
13	2	31	41	20	7
11,40%	1,75%	27,19%	35,96%	17,54%	6,14%

P26.6					
0	1	2	3	4	5
15	8	66	21	3	1
13,10%	7,10%	57,90%	18,40%	2,60%	0,88%

P26.7					
0	1	2	3	4	5
11	3	36	44	18	2
9,65%	2,65%	31,58%	38,60%	15,79%	1,75%

P26.8					
0	1	2	3	4	5
22	60	21	3	2	0
19,30%	52,50%	18,00%	2,60%	1,75%	0,00%

P26.9					
0	1	2	3	4	5
29	43	35	5	1	1
25,41%	37,30%	30,70%	4,30%	0,88%	0,88%

P27					
0	1	2	3	4	5
0	5	20	22	21	46
0,00%	4,39%	17,54%	19,15%	18,12%	40,35%

P28.1					
0	1	2	3	4	5
83	27	2	1	0	1
72,81%	23,68%	1,75%	0,88%	0,00%	0,88%

P28.2					
0	1	2	3	4	5
76	22	2	11	2	1
60,31%	18,00%	1,75%	9,65%	1,75%	0,88%

P28.3					
0	1	2	3	4	5
80	22	0	9	2	0
70,10%	18,00%	0,00%	7,65%	1,75%	0,00%

P28.4					
0	1	2	3	4	5
85	25	0	2	1	1
74,56%	21,93%	0,00%	1,75%	0,88%	0,88%

P28.5					
0	1	2	3	4	5
83	24	3	2	0	2
72,81%	21,05%	2,63%	1,75%	0,00%	1,75%

P28.6					
0	1	2	3	4	5
42	5	16	42	3	6
36,84%	4,39%	14,04%	36,84%	2,63%	5,26%

P28.7					
0	1	2	3	4	5
81	19	1	11	2	0
71,05%	16,67%	0,88%	9,65%	1,75%	0,00%

P28.8					
0	1	2	3	4	5
79	18	1	13	1	2
69,00%	15,75%	0,88%	11,40%	0,88%	1,75%

P28.9					
0	1	2	3	4	5
106	8	0	0	0	0
92,00%	7,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%

P29		
0	1	2
54	29	31
47,37%	25,14%	27,49%

P30.1	
0	1
54	60
47,37%	52,63%

P30.2	
0	1
96	18
84,21%	15,79%

P30.3	
0	1
92	22
80,70%	19,30%

P30.4	
0	1
93	21
81,58%	18,42%

P30.5	
0	1
77	37
67,54%	32,46%

P30.6	
0	1
77	37
67,54%	32,46%

P30.7	
0	1
106	8
92,98%	7,02%

P30.8	
0	1
113	1
99,12%	0,88%

P31		
0	1	2
6	22	86
5,26%	19,30%	75,44%

P32		
0	1	2
11	14	89
9,65%	12,20%	78,15%

P33						
0	1	2	3	4	5	6
0	78	9	7	14	1	5
0,00%	69,12%	7,89%	6,14%	12,20%	0,88%	4,39%

P34					
0	1	2	3	4	5
6	0	2	12	23	71
5,26%	0,00%	1,75%	10,53%	20,13%	62,23%

P35					
0	1	2	3	4	5
8	2	4	14	21	65
7,02%	1,75%	3,51%	12,20%	18,37%	57,15%

P36			
0	1	2	3
0	77	3	34
0,00%	67,54%	2,63%	29,83%

P36.1				
0	1	2	3	4
35	3	22	28	25
30,77%	2,63%	19,30%	24,14%	21,16%

P36.2				
0	1	2	3	4
30	4	17	28	35
26,32%	3,51%	14,91%	24,56%	30,70%

P36.3				
0	1	2	3	4
30	3	21	17	43
26,32%	2,63%	18,42%	14,91%	37,72%

P36.4				
0	1	2	3	4
31	4	19	21	39
27,19%	3,51%	16,67%	18,42%	34,21%

P36.5				
0	1	2	3	4
49	2	44	6	13
42,98%	1,75%	38,00%	5,26%	11,40%

P36.6				
0	1	2	3	4
27	7	11	12	57
23,33%	6,11%	9,50%	10,33%	50,00%

P36.7				
0	1	2	3	4
114	0	0	0	0
100,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%

ANEXO Nº 8

Lista de códigos para interpretação das perguntas
do Quesionário-teste

**LISTA DE CÓDIGOS PARA INTERPRETAÇÃO
DAS PERGUNTAS ABERTAS**

P.1 - Qual é o seu local de residência?

(Apenas se considerou o distrito)

- 1 - Setúbal
- 2 - Lisboa

P.4 - Onde nasceu?

- 3 - S. Tomé
- 4 - Angola
- 5 - Guiné

P.9 - Profissão exercida

- 1 - Servente
- 2 - Doméstica
- 3 - Pedreiro
- 4 - Escriturário
- 5 - Motorista
- 6 - Cantoneiro de limpeza
- 7 - Bilheteiro
- 8 - Auxiliar de curador
- 9 - Empregada de limpeza
- 10 - Gerente
- 11 - Estudante
- 12 - Polidor
- 13 - Carpinteiro
- 14 - Empregada de balcão
- 15 - Operária fabril
- 16 - Professor ensino secundário
- 17 - Médico
- 18 - Cabeleireira
- 19 - Professorde Educação Física
- 20 - Controlador trafego aéreo
- 21 - Gerente bancário

- 22 - Funcionário público
- 23 - Secretária
- 24 - Observador metereológico
- 25 - Factor
- 26 - Bancário
- 27 - Advogado
- 28 - Encarregado fábrica
- 29 - Professor ensino básico
- 30 - Foto-jornalista
- 31 - Vigilante
- 32 - Auxiliar armazém
- 33 - Assistente social
- 34 - Cozinheiro
- 35 - Operário de via
- 36 - Empregada refeitório
- 37 - Auxiliar educadora infância
- 38 - Carpinteiro construção cívil
- 39 - Metalúrgico
- 40 - Comerciante
- 41 - Costureira
- 42 - Ladrilhador
- 43 - Operário siderúrgico
- 44 - Marinheiro
- 45 - Canalizador
- 46 - Copeira
- 47 - Educador infância
- 48 - Enfermeira
- 49 - Recepcionista
- 50 - Hoteleiro
- 51 - Empresário

P.15 - Porque veio para Portugal (assinale a razão que considera como principal)?

- 6 - Transferência de serviço
- 7 - Descolonização
- 8 - Motivos de saúde

P.22 - Quando fala com outros cabo-verdianos fala normalmente em:

- 3 - Crioulo e Português

P.24 - As suas relações de vizinhança são sobretudo com:

- 5 - Africanos e portugueses

P.29 - Se pertence a uma associação de cabo-verdianos, qual é ela?

- 1 - Associação Cabo-verdiana do Seixal
- 2- Associação Antigos Alunos do Ensino Secundário de Cabo-Verde

P.33 - Independentemente da nacionalidade considera-se:

- 4 - Cabo-verdiano e português
- 5 - Guineense
- 6 - Internacional

ANEXO Nº 9

Resultados do Questionário-teste após tratamento estatístico dos dados

Resultados do Questionário-teste após tratamento estatístico dos dados

TESTES DE HIPÓTESES

HIPÓTESE 1 - Diferenças entre associados e não associados face à identificação e pertença ao grupo étnico

com 29 recodificada

--- Mann - Whitney U - Wilcoxon Rank Sum W Test

P34.1
by P29REC

	Mean Rank	Cases		
	35,51	36 P29REC = 1,00		
	43,76	43 P29REC = 2,00		
		--		
		79 Total		
			Corrected for ties	
U		W	Z	2-Tailed P
612,5		1278,5	-1,9997	,0455

--- Mann - Whitney U - Wilcoxon Rank Sum W Test

P34.2
by P29REC

	Mean Rank	Cases
	34,72	36 P29REC = 1,00
	42,76	41 P29REC = 2,00
		--
		77 Total

HIPÓTESE 2 - P6 com dois grupos

com elites (dois grupos)

- - - - - Mann - Whitney U - Wilcoxon Rank Sum W Test

P34.1
by ELITES

Mean Rank	Cases	Corrected for ties	
38,86	33 ELITES = 1,00	Z	2-Tailed P
40,82	46 ELITES = 2,00		
	--		
	79 Total		
U	W		
721,5	1282,5	-,4689	,6391

- - - - - Mann - Whitney U - Wilcoxon Rank Sum W Test

P34.2
by ELITES

Mean Rank	Cases	Corrected for ties	
40,05	33 ELITES = 1,00	Z	2-Tailed P
38,22	44 ELITES = 2,00		
	--		
	77 Total		
U	W		
691,5	1321,5	-,4244	,6712

Identificação e pertença ao grupo étnico face à naturalidade

com a p4

- - - - - Mann - Whitney U - Wilcoxon Rank Sum W Test

P34.1
by P4

Mean Rank	Cases	Corrected for ties	
40,68	11 P4 = 1	Z	2-Tailed P
38,72	66 P4 = 2		
	--		
	77 Total		
U	W		
344,5	447,5	-,3360	,7369

- - - - - Mann - Whitney U - Wilcoxon Rank Sum W Test

P34.2
by P4

Mean Rank	Cases	Corrected for ties	
32,27	11 P4 = 1	Z	2-Tailed P
38,98	64 P4 = 2		
	--		
	75 Total		
U	W		
289,0	355,0	-1,1190	,2632

Identificação e pertença ao grupo étnico face à nacionalidade

com a p5

--- Mann - Whitney U - Wilcoxon Rank Sum W Test

P34.1
by P5

	Mean Rank	Cases		
	36,31	34 P5 = 1		
	41,13	43 P5 = 2		
		--		
		77 Total		
			Corrected for ties	
			Z	2-Tailed P
U	W		-1,2054	,2281
639,5	1234,5			

--- Mann - Whitney U - Wilcoxon Rank Sum W Test

P34.2
by P5

	Mean Rank	Cases		
	37,21	33 P5 = 1		
	38,62	42 P5 = 2		
		--		
		75 Total		
			Corrected for ties	
			Z	2-Tailed P
U	W		-,3369	,7362
667,0	1228,0			

Identificação e pertença ao grupo étnico consoante o tempo de permanência em Portugal (correlação)

--- SPEARMAN CORRELATION COEFFICIENTS ---ha
quanto tempo veio para portugal

P34.1		-,1199	
	N(69)		
	Sig ,326		
P34.2		-,0844	,8347
	N(67)	N(77)	
	Sig ,497	Sig ,000	
	P14	P34.1	

(Coefficient / (Cases) / 2-tailed Significance)

". ." is printed if a coefficient cannot be computed

HIPOTESE 3 - Formas de identificação e pertença ao grupo étnico consoante a escolaridade (três grupos)

- Língua

ELITALT by P22

Page 1 of 1

Count	P22			Row	
	1"	2"	3"	Total	
ELITALT	1,00	23"	2"	1"	26
	"	"	"	"	22,8
	2,00	46"	14"	4"	64
	"	"	"	"	56,1
	3,00	14"	4"	6"	24
	"	"	"	"	21,1
Column	83	20	11	114	
Total	72,8	17,5	9,6	100,0	

Chi-Square	Value	DF	Significance
Pearson	11,24147	4	,02398
Likelihood Ratio	10,14744	4	,03802
Mantel-Haenszel test for linear association	7,56066	1	,00597

Minimum Expected Frequency - 2,316
 Cells with Expected Frequency < 5 - 4 OF 9 (44,4%)

Number of Missing Observations: 0

- Religiao

ELITALT by P31

Page 1 of 1

Count	P31		Row	
	1"	2"	Total	
ELITALT	1,00	9"	16"	25
	"	"	"	23,1
	2,00	13"	49"	62
	"	"	"	57,4
	3,00	"	21"	21
	"	"	"	19,4
Column	22	86	108	
Total	20,4	79,6	100,0	

Chi-Square	Value	DF	Significance
Pearson	9,15072	2	,01030
Likelihood Ratio	12,83824	2	,00163
Mantel-Haenszel test for linear association	8,92455	1	,00281

Minimum Expected Frequency - 4,278
 Cells with Expected Frequency < 5 - 1 OF 6 (16,7%)

Number of Missing Observations: 6

- Raça

ELITALT by P33

Page 1 of 1

Count	P33						Row
	1"	2"	3"	4"	5"	6"	Total
ELITALT,.....,.....,.....,.....,.....,.....,						
1,00	24"	2"	"	1"	"	"	27
"	"	"	"	"	"	"	23,7
2,00	40"	7"	5"	9"	"	2"	63
"	"	"	"	"	"	"	55,3
3,00	14"	"	2"	4"	1"	3"	24
"	"	"	"	"	"	"	21,0
Column	78	9	7	14	1	5	114
Total	68,4	7,9	6,1	12,3	,9	4,4	100,0

Chi-Square	Value	DF	Significance
Pearson	18,00399	10	,05490
Likelihood Ratio	21,02717	10	,02090
Mantel-Haenszel test for linear association	10,42567	1	,00124

Minimum Expected Frequency - ,207
 Cells with Expected Frequency < 5 - 13 OF 18 (72,2%)

Number of Missing Observations: 0

HIPÓTESE 4 - Elites (três grupos / convívio nas associações)

ELITALT by P30.1

Page 1 of 1

	P30.1		Row	Total
Count	0	1		
ELITALT				
1,00	2	8	10	15,2
2,00	12	26	38	57,6
3,00	1	17	18	27,3
Column	15	51	66	
Total	22,7	77,3	100,0	

Chi-Square	Value	DF	Significance
Pearson	4,75993	2	,09255
Likelihood Ratio	5,61676	2	,06030
Mantel-Haenszel test for linear association	1,64772	1	,19927
Minimum Expected Frequency -	2,273		
Cells with Expected Frequency < 5 -	2 OF	6 (33,3%)	

Number of Missing Observations: 0

ELITALT by P30.2

Page 1 of 1

	P30.2		Row	Total
Count	0	1		
ELITALT				
1,00	9	1	10	15,2
2,00	30	8	38	57,6
3,00	12	6	18	27,3
Column	51	15	66	
Total	77,3	22,7	100,0	

Chi-Square	Value	DF	Significance
Pearson	2,13598	2	,34370
Likelihood Ratio	2,21690	2	,33007
Mantel-Haenszel test for linear association	2,10037	1	,14726
Minimum Expected Frequency -	2,273		
Cells with Expected Frequency < 5 -	2 OF	6 (33,3%)	
Number of Missing Observations:	0		

ELITALT by P30.3

Page 1 of 1

	P30.3		Row	Total
Count	"	"	0"	1"
ELITALT	1,00	" 9"	" "	10
		" "	" "	15,2
	2,00	" 29"	" 9"	38
		" "	" "	57,6
	3,00	" 9"	" 9"	18
		" "	" "	27,3
Column	47	19		66
Total	71,2	28,8		100,0

Chi-Square	Value	DF	Significance
Pearson	6,15538	2	,04607
Likelihood Ratio	6,17356	2	,04565
Mantel-Haenszel test for linear association	5,76823	1	,01632

Minimum Expected Frequency - 2,879
 Cells with Expected Frequency < 5 - 1 OF 6 (16,7%)

Number of Missing Observations: 0

ELITALT by P30.5

Page 1 of 1

	P30.5		Row	Total
Count	"	"	0"	1"
ELITALT	1,00	" 6"	" 4"	10
		" "	" "	15,2
	2,00	" 19"	" 19"	38
		" "	" "	57,6
	3,00	" 6"	" 12"	18
		" "	" "	27,3
Column	31	35		66
Total	47,0	53,0		100,0

Chi-Square	Value	DF	Significance
Pearson	2,16553	2	,33866
Likelihood Ratio	2,19893	2	,33305
Mantel-Haenszel test for linear association	2,06534	1	,15068

Minimum Expected Frequency - 4,697
 Cells with Expected Frequency < 5 - 1 OF 6 (16,7%)

Number of Missing Observations: 0

ELITALT by P30.6

Page 1 of 1

	Count	P30.6	Row	Total
ELITALT	1,00	7	3	10
	2,00	20	18	38
	3,00	4	14	18
Column	31	35	66	
Total	47,0	53,0	100,0	

Chi-Square	Value	DF	Significance
Pearson	7,04427	2	,02954
Likelihood Ratio	7,39227	2	,02482
Mantel-Haenszel test for linear association	6,67972	1	,00975

Minimum Expected Frequency - 4,697
 Cells with Expected Frequency < 5 - 1 OF 6 (16,7%)

Number of Missing Observations: 0

ELITALT by P30.7

Page 1 of 1

	Count	P30.7	Row	Total
ELITALT	1,00	10		10
	2,00	34	4	38
	3,00	17	1	18
Column	61	5	66	
Total	92,4	7,6	100,0	

Chi-Square	Value	DF	Significance
Pearson	1,39707	2	,49731
Likelihood Ratio	2,11563	2	,34721
Mantel-Haenszel test for linear association	,08075	1	,77628

Minimum Expected Frequency - ,758
 Cells with Expected Frequency < 5 - 3 OF 6 (50,0%)

Number of Missing Observations: 0

ELITALT by P30.4

Page 1 of 1

	P30.4		Row	Total
Count	"	"	"	"
	"	0"	1"	
ELITALT	1,00	9"	1"	10
	"	"	"	15,2
	2,00	28"	10"	38
	"	"	"	57,6
	3,00	9"	9"	18
	"	"	"	27,3
Column	46	20		66
Total	69,7	30,3		100,0

Chi-Square	Value	DF	Significance
Pearson	5,54430	2	,06253
Likelihood Ratio	5,71377	2	,05745
Mantel-Haenszel test for linear association	5,36323	1	,02057

Minimum Expected Frequency - 3,030
 Cells with Expected Frequency < 5 - 1 OF 6 (16,7%)

Number of Missing Observations: 0

Diferenças entre elite e não elite (dois grupos) consoante o tipo de habitação quando da chegada a Portugal

ELITES by P17REC

Page 1 of 1

	P17REC		Row	Total
Count	"	"	"	"
	"	1,00"	2,00"	
ELITES	1,00	36 "	8 "	44
	"	"	"	44,9
	2,00	35 "	19 "	54
	"	"	"	55,1
Column	71	27		98
Total	72,4	27,6		100,0

Chi-Square	Value	DF	Significance
Pearson	3,51172	1	,06094
Continuity Correction	2,71153	1	,09963
Likelihood Ratio	3,60640	1	,05756
Mantel-Haenszel test for linear association	3,47589	1	,06227

Minimum Expected Frequency - 12,122

Number of Missing Observations: 16

Diferenças entre elite e não elite (três grupos) consoante o tipo de habitação quando da chegada a Portugal

ELITALT by P17REC

Page 1 of 1

	Count	P17REC	Row Total
		1,00	2,00
ELITALT	1,00	23	3
			26,5
	2,00	31	19
			50
	3,00	17	5
			22,4
Column Total		71	27
			98
		72,4	27,6
			100,0

Chi-Square	Value	DF	Significance
Pearson	6,33124	2	,04219
Likelihood Ratio	6,79263	2	,03350
Mantel-Haenszel test for linear association	,99749	1	,31792
Minimum Expected Frequency -	6,061		

Number of Missing Observations: 16

Comparação entre as duas Associações estudadas

--- Mann-Whitney U - Wilcoxon Rank Sum W Test

P34.1
 by P29

Mean Rank	Cases			
33,79	28	P29 = 1		
26,58	31	P29 = 2		

	59	Total		
			Corrected for ties	
U	W	Z	2-Tailed P	
328,0	946,0	-2,0698	,0385	

--- Mann-Whitney U - Wilcoxon Rank Sum W Test

P34.2
 by P29

Mean Rank	Cases			
32,20	28	P29 = 1		
25,91	29	P29 = 2		

	57	Total		
			Corrected for ties	
U	W	Z	2-Tailed P	
316,5	901,5	-1,7727	,0763	

Diferenças entre Elites e não Elites (2 grupos) face à mudança de hábitos

- - - - Mann-Whitney U - Wilcoxon Rank Sum W Test

P36.1
by ELITES

Mean Rank	Cases			
42,39	33	ELITES = 1,00		
38,28	46	ELITES = 2,00		

	79	Total		
			Corrected for ties	
U	W	Z	2-Tailed P	
680,0	1399,0	-,8282	,4076	

- - - - Mann-Whitney U - Wilcoxon Rank Sum W Test

P36.2
by ELITES

Mean Rank	Cases			
45,70	35	ELITES = 1,00		
40,21	49	ELITES = 2,00		

	84	Total		
			Corrected for ties	
U	W	Z	2-Tailed P	
745,5	1599,5	-1,0818	,2793	

- - - - Mann-Whitney U - Wilcoxon Rank Sum W Test

P36.3
by ELITES

Mean Rank	Cases			
41,14	37	ELITES = 1,00		
43,57	47	ELITES = 2,00		

	84	Total		
			Corrected for ties	
U	W	Z	2-Tailed P	
819,0	1522,0	-,4959	,6200	

- - - - Mann-Whitney U - Wilcoxon Rank Sum W Test

P36.4
by ELITES

Mean Rank	Cases			
45,07	36	ELITES = 1,00		
39,65	47	ELITES = 2,00		

	83	Total		
			Corrected for ties	
U	W	Z	2-Tailed P	
735,5	1622,5	-1,0898	,2758	

- - - - - Mann-Whitney U - Wilcoxon Rank Sum W Test

P36.5
by ELITES

Mean Rank	Cases		
38,68	28 ELITES = 1,00		
28,70	37 ELITES = 2,00		

	65 Total		
		Corrected for ties	
U	W	Z	2-Tailed P
359,0	1083,0	-2,5522	,0107

- - - - - Mann-Whitney U - Wilcoxon Rank Sum W Test

P36.6
by ELITES

Mean Rank	Cases		
42,99	36 ELITES = 1,00		
44,72	51 ELITES = 2,00		

	87 Total		
		Corrected for ties	
U	W	Z	2-Tailed P
881,5	1547,5	-,3723	,7096

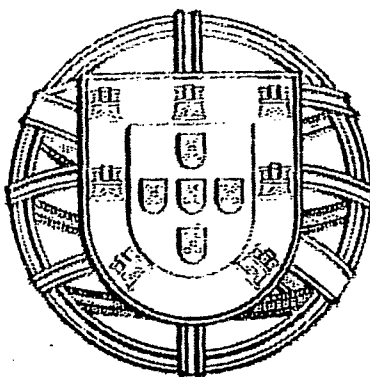
- - - - - Mann-Whitney U - Wilcoxon Rank Sum W Test

P36.7
by ELITES

Not enough cases

ANEXO Nº 10

Estatutos da Associação Cabo-Verdiana do Seixal



DIÁRIO DA REPÚBLICA

2.º SUPLEMENTO

SUMÁRIO

PARTE A

3. Diversos

Balancetes/Relatórios	3636-(9)
Associações	3636-(36)

n parte da associação pessoas singulares que tiverem sido ad- como membros, sendo da competência da assembleia geral são, suspensão e exclusão de membros.
Órgãos da associação: a) assembleia geral; b) direcção; c) consal.

conforme.

rio Notarial de Águeda, 27 de Dezembro de 1993. — O Aju-
'Assinatura ilegível.) 0-2-76 732

ASSOCIAÇÃO CABO-VERDIANA DO SEIXAL

extraída da escritura exarada de fl. 64 a fl. 65 v.º do livro
tas para escrituras diversas n.º 87-D do Cartório Notarial
ixal.

Constituição de associação

l 20 de Janeiro de 1994, no Cartório Notarial do Seixal, pm,
Filipe Pires da Fonseca, respectivo notário, comparece-
to outorgantes:

dré Duarte Moreira, casado, natural de Cabo Verde, resi-
Quinta da Charnequinha, lote 15, Foros de Amora, conce-
ixal;

é Filipe da Silva, solteiro, maior, natural de Cabo Verde,
na Rua do Professor Egas Moniz, 2, 4.º, frente, em Pai-
elho do Seixal;

ilda Virgínia Fonseca de Sá Marques Casaca, casada, na
Cabo Verde, residente na Rua de 24 de Abril, lote 53, 1.º,
a Cruz de Pau, Amora, Seixal.

unato Delgado Mendes, divorciado, natural da Ribeira
Cabo Verde, residente na cidade do Seixal, no Largo dos
ores;

l Henriques Lopes Tavares, casado, natural de Cabo Verde,
na Rua do 1.º de Maio, lote 394, cave, direito, Cruz de
ra, Seixal;

te Maria Andrade Monteiro Modesto Rocha, casada, na-
bo Verde, residente na citada Rua do Professor Egas Mo-
1.º, esquerdo;

vio de Carvalho Silva Rodrigues, solteiro, maior, natural
ca de Cabo Verde, residente na mencionada Rua do Pro-
s Moniz, 2, 4.º, frente, de nacionalidade cabo-verdiana;

avo Silva Évora, solteiro, maior, natural de Cabo Verde,
a Rua da Amizade, lote 115, Fernão Ferro, concelho do

to Assunção dos Santos, casado, natural de Cabo Verde,
a Rua de Jaime Cortesão, 14, 3.º, esquerdo, na Amora,

th Maria Santos Brito, casada, natural de Cabo Verde,
Rua de Almada Negreiros, 24, Vale de Milhaços, Cor-
elho do Seixal.

a identidade dos outorgantes pela exibição dos respec-
s de identidade, n.ºs 9960339, de 5 de Janeiro de 1993;

13 de Novembro de 1992; 10230316, de 8 de Abril de
de 15 de Junho de 1992; 8405123, de 22 de Março de

14, de 9 de Junho de 1992; 16085583, de 11 de Maio
9369, de 16 de Dezembro de 1992; 7797226, de 14 de

1993, e 9451294, de 30 de Abril de 1986, emitido o 4.º
le Segurança Pública e os restantes pelo Centro de Iden-
l e Criminal em Lisboa.

foi dito que constituem entre si uma associação com
to Associação Cabo-Verdiana do Seixal, com sede no
seixal, a qual se vai reger pelos estatutos constantes do
plementar elaborado nos termos do n.º 2 do ar-
Código do Notariado, cujo conteúdo declaram conhe-
ente e aceitar.

a certificado emitido pelo Registo Nacional de Pessoas
29 de Dezembro do ano findo de admissibilidade da
adoptada pela Associação.

nencionado documento complementar.
rgantes a leitura e explicação do conteúdo desta es-
alta, e na presença simultânea de todos, tendo-me
gantes declarado que a referida sede fica provisoria-
de Viãna da Mota, lote 403, cave, direito, Amora,

de Viãna da Mota, lote 403, cave, direito, Amora,
(Assinatura ilegível.) — O Notário, (Assinatura ilegível.)

Documento complementar, elaborado nos termos do n.º 2 do ar-
tigo 78.º do Código do Notariado.

CAPÍTULO I

Denominação, fins e sede

ARTIGO 1.º

É constituída uma associação de carácter social e cultural que
adopta a denominação de Associação Cabo-Verdiana do Seixal, com
sede no concelho do Seixal, que se rege pelos presentes estatutos e
regulamentos.

ARTIGO 2.º

1 — A Associação durará por tempo indeterminado, a contar da
data da sua constituição.

2 — A Associação pode filiar-se na Federação das Associações
Cabo-Verdianas.

ARTIGO 3.º

Constituem objectivos e fins da Associação:

a) Congregar os cabo-verdianos residentes no concelho, tendo em
vista uma convivência fraterna, em permanente contacto com as rea-
lidades de Cabo Verde;

b) Actuar no seio da comunidade cabo-verdiana, contribuindo para
um melhor enquadramento social e comunitário em Portugal;

c) Estabelecer relações de intercâmbio e de solidariedade com ins-
tituições congéneres;

d) Promover e apoiar acções de carácter social, recreativo, despor-
tivo, cultural e educativo.

ARTIGO 4.º

Na prossecução dos fins, a Associação deve manter uma atitude
de rigorosa independência e não pode servir objectivos políticos ou
religiosos.

ARTIGO 5.º

O património da Associação é constituído por:

a) Quotas e jóias dos associados, cujo montante será determinado
em assembleia geral;

b) Subsídios ou donativos de organizações ou entidades oficiais e
privadas;

c) Rendimentos dos bens ou valores de que seja titular;

d) Todas as receitas que sejam permitidas por lei;

e) Bens e imóveis de outra natureza adquiridos a título gratuito
ou generoso.

CAPÍTULO II

Órgãos sociais

ARTIGO 6.º

São órgãos da Associação:

a) Assembleia geral;

b) Direcção;

c) Conselho fiscal.

Da assembleia geral

ARTIGO 7.º

A assembleia geral é o órgão soberano da Associação, é consti-
tuída por todos os sócios em pleno gozo dos seus direitos e deverá
ser convocada por meio de aviso postal, expedido para cada um dos
seus associados com a antecedência mínima de oito dias.

ARTIGO 8.º

A mesa da assembleia geral compõe-se de:

a) Um presidente;

b) Um vice-presidente;

c) Um secretário.

Da direcção

ARTIGO 9.º

A administração da Associação será exercida por uma direcção,
composta por:

a) Um presidente;

b) Um vice-presidente;

c) Um 1.º secretário e um 2.º secretário;

d) Um tesoureiro;

e) Dois vogais.

ARTIGO 10.º

As deliberações da direcção só serão válidas se forem tomadas por maioria de votos dos seus membros presentes na reunião, cabendo voto de qualidade ao presidente.

Do conselho fiscal

ARTIGO 11.º

O conselho fiscal é composto por:

- a) Um presidente;
- b) Dois vogais.

CAPÍTULO III

Fusão e dissolução

ARTIGO 12.º

A fusão da Associação com outros organismos só poderá concretizar-se mediante deliberação da assembleia geral expressamente invocada para esse feito, desde que aprovada por dois terços dos associados presentes.

ARTIGO 13.º

1 — Em caso de dissolução da Associação, os fundos serão destinados a uma associação ou instituição cabo-verdeana similar nos seus fins e meios.

2 — A comissão liquidatária da Associação será composta por dois membros da direcção, o presidente do conselho fiscal e dois sócios eleger em assembleia geral, que se encarregarão de apurar a situação da Associação.

ARTIGO 14.º

Para casos omissos nos estatutos vale o disposto nos regulamentos e na lei em vigor.

(Assinaturas ilegíveis.) — O Notário, (Assinatura ilegível.)

Está conforme o original.

Cartório Notarial do Seixal, 20 de Janeiro de 1994. — A Escritora Superior, (Assinatura ilegível.) 1-2-3668

PIONEIROS DO SEIXAL — CLUB DE BASEBOL E SOFTBOL

Certifico que, por escritura de hoje, lavrada de fl. 75 v.º a 76 v.º do livro de notas n.º 131-F do 2.º Cartório Notarial de Almada, a cargo da notária licenciada Maria Luísa Vieira Elvas da Silva, foi constituída uma associação com a denominação em epígrafe, com sede provisória na Escola Secundária n.º 2 do Seixal (Alto Cavadas), freguesia de Arrentela, concelho do Seixal, a qual tem objecto a promoção cultural dos seus associados nas suas disciplinas desportiva e recreativa, nomeadamente pela prática do *basebol* e *softbol*.

Podem associar-se todos os indivíduos que se inscrevam e aceitem estatutos e regulamentos.

Os sócios só podem ser excluídos por falta grave, apreciada pela direcção e após ratificação da assembleia geral.

Está certificado que fiz extrair e está conforme.

Cartório Notarial de Almada, 14 de Dezembro de 1993. — A Escritora, Maria Benvinda Estêvão Dias. 0-2-77 116

JUVENTUDE DESPORTIVA DA ALDEIA NOVA

Certifico que, por escritura de 9 do corrente, iniciada a fl. 70 do livro n.º 103-E do Cartório Notarial de Espinho, a cargo do notário Domingos António de Sousa Ferreira, foi constituída a associação em epígrafe, que se rege pelos artigos seguintes:

CAPÍTULO I

Denominação, constituição, sede, fins e meios

ARTIGO 1.º

A associação adopta a denominação Juventude Desportiva da Aldeia Nova, adiante designada por JDAN, criada por tempo indeterminado, é uma associação cultural e desportiva e rege-se pelos seus estatutos e pelos regulamentos que posteriormente vierem a ser elaborados pela direcção e aprovados pela assembleia geral.

ARTIGO 2.º

A sua sede é no lugar de Esmojães, freguesia de Anta, do concelho de Espinho, podendo ser transferida para qualquer outro lugar da mesma freguesia de Anta, mediante deliberação da direcção e a assembleia geral o tenha como conveniente para a prossecução dos fins associativos.

ARTIGO 3.º

Os fins da JDAN são a prática de todo o desporto, em particular o futebol amador, bem como outras actividades recreativas de ocupação dos tempos livres.

ARTIGO 4.º

Constituem receitas da JDAN, as jóias e as quotas pagas pelos associados mensalmente, os subsídios, doações, heranças, legados e participações que lhe sejam atribuídos, rendimentos de bens próprios da colectividade ou capitais próprios.

CAPÍTULO II

Associados

ARTIGO 5.º

1 — Podem ser associados todos os indivíduos que se inscrevam e aceitem os estatutos e regulamentos. Os associados podem exonerar-se a qualquer momento, desde que liquidem as suas dívidas para com a associação até à data da sua exoneração e só podem ser excluídos por falta grave apreciada pela direcção, e após ratificação pela primeira reunião da assembleia geral.

2 — Os associados obrigam-se ao pagamento de uma jóia inicial e de uma quota mensal, a estabelecer pela assembleia geral, e alteráveis por deliberação também da assembleia geral.

Está conforme ao original.

Cartório Notarial de Espinho, 9 de Dezembro de 1993. — A Escritora Superior, (Assinatura ilegível.) 0-2-77 117

GRUPO DE TEATRO DE PASSOS DE SILGUEIROS

Certifico que de fl. 19 a fl. 20 v.º do livro de notas para escrituras diversas n.º 45-F do 1.º Cartório Notarial de Viseu, a cargo do notário Rui Figueiredo Jorge Branco, se encontra exarada uma escritura de constituição de associação, na qual se constituiu a associação denominada Grupo de Teatro de Passos de Silgueiros, com sede no lugar de Passos, freguesia de Silgueiros, concelho de Viseu, cujo objecto específico é a realização de espectáculos e outras actividades, culturais e recreativas, ligadas à arte teatral e afins, com vista ao seu desenvolvimento local e regional, a qual terá duas categorias de associados:

a) Honorários — as pessoas que através de serviços ou donativos dêem contribuição especialmente relevante para a realização dos fins da instituição, como tal reconhecida e proclamada pela assembleia geral;

b) Efectivos — as pessoas que se proponham colaborar na realização dos fins da associação, obrigando-se ao pagamento de uma jóia e de uma quota mensal, nos montantes fixados pela assembleia geral.

Está conforme.

1.º Cartório Notarial de Viseu, 23 de Julho de 1993. — A Ajudante, Maria de Lurdes Ferreira Lourenço Albuquerque. 0-2-77 118

FUNDAÇÃO DR. PASSOS ANGELO

Cópia extraída da escritura lavrada a fls. 33 v.º e 34 do livro n.º 244-E de escrituras diversas do 1.º Cartório Notarial de Lisboa.

Fundação

No dia 23 de Fevereiro de 1993, no 1.º Cartório Notarial de Lisboa, perante mim, licenciada Zulmira da Natividade Martins Neto Lino da Silva, respectiva notária, compareceram:

1.º Dr. Ernesto Syder de Passos Angelo, casado, natural de São Sebastião da Pedreira, Lisboa, residente na Avenida de António Augusto de Aguiar, 58, 3.º, direito, Lisboa;

2.º Vera Félix Rodrigues de Passos Angelo, solteira, maior, natural de São João de Brito, Lisboa, residente na Avenida de António Augusto de Aguiar, 58, 3.º, direito, Lisboa;

3.º Sandra Félix Rodrigues de Passos Angelo, solteira, maior, natural de São João de Brito, Lisboa, residente com os anteriores.

ANEXO Nº 11

**Regulamento Interno da Associação Cabo-
-Verdiana do Seixal**

A. C. V. S.

Associação Cabo-Verdiana do Seixal

REGULAMENTO

Capítulo I

Associados, Direitos e Deveres

Artigo 1º

Podem candidatar-se a sócios, pessoas residentes ou não no concelho, independentemente da sua ideologia política, raça e religião, desde que se identifiquem com os objectivos da Associação.

Artigo 2º

Os sócios compreenderão as seguintes categorias:

1. Efectivos - todos os sócios oriundos de Cabo Verde ou seus descendentes.
2. Auxiliares - os sócios que não sejam oriundos de Cabo Verde nem descendentes de cabo-verdianos.
3. Correspondentes - os sócios com residência habitacional fora de Portugal.
4. Honorários - todos os indivíduos ou entidades que tenham prestado serviços relevantes à Associação, à comunidade cabo-verdiana, ou que se tenham distinguido pelo seu contributo para a valorização e desenvolvimento de Cabo Verde.

Artigo 3º

- 1 - A admissão de sócios efectivos, auxiliares e correspondentes é da competência da Direcção.
- 2 - As propostas para a admissão de sócios serão devidamente preenchidas e assinadas pelo proposto e pelo proponente, devendo este ser um sócio efectivo em pleno gozo dos seus direitos.
- 3 - O novo sócio deverá pagar a primeira quota logo após ter recebido da Direcção a comunicação da sua admissão.
- 4 - A eleição do sócio honorário é da competência da Assembleia Geral, sob proposta da Direcção.

Capítulo II

Regime disciplinar

Artigo 7º

Qualquer associado pode, em qualquer momento, pedir a sua demissão mediante carta dirigida à Direcção da Associação, com antecedência mínima de 30 (trinta) dias.

Artigo 8º

Perdem automaticamente a qualidade de associados os que injustificadamente deixem de efectuar o pagamento das quotas, durante 3 (três) meses consecutivos, tratando-se de sócios residentes em Portugal e 6 (seis) meses nos outros casos ou que se recusem a pagar as taxas referidas na alínea c) do artigo 5º.

Artigo 9º

Os associados referidos no artigo 8º podem ser readmitidos na Associação, por deliberação da Assembleia Geral, desde que efectuem o pagamento das quotas ou taxas em atraso.

Artigo 10º

Os associados que incorram em violação grave e culposa das disposições estatutárias e ainda os que por actuação culposa causem prejuízos à Associação podem ser excluídos por deliberação da Assembleia Geral, sob proposta da Direcção.

Artigo 11º

A exclusão de Associado obriga a Direcção à organização de um processo disciplinar sumário, durante o qual deve ser dado ao visado a oportunidade de se defender das acusações contra si formuladas, bem como apresentar testemunhas de defesa à presidência da Assembleia Geral.

ARTIGO 4º

1. São direitos dos associados:

- a) Participar e votar em todas as Assembleias Gerais ;
- b) Eleger e ser eleito para os corpos sociais
- c) Participar nas reuniões da Assembleia Gerais;
- c) Participar activamente em toda a vida associativa , designadamente no exame da escrituração e contas da Associação;
- d) Requerer com outros sócios , em número não inferior a 30 (trinta) , a convocação da Assembleia Geral;
- e) Reclamar junto da Direcção , com urbanidade , contra irregularidades ou actos de indisciplina ou in correcção particular de sócios ou pessoas ou serviços da Associação;
- f) Apresentar à Direcção sugestões tendentes ao aperfeiçoamento de serviços da Associação ou que de qualquer modo possam contribuir para o progresso da mesma ;
- g) Frequentar a sede social , participar nas realizações promovidas pela Associação e utilizar os vários serviços de conformidade com os regulamentos existentes ,
- h) Propor sócios nas condições previstas neste estatuto;
- i) Apresentar listas de candidaturas para os órgãos sociais.

Parágrafo Único - Os sócios auxiliares, correspondentes e honorários não podem votar , eleger e serem eleitos , nem gozam dos prerrogativos das alíneas c) e d) deste artigo .

ARTIGO 5º

1. Constituem deveres dos Associados:

- a) Cumprir e fazer cumprir todas as disposições dos presentes estatutos , bem assim as deliberações de qualquer dos órgãos da Associação ;
- b) Participar nas actividades da Associação ;
- c) Pagar a quota fixada pela Assembleia Geral bem como as taxas de qualquer acção de que sejam beneficiários a fim de garantir a pressecução dos fins da Associação ;
- d) Exercer gratuitamente , com competência e zelo , os cargos para que ajam sido propostos ou nomeados , e as tarefas que lhes sejam confiadas ;
- e) Participar nas reuniões da Assembleia e demais reuniões dos corpos sociais para que foi eleito , e dos órgãos associativos para que foi nomeado ;
- f) Contribuir para o bom nome , prestígio , engrandecimento e progresso da Associação .

ARTIGO 6º

1. São deveres dos sócios honorários :

- a) Cumprir as prescrições dos presentes estatutos , assim como as deliberações dos órgãos da Associação ;
- b) Abster-se de exercer qualquer actividade contrária aos interesses da Associação e seus Associados .

CAPÍTULO III

ORGÃOS SOCIAIS

ARTIGO 12º

- 1- O mandato dos corpos sociais é de 2 (dois) anos, sendo permitida a reeleição.
- 2 -Qualquer membro dos corpos sociais pode ser substituído, em qualquer altura, em Assembleia convocada por proposta de pelo menos 30 (trinta) sócios em pleno uso dos seus direitos associativos.
- 3- Em casos de vacatura do cargo de Presidente de qualquer dos órgãos, as respectivas funções serão temporariamente assumidas pelos Vice-Presidentes, ou pelo Vogal, conforme se trata da Assembleia Geral, da Direcção ou Conselho-Fiscal, respectivamente, até que a Assembleia Geral designe outros associados para preencher o cargo até ao fim do mandato.

Parágrafo Único - Das reuniões dos órgãos sociais será sempre lavrada em acta, que deverá ser assinada pelo Presidente e pelo secretário, e as actas das Assembleias gerais serão assinadas pelos membros da mesa presentes.

DA ASSEMBLEIA GERAL

ARTIGO 13º

À Assembleia Geral compete:

- a) Eleger e destituir os membros dos Órgãos Sociais;
- b) Apreciar e votar anualmente o balanço, o relatório e as contas da Direcção, bem como parecer do Conselho Fiscal;
- c) Apreciar e votar o orçamento e o plano de actividades para o exercício seguinte;
- d) Alterar os estatutos e aprovar e alterar os regulamentos internos propostos pela Direcção;
- e) Decidir sobre a readmissão e exclusão dos associados;
- f) Resolver todos os casos que a Direcção submeter ao seu critério e deliberação;
- g) Fixar o valor das quotas e das taxas a que se refere a alínea c) do artigo 5º;
- h) Deliberar sobre a extinção da Associação;

ARTIGO 14º

A Assembleia Geral reunirá ordinariamente uma vez por ano, com a maioria absoluta dos seus associados e uma hora depois da hora inicialmente marcada, com qualquer número de sócios.

ARTIGO 15º

A Assembleia Geral reúne extraordinariamente:

a) A pedido da Direcção;

b) A pedido do Conselho Fiscal;

c) A requerimento de pelo menos 30 (trinta) membros da Associação.

ARTIGO 16º

Compete ao Presidente da mesa da Assembleia Geral:

a) Zelar pelo cumprimento dos estatutos e regulamentos;

b) Convocar as reuniões da Assembleia Geral e propor a ordem do dia;

c) Dar posse aos órgãos sociais da Associação.

ARTIGO 17º

Compete ao secretário redigir e assinar as actas das sessões e fazer todo o expediente da mesa.

DA DIRECÇÃO

ARTIGO 18º

Compete à Direcção:

a) Requerer a convocação da Assembleia Geral sempre que considere necessário ou conveniente;

b) Elaborar anualmente relatórios e contas referentes às actividades do ano anterior e submetê-los ao parecer do Conselho Fiscal e a apreciação da Assembleia Geral;

c) Alienar, adquirir ou trocar bens da Associação;

d) Admitir sócios;

e) Criar comissões e grupos de trabalho;

f) Promover a atribuição de sócios honorários;

g) Elaborar todos os regulamentos ou instruções necessários ao bom funcionamento da Associação, bem como o programa de acção;

h) Assinar como representante da Associação e por intermédio do seu Presidente em exercício os instrumentos públicos e certidões públicas em que a Associação tenha que interpor;

i) Representar a Associação em juízo e fora dele.

ARTIGO 19º

1- A Direcção reúne ordinariamente, duas vezes por mês e extraordinariamente, sempre que convocado pelo Presidente.

2- De todas as reuniões será lavrada uma acta.

ARTIGO 20º

Para obrigar a Associação, são bastantes as assinaturas conjuntas do Presidente e do tesoureiro ou assinaturas conjuntas de 3 (três) membros da Direcção.
Nas operações financeiras são obrigatórias as assinaturas do Presidente e do tesoureiro.

ARTIGO 21º

Compete ao Presidente da Direcção :

- a) Representar ou fazer representar em todas os actos ou solenidades para que a Associação for convidada;
- b) Ser porta-voz da Associação, competindo-lhe ainda representá-la judicial e extra-judicialmente e assegurar o bom funcionamento da Associação;
- c) O poder de delegar noutros membros da Direcção as funções referidas nas alíneas a) e b) deste artigo.

ARTIGO 22º

Compete ao Secretário :

- a) Redigir as actas e as correspondências da Direcção, assinando aquela que for de mero expediente;
- b) Assinar todos os demais documentos que requeiram a sua assinatura ;
- c) Dirigir a escrituração e ter a secretaria sempre em ordem ;
- d) Zelar pela execução das resoluções da Associação.

ARTIGO 23º

Compete ao tesoureiro:

- a) Promover a cobrança e os depósitos das quotas e outras receitas permitidas na lei;
- b) Manter actualizada cada escrituração das receitas e despesas;
- c) Superintender todos os actos e serviços da contabilidade e tesouraria .

ARTIGO 24º

As competências dos restantes membros da Direcção serão definidas na 1º (primeira) reunião da Direcção.

Do Conselho Fiscal

Artigo 25º

1 - O Conselho Fiscal é constituído por:

- a) Um Presidente;
- b) Dois Vogais.

2 - O Conselho Fiscal é o órgão de controle e fiscalização da Associação, incumbindo-lhe designadamente:

- a) Examinar, sempre que for conveniente, a escrita e toda a documentação da Associação;
- b) Emitir parecer sobre o relatório e contas do exercício;
- c) Requerer a convocação extraordinária da Assembleia quando se manifestar aconselhável;
- d) Assistir as reuniões da Direcção sempre que tal se justifique ou por solicitação desta.

Capítulo IV

Dos bens

Artigo 26º

1 - O património da Associação é constituído por:

- a) Quotas e jóias dos associados;
- b) Subsídios ou donativos de organizações ou entidades oficiais e privadas, e quaisquer outras pessoas que queiram contribuir para a prossecução dos fins da Associação;
- c) Rendimentos dos bens ou valores de que seja titular;
- d) Todas as receitas que ejam permitidas por lei;
- e) Bens e imóveis e / ou outra natureza adquiridos a título gratuito ou generoso.

Capítulo V

Fusão e Dissolução

Artigo 27º

A fusão da Associação com outros organismos só poderá concretizar-se mediante deliberação da Assembleia Geral expressamente convocada para esse efeito, desde que aprovada por dois terços dos associados presentes.

Artigo 28º

- 1 - Em caso de dissolução da Associação, os fundos serão destinados a uma associação ou instituição similar nos seus fins e meios.
 - 2 - A comissão liquidatória será composta por dois membros da Direcção, o Presidente do Conselho Fiscal e dois sócios a eleger na Assembleia Geral que se encarregarão de apurar a situação líquida da Associação.
-

Artigo 29º

Os casos omissos neste regulamento serão resolvidos em Assembleia Geral extraordinária convocada para esse fim.

ANEXO Nº 12

**Estatuto da Associação dos Antigos Alunos do
Ensino Secundário de Cabo-Verde**

el Martins dos Santos d'Assunção, foi constituída uma associação denominada Associação de Caça e Pesca do Azinhal, que tem fim o exercício da caça e pesca, a protecção das espécies e o envolvimento cultural e desportivo da freguesia e tem a sua sede reguesia de Azinhal, deste concelho. São associados quaisquer dores e amigos e todos os indivíduos naturais, residentes e não entes, mas estes últimos só quando ligados à localidade por laços liares através dos cônjuges, ascendentes ou descendentes, que o tal se inscrevam e accitem os estatutos. Os seus direitos e deveronstarão de regulamento interno, a aprovar pela assembleia geral. órgãos da Associação a assembleia geral, a direcção e o conseliscal. Todas as omissões destes estatutos serão regidas pelo reguamento interno, cuja aprovação e alterações serão da competência assembleia geral.

Está conforme o original.

Cartório Notarial de Almeida, 15 de Junho de 1987. — O Ajudante, *José dos Santos Correia*. 1-1-8328

ASSOCIAÇÃO ALBICASTRENSE DE CAÇA, PESCA E TIRO

Moreira Naré, ajudante da Secretaria Notarial de Castelo Branco, em serviço no 1.º Cartório:

Artifica que, por escritura de 5 de Junho de 1987, lavrada de l v.º a fl. 35 do livro de notas para escrituras diversas n.º 507-B.º Cartório desta Secretaria Notarial, a cargo do notário licenciado Amílcar Cavalheiro Manso, foi constituída uma associação com nominação de Associação Albicastrense de Caça, Pesca e Tiro, tem a sua sede em Castelo Branco, provisoriamente na Rua do rei-ro, 20, 3.º, e tem por fins principais:

- O exercício da caça e da pesca desportiva;
- O exercício do tiro a chumbo e à bala desportiva;
- O fomento cinegético e piscícola;
- O fomento do tiro desportivo;
- O fomento e a prática da caça de altanaria (com ave de presa);
- O fomento e a prática de tiro com arco e flecha;
- O fomento e a organização de montarias (caça grossa);
- Exposições caninas e concursos de pesca desportiva.

que estes estatutos sejam omissos regulará a lei e o regulamento no, elaborado pela direcção, cuja aprovação e alteração são da etência da assembleia geral.

Está conforme o original.

Secretaria Notarial de Castelo Branco, 12 de Junho de 1987. — judante, *João Moreira Naré*. 1-1-8325

ASSOPS — ASSOCIAÇÃO DE PASSOS DE SILGUEIROS

Artifico que, por escritura de 19 de Junho do ano corrente, da de fl. 85 a fl. 86 do livro n.º 699-C, do 1.º Cartório Notale Viseu, a cargo do notário Dr. Rui Figueiredo Jorge Branco, ocação denominada Rancho Folclórico de Passos de Silguei-com sede no lugar de Passos, freguesia de Silgueiros, deste con-, portadora do cartão de pessoa colectiva n.º 500805032, alte-totalmente os seus estatutos, tendo ficado a denominar-se OPS — Associação de Passos de Silgueiros, com sede no refe-lugar de Passos, passou a ser uma instituição particular de soli-dade social e o seu âmbito de acção abrange a freguesia de Sil-os, deste concelho de Viseu. A Associação tem por objectivos: Apoio à população da sua área de intervenção, nomeadamente incia, juventude e terceira idade, nos domínios recreativo, for-o, cultural e social; Pesquisa, recolha, defesa, estudo e divulgação de todas as for-a herança cultural popular da sua região; a realização dos seus objectivos, a instituição propõe-se criar nter:

- Actividades de tempos livres;
 - Um centro de dia;
 - Um jardim-de-infância;
 - Um grupo folclórico, com a denominação de Rancho Folcló-le Passos de Silgueiros.
- Associação podem ser associados pessoas singulares maiores anos e as pessoas colectivas.
- sócios que deixarem de pagar pontualmente as suas quotas, de trecer às reuniões da assembleia geral, de observar as disposi-tatutárias, os regulamentos e as deliberações dos corpos geren-e desempenhar com zelo, dedicação e eficiência os cargos para rem eleitos ficam sujeitos às seguintes sanções: repreensão, sus-de direitos até 360 dias e demissão.

São demitidos de sócios os que por actos dolosos tenham prejudi-cado materialmente a Associação.

A demissão é sanção da exclusiva competência da assembleia geral, sob proposta da direcção e a suspensão de direitos não desobriga do pagamento da quota.

Perdem a qualidade de associado os que pedirem a sua exonera-ção, os que deixarem de pagar as suas quotas durante três meses e os que forem demitidos nos termos do n.º 2 do artigo 11.º dos estatutos.

Está conforme o original.

1.º Cartório Notarial de Viseu, 22 de Junho de 1987. — O Aju-dante, *Fernando Emílio Marques*. 1-1-8323

ASSOCIAÇÃO DE AGRICULTORES PRODUTORES DE LEITE DA GRANJA DO JARMELO

Certifico que, por escritura de 2 do corrente mês, lavrada no Car-tório Notarial da Guarda e exarada a fls. 81 v.º e seguintes do livro de notas para escrituras diversas n.º 34-E, foi constituída uma asso-ciação com a denominação em epígrafe, que tem a sua sede no lugar da Granja, freguesia de São Pedro de Jarmelo, deste concelho, e por objecto a instalação e utilização de equipamento, de ordenha mecânica e ou de refrigeração de leite, bem como a promoção e apoio das actividades agro-pecuárias dos seus associados.

Cartório Notarial da Guarda, 3 de Junho de 1987. — A Ajudante, *Maria Máxima Soares Gonçalves Valente*. 1-1-8322

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ALUNOS DO ENSINO SECUNDÁRIO DE CABO VERDE

Certifico que, por escritura de 18 de Maio do ano em curso, lavrada a fls. 15 v.º e 16 do livro de notas n.º 59-F do 14.º Cartó-rio Notarial de Lisboa, a cargo do notário licenciado Manuel Gon-çalves Pereira, foi constituída uma associação que se rege pelo seguinte:

CAPÍTULO I

Constituição, denominação e sede

ARTIGO 1.º

É constituída por tempo indeterminado uma associação de carác-ter social, cultural, recreativo e desportivo denominada Associação dos Antigos Alunos do Ensino Secundário de Cabo Verde, adiante designada por Associação, a qual se regerá pelas normas do presente estatuto e do regulamento interno.

ARTIGO 2.º

A associação tem a sua sede provisória em Lisboa, na Estrada de Benfica, 627, 6.º, frente, freguesia de Benfica.

ARTIGO 3.º

Mediante simples deliberação da assembleia geral, a Associação poderá mudar a sua sede dentro da mesma localidade.

CAPÍTULO II

Dos objectivos

ARTIGO 4.º

A Associação propõe-se realizar como objectivos principais os seguintes: protecção e auxílio moral e material aos sócios, assistên-cia às famílias dos antigos estudantes do ensino secundário de Cabo Verde, promoção de reuniões de convívio e intercâmbio cultural entre associados e seus familiares e divulgação da cultura, nomea-damente a cabo-verdiana e portuguesa, mediante publicações, con-ferências, exposições, saraus artísticos e criação de uma biblioteca. Os objectivos de carácter recreativo serão prosseguidos mediante orga-nização de festas, espectáculos, excursões ou quaisquer outras reali-zações que possam contribuir para manter e fortalecer os laços de solidariedade e amizade entre todos os antigos alunos do ensino secun-dário de Cabo Verde.

ARTIGO 5.º

A Associação realiza os seus objectivos sociais mediante as activi-dades seguintes, entre outras:

- 1) Apoio moral e material a todos os associados comprovadamente necessitados;

- 2) Assistência às famílias dos amigos emigrantes, principalmente no caso de morte de qualquer um dos emigrantes, através de subsídios das entidades públicas ou privadas que possam ajudar a melhorar compreensão e inserção de cidadãos de origem cabo-verdiana no seio da comunidade portuguesa, em especial dos menos privilegiados;
- 3) Fomento e promoção profissional, socializada e a nível da comunidade, dos deserdados que hajam regressado das antigas colónias, com o objectivo de lhes facilitar a obtenção de emprego;
- 5) Assistência médica através de um consultório em instalações próprias ou em estabelecimentos que queiram aderir a essa finalidade;
- 6) Dinamização de quaisquer outras iniciativas para apoio social, principalmente dos associados.

ARTIGO 6.º

Os principais objectivos de carácter cultural serão os seguintes:

1) Fomento, através do contacto e intercâmbio cultural entre associados, e seus familiares;

2) Dar a conhecer e divulgar a cultura, nomeadamente a cabo-verdiana e a portuguesa, não só entre os associados e cidadãos cabo-verdianos em geral, como ainda, no seio da população portuguesa, mediante publicações, conferências, exposições, saraus artísticos e criação de uma biblioteca.

ARTIGO 7.º

Os objectivos de carácter recreativo e desportivo serão prosseguidos mediante organização de festas, espectáculos, excursões ou quaisquer outras realizações que possam contribuir para manter e fortalecer os laços de solidariedade e amizade entre todos os sócios.

CAPÍTULO III

Dos sócios e suas categorias

ARTIGO 8.º

Haverá as seguintes categorias de sócios:

- Fundadores;
- Efectivos;
- Extraordinários;
- Beneméritos;
- Honorários.

1. — Sócios fundadores — os sócios efectivos e extraordinários inscritos até à realização da assembleia geral constituinte.
2. — Sócios efectivos — os antigos alunos dos seguintes estabelecimentos de ensino: seminários, Liceu do Infante D. Henrique, Liceu de Gil Eanes, Liceu de Adriano Moreira e escolas técnicas, bem como os antigos professores dos mesmos estabelecimentos.
3. — Sócios extraordinários — os indivíduos que, não obstante o facto de se encontrarem excluídos da categoria de antigos alunos, tenham de algum modo contribuído para o desenvolvimento da cultura em Cabo Verde e ainda os que, independentemente desse facto, possam ser considerados como sendo de real interesse para a vida da Associação em qualquer área da sua actividade.
4. — Sócios beneméritos — todos os que, através de donativos, tenham contribuído para o enriquecimento do património da Associação.

de algum modo hajam contribuído para a realização do programa da Associação e da cultura cabo-verdiana.

Está conforme.

14.º Cartório Notarial de Lisboa, 1 de Junho de 1987. — O Ajudante. (Assinatura ilegível.)

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE TRIALTO

Certifico que, por escritura de 26 de Maio findo, lavrada de fl. 16 a fl. 18 do livro de notas para escrituras diversas n.º 186-D do 12.º Cartório Notarial de Lisboa, a cargo da notária licenciada Lídia Rodrigues Maia Dreyse, foi constituída uma Associação com a denominação em epígrafe e sede em Lisboa, na Rua do Tribunal de Mafra, 70, 2.º freguesia de São Torze de Arroios, constando dos respectivos estatutos que a sua duração é por tempo indeterminado, que tem por objecto a dinamização e organização do desporto de triatlo em Portugal, através da promoção de actividades e iniciativas e a defesa dos interesses dos seus praticantes, que pode ser sócio da Associação qualquer indivíduo ou pessoa colectiva, independentemente da nacionalidade, sexo, raça ou idade, que cumpra os estatutos e os regulamentos em vigor, e que perde a qualidade de associado o que não cumpra os estatutos e os regulamentos em vigor.

Está conforme.

12.º Cartório Notarial de Lisboa, 3 de Junho de 1987. — A Terceira-Ajudante, Maria Antonieta Cordeiro da Silva Sucena. 4-0-5008

ASFOR — ASSOCIAÇÃO EMPRESARIAL PARA FORMAÇÃO E INOVAÇÃO TECNOLÓGICA

Certifico que, por escritura de 30 de Junho último, exarada de fl. 87 a fl. 88 do livro n.º 270-A das notas do 16.º Cartório Notarial de Lisboa, a cargo do notário licenciado Fernando Lopes Correia Semedo, foi constituída a associação com a denominação em epígrafe, tem a sua sede em Lisboa, na Rua do Comércio, 28, 2.º; a sua duração é por tempo indeterminado, o seu objecto é a organização de actividades de formação profissional, desenvolvidas nomeadamente nas próprias empresas associadas e que sejam consideradas pela Associação de acordo com os programas quadro, pela mesma aprovados para o efeito, como relevantes para o desenvolvimento da capacidade tecnológica; organização de actividades técnicas, económicas e de investigação susceptíveis de contribuir para o planeamento, desenvolvimento sectorial e conhecimento do impacte de decisões e medidas técnicas e económicas;

Há quatro categorias de associados: fundadores, efectivos, auxiliares e honorários; os associados que infringjam alguma das obrigações ou deveres prescritos nos estatutos, nos regulamentos internos ou deliberações dos corpos gerentes serão punidos com as seguintes sanções:

- a) Advertência;
- b) Repreensão registada;
- c) Suspensão dos direitos associativos;
- d) Exclusão.

Está conforme.

16.º Cartório Notarial de Lisboa, 6 de Julho de 1987. — O Terceiro-Ajudante, António da Cunha Fernandes Claro. 1-0-13 809

LIVROS DA IMPRENSA NACIONAL

IMPRENSA NACIONAL - CASA DA MOEDA

ANEXO Nº 13

**Estatuto de Utilidade Pública da Associação dos
Antigos Alunos de Ensino Secundário de
Cabo-Verde**

ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

Secretário-Geral

so. — Nos termos do art. 33.º do Dec.-Lei 498/88, de 30-12, público que a lista de classificação final, devidamente homologada, dos candidatos admitidos ao concurso interno geral para preenchimento de lugares de guarda-nocturno do quadro de pessoal da Assembleia da República, aberto por aviso publicado no DR, 2.ª, de 25-3-95, se encontra afixada, para consulta, no Edifício dos Arquivos, sito na Avenida de D. Carlos I, 128, em Lisboa.

7-95. — O Secretário-Geral, *Luís Madureira*.

Rectificação. — Por ter sido publicada com inexactidão no DR, 1.ª, de 26-7-95, a nomeação de um auxiliar administrativo para o quadro de pessoal da Assembleia da República, rectificando-se que se lê «Ana Cristina Vilela Oliveira Martins» deve ler-se «Ana Cristina Vilela Oliveira Matias».

7-95. — O Secretário-Geral, *Luís Madureira*.

RESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS

GABINETE DO PRIMEIRO-MINISTRO

sp. 46/95. — O Grupo Folclórico de Taveiro pretende deslocar-se à Bélgica, no período entre 15 e 23-8-95, para participar no 1.º Encontro Internacional de Folclore, que terá lugar na cidade de Namur, tendo em vista o significado cultural e artístico da deslocação, e o interesse do Governo que se justifica plenamente a adopção de providências que possibilitem a participação dos elementos que sejam membros do Estado.

De modo, determino que os responsáveis pelos departamentos administrativos de que dependem os funcionários que integram o Grupo Folclórico de Taveiro considerem os mesmos em exercício das funções durante o período da deslocação.

7-95. — O Primeiro-Ministro, *Aníbal António Cavaco Silva*.

sp. 47/95. — A Camerata Vocal de Torres Vedras pretende deslocar-se à Alemanha, no período entre 30-8 e 13-9-95, para participar no 1.º Encontro Internacional de Cantores de Torres Vedras, que terá lugar na cidade de Büttel.

De modo, determino que os responsáveis pelos departamentos administrativos de que dependem os funcionários que integram a Camerata Vocal de Torres Vedras considerem os mesmos em exercício das funções durante o período da deslocação.

7-95. — O Primeiro-Ministro, *Aníbal António Cavaco Silva*.

sp. 48/95. — O Grupo Coral de Proença-a-Nova pretende deslocar-se ao Brasil, no período entre 20 e 29-9-95, para participar no 1.º Encontro Internacional de Coros de Cabo Frio.

De modo, determino que os responsáveis pelos departamentos administrativos de que dependem os funcionários que integram o Grupo Coral de Proença-a-Nova considerem os mesmos em exercício das funções durante o período da deslocação.

7-95. — O Primeiro-Ministro, *Aníbal António Cavaco Silva*.

Secretaria-Geral

Rectificação. — Nos termos do art. 3.º do Dec.-Lei 460/77, de 26-7-95:

Grupo Folclórico de Barcelinhos, com sede em Barcelinhos, Barcelos;

→ Associação dos Antigos Alunos do Ensino Secundário de Cabo Verde, com sede em Lisboa;
Sociedade Recreativa, Desportiva e Familiar de São João das Lampas, com sede em São João das Lampas, Sintra.

1-8-95. — O Secretário-Geral, *França Martins*.

Serviço Nacional de Protecção Civil

Por despacho de 3-7-95 do presidente do Serviço Nacional de Protecção Civil:

Artur Francisco Neves Freira, chefe de secção do quadro de pessoal deste Serviço — nomeado, em regime de substituição, por urgente conveniência de serviço, chefe de repartição do Serviço Nacional de Protecção Civil, com efeitos a partir de 3-7-95 e enquanto durar a vacatura do lugar. (Não carece de fiscalização prévia do TC.)

28-7-95. — O Presidente, *Francisco Alberto Cabral Couto*, general.

Arquivos Nacionais/Torre do Tombo

Por despachos do director dos Arquivos Nacionais/Torre do Tombo, de 8-5-95:

Maria Adelaide dos Anjos Matos de Araújo, ajudante de cozinha do quadro de vinculação distrital de Vila Real, com afectação à Esc. Sec. de São Pedro, em Vila Real — nomeada, precedendo concurso, em comissão de serviço, por um ano, servente do quadro de pessoal da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Vila Real.

Maria da Conceição Vieira Lopes Castanheira, ajudante de cozinha do quadro de vinculação distrital de Vila Real, com afectação à Escola do 2.º e 3.º Ciclos Diogo Cão, em Vila Real — nomeada, precedendo concurso, em comissão de serviço, por um ano, servente do quadro de pessoal da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Vila Real.

(Visto, TC, 11-7-95.)

A Subdirectora, *Manuela Mendonça*.

Aviso. — 1 — Faz-se público que por despacho de 18-5-95 do director dos Arquivos Nacionais/Torre do Tombo, se encontra aberto, pelo prazo de quinze dias a contar da data da publicação do presente aviso no DR, concurso interno geral de acesso com vista ao preenchimento de uma vaga de técnico-adjunto especialista, da carreira de técnico-adjunto de biblioteca e documentação, do quadro de pessoal da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora, criada pela Port. 418/92, de 22-5.

2 — Legislação aplicável:

- a) Dec.-Lei 498/88, de 30-12.
- b) Dec.-Lei 353-A/89, de 16-10.
- c) Dec.-Lei 427/89, de 7-12.
- d) Dec.-Lei 247/91, de 10-7.

3 — Validade do concurso — o concurso é válido até ao preenchimento do lugar a que se reporta este aviso.

4 — Conteúdo funcional — o constante do mapa II anexo ao Dec.-Lei 247/91, de 10-7.

5 — Local de trabalho, vencimento, condições de trabalho e regalias sociais — o local de trabalho situa-se em Évora, sendo o vencimento correspondente à tabela de vencimentos da função pública e as condições de trabalho e as regalias sociais as genericamente vigentes para os funcionários da administração central.

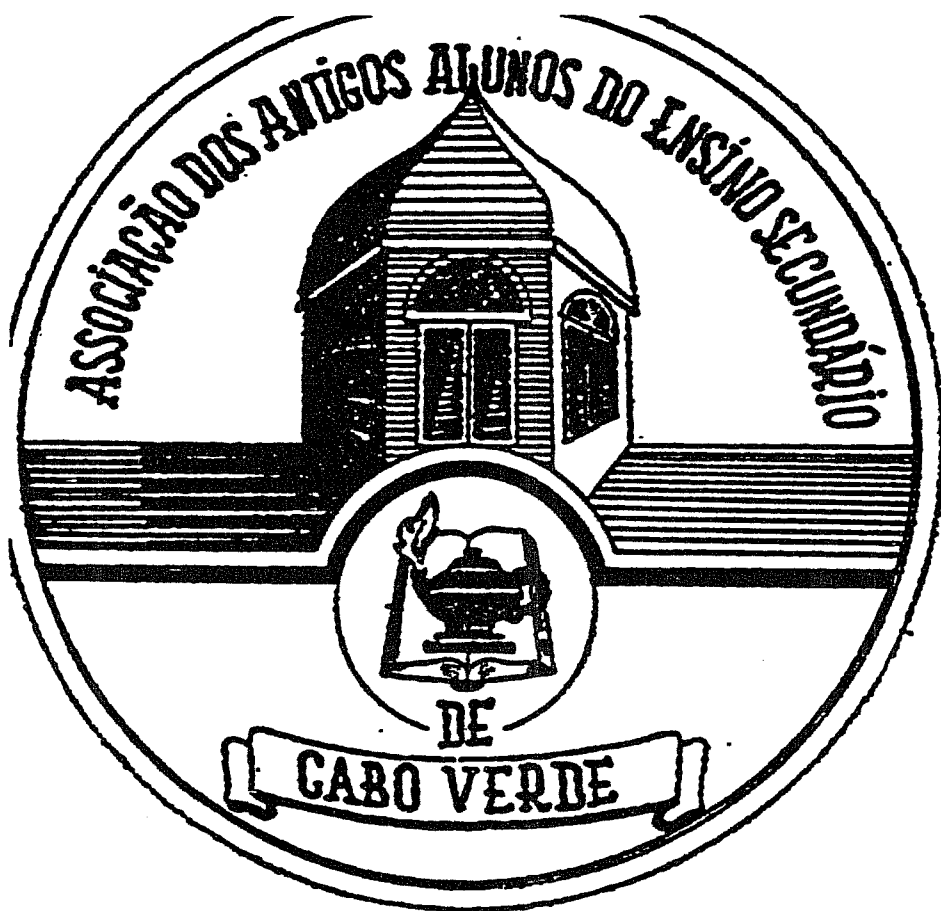
6 — Requisitos de admissão ao concurso — ser funcionário da administração central e encontrar-se nas situações previstas na al. a) do n.º 2 do art. 6.º do Dec.-Lei 247/91, de 10-7.

7 — Métodos de selecção:

- a) Avaliação curricular;
- b) Entrevista profissional de selecção, caso o júri do concurso assim o entenda.

ANEXO Nº 14

**Regulamento Interno da Associação dos Antigos
Alunos do Ensino Secundário de Cabo-Verde**



ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ALUNOS DO ENSINO SECUNDÁRIO DE CABO VERDE

REGULAMENTO INTERNO

**Aprovado em Assembleia Geral de
26 de Novembro de 1994**

REGULAMENTO INTERNO

- 1º - Associação dos Antigos Alunos do Ensino Secundário de Cabo Verde é o nome da Associação.
- 2º - O emblema oficial da Associação é constituído por um espaço circular contendo, na parte central, a reprodução da cúpula do edifício onde funcionou o primeiro Liceu de Cabo Verde, na cidade do Mindelo, em S. Vicente, inicialmente chamado "LICEU DO INFANTE D. HENRIQUE" e, posteriormente, de "LICEU DE GIL EANES". A cúpula é encimada pelos dizeres, em arco, "ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ALUNOS" que se complementam com a expressão "DE CABO VERDE", inscrita numa faixa ondulada, que se encontra inserida na parte inferior do círculo que limita o emblema, faixa que, por sua vez, é encimada pela imagem de um livro aberto, tendo, sobre as páginas, uma candeia acesa, simbolizando o ESTUDO e a MEDITAÇÃO. O conjunto "livro aberto e candeia acesa" está delimitado por um outro círculo. As reproduções do emblema são sempre a preto e branco.
- 3º - A Bandeira da Associação é constituída por um rectângulo em pano azul tendo ao centro o Emblema da Associação, circundado pela imagem das Ilhas do Arquipélago de Cabo Verde bordado a preto.
- 4º - A admissão, como sócio efectivo ou sócio extraordinário da Associação, será solicitada à Direcção em proposta devidamente subscrita.
- 5º - Não podem ser admitidos como sócios da Associação quem tenha praticado actos, publicamente conhecidos, que a moral repudia ou tenha sido afastado de qualquer instituição por motivos que se considerem indignos.
- 6º - São condições para o exercício da faculdade concedida aos Sócios Extraordinários no Artº 10º dos Estatutos:
 - a) - Regularidade no pagamento das quotas;
 - b) - Ter demonstrado durante o período de dois anos manifesto interesse pela vida da Associação.

- 7º - A proposta para admissão de sócio conterà os elementos seguintes:
- Nome, data de nascimento, naturalidade, nacionalidade, residência, profissão, número de telefone, local onde foi aluno ou leccionou e assinatura do proposto.
- 8º - Com a proposta serão entregues duas fotografias tipo passe e a importância correspondente à soma dos valores da joia, de uma quota mensal, fixados pela Assembleia Geral, do cartão de sócio, do exemplar dos Estatutos e do Regulamento Interno.
- 9º - Fica implícita a declaração formal de que o candidato acata incondicionalmente todas as clausulas dos Estatutos e do Regulamento Interno da Associação.
- 10º - Se fôr rejeitada a admissão de sócio, a importância referida no Artº 8º será restituída.
- 11º - Os sócios que tenham sido demitidos por falta de pagamento de quotas poderão pedir a sua readmissão, com pagamento das quotas em atrazo.
- 12º - Compete à Assembleia Geral deliberar sobre a readmissão de sócios que tenham sido demitidos.
- 13º - O pagamento mensal das quotas deve ser efectuado até ao dia 15 do mês respectivo, na Sede da Associação, podendo ser feito antecipadamente.
- 14º - É obrigatória a exhibição do cartão de sócio com a quota em dia, considerando-se para tal a do mês anterior, sempre que tal seja exigido.
- 15º - Os sócios, enquanto empregados da Associação, não podem tomar parte nos trabalhos da Assembleia Geral, em assuntos que lhe digam respeito, nem votar ou ser votado para qualquer cargo.
- 16º - Os sócios não podem ser propostos ou eleitos para desempenharem qualquer cargo desde que não tenham as quotas em dia, nos termos do Artº 14º, ou tenham sobre si qualquer processo disciplinar.
- 17º - A eleição para os Orgãos Sociais da Associação será feita bienalmente, no mês de Dezembro do ano do termo do mandato dos Orgãos Sociais.

Assembleia Geral até ao dia 30 de Novembro do ano da eleição.

- 20º - No caso de eleições extraordinárias as listas eleitorais deverão ser apresentadas ao Presidente da Assembleia Geral até 30 dias antes da data marcada para as eleições.
- 21º - A posse dos eleitos será dada pelo Presidente da Assembleia Geral na reunião em que fôr discutida e aprovado o Relatório e Contas da Direcção cessante.
- 22º - A Assembleia Geral pode alterar as suas próprias deliberações.
- 23º - O Presidente da Mesa da Assembleia Geral pode suspender os trabalhos de uma Assembleia desde que tenha motivo justificado e marcará de seguida a data da sua continuação.
- 24º - Nas reuniões da Assembleia Geral podem ser apresentados os assuntos de interesse para a Associação, estranhos à Ordem dos Trabalhos, durante um período limitado e a estabelecer pela Assembleia Geral no início da reunião.
- 25º - Faltando o Presidente da Assembleia Geral, será substituído pelo Vice-Presidente e, na ausência de ambos, assumirá a presidência, por escolha da Assembleia, qualquer dos sócios presentes.
- 26º - Faltando o Secretário e o Suplente, será o Presidente da Mesa a propor um sócio, de entre os presentes, para suprir a falta.
- 27º - Os assistentes à Assembleia Geral assinarão a sua presença em documento especialmente adaptada para esse fim e do qual constam o nome, assinatura e número do sócio.
- 28º - Compete ao Conselho Fiscal examinar mensalmente toda a documentação dos Serviços de Contabilidade, Tesouraria e Caixa.

- Artº 29º - O Conselho Fiscal verificará se as despesas efectuadas estão devidamente documentadas e autorizadas pela Direcção.
- Artº 30º - O Conselho Fiscal deverá, sempre que o entender, pedir a confirmação documental dos saldos das contas de Depósito.
- Artº 31º - Além das atribuições estabelecidas no Artº 23º dos Estatutos, nos seus números 1 a 12, à Direcção, que tem o poder executivo, compete ainda:
- a) - Submeter à Assembleia Geral, para aprovação, o Orçamento Ordinário;
 - b) - Outorgar contratos de exploração de serviços e obras a executar;
 - c) - Indicar e escalar, semanalmente, o Director de Serviço.
- Artº 32º - Os sócios podem, nas visitas à Sede da Associação, fazer-se acompanhar de convidados, especialmente não residentes. Quando isso se verificar os convidados devem ser apresentados à Direcção ou ao Director de Serviço. Os sócios são sempre responsáveis pelo comportamento dos seus convidados e responsáveis pelos prejuízos materiais que eles possam causar.
- Artº 33º - Compete ao Director de Serviço pugnar pela manutenção da ordem e disciplina dentro da Sede. No exercício da função representa a Direcção da Associação e em seu nome poderá tomar as decisões e deliberações necessárias e julgadas oportunas e convenientes para o prestígio e bom nome da Associação. Dos acontecimentos verificados e dos actos praticados dará posteriormente conhecimento, por escrito, à Direcção.
- Artº 34º - O aumento da quotização mensal e da joia será proposto pela Direcção à Assembleia Geral.
- Artº 35º - As deliberações de quaisquer dos Órgãos Sociais serão tomadas por maioria e cada membro tem direito a um voto. No caso de igualdade o Presidente tem direito a voto de qualidade.
- Artº 36º - É obrigatória a feitura de uma Acta de todas as reuniões de quaisquer dos Órgãos Sociais.
- Artº 37º - As alterações dos Estatutos e do Regulamento Interno